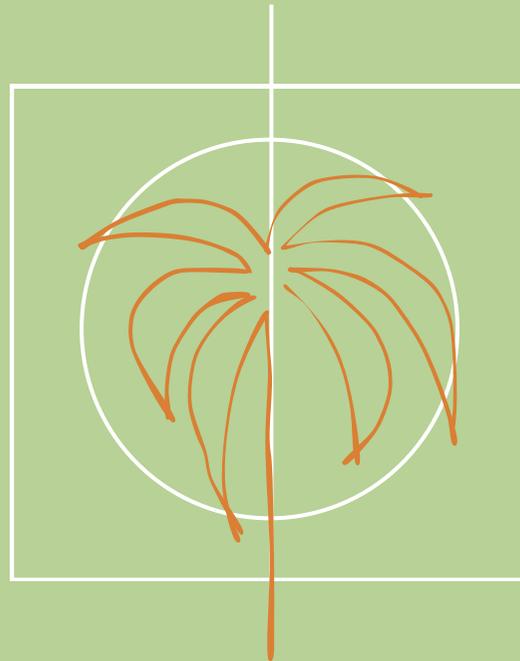


UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
ARQUITETURA E URBANISMO  
RAFAELA SILVA LINS  
ORIENTADORA: ANA RITA SÁ CARNEIRO  
CO-ORIENTADOR: LUIZ GOES VIEIRA FILHO

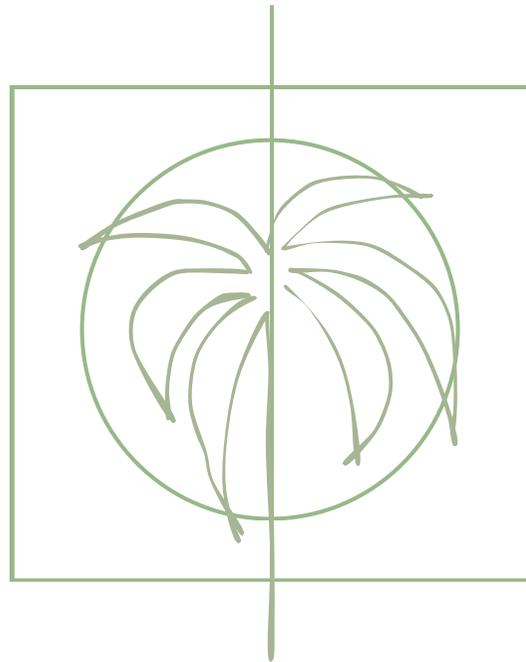


PARQUE DO CORDEIRO: UMA PAISAGEM PARA SER VIVIDA

RECIFE,  
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
ARQUITETURA E URBANISMO

## PARQUE DO CORDEIRO: UMA PAISAGEM PARA SER VIVIDA



Trabalho de graduação apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo – DAU – da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da professora Ana Rita Sá Carneiro e co-orientação do professor Luiz Goes Viera Filho.

RECIFE,  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lins, Rafaela Silva.

Parque do Cordeiro: uma paisagem para ser vivida / Rafaela Silva Lins. -  
Recife, 2023.  
167 p. : il.

Orientador(a): Ana Rita Sá Carneiro

Coorientador(a): Luiz Goes Vieira Filho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -  
Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. paisagem. 2. parque urbano. 3. sistema de espaços livres. 4. história urbana.  
5. Recife. I. Carneiro, Ana Rita Sá. (Orientação). II. Vieira Filho, Luiz Goes.  
(Coorientação). IV. Título.

720 CDD (22.ed.)

# AGRADECIMENTOS

Sou grata aos meus pais, Flavius e Flávia pelo amor e a confiança de que eu seria capaz de passar pelos desafios da formação acadêmica e do início da jornada profissional. Obrigada por desde sempre terem valorizado a minha educação e investido em mim para que eu tivesse a oportunidade de passar pelo curso superior com menos lutas que vocês. Também agradeço à minha irmã Daniela que através da sua personalidade despreocupada me lembra todos os dias que existe vida além do trabalho. À Irleide, minha mãe de coração pelo apoio incondicional.

Deixo um agradecimento especial para Guilherme, sem seu companheirismo de todos os dias e seu suporte nas mais diversas questões - teóricas, práticas, psicológicas, metafísicas ou filosóficas - dentro desse trabalho, durante todo o curso e na minha vida, talvez meu caminho tivesse tomado outros rumos. Obrigada por me inspirar a querer ir além.

Agradeço também à toda minha família pelo incentivo e carinho, especialmente aos meus avós Dorotea, Vanildo, Bernadete e João pelas memórias e histórias antigas que me ajudaram a enxergar com outros olhos meu objeto de estudo, aos meus tios Vagner, Fernanda, Renato, Marcela e Adriene pela força e investimento na minha formação, especialmente a Esdras que me recomendou a carreira acadêmica e se alegrou por mim com as minhas primeiras publicações.

Sou imensamente grata a todos os meus amigos. Aos que encontrei pela vida e são de longa data: Rachel, Alexandre, Raquel, Jéssica e Jean, obrigada pelos momentos que tornaram a caminhada mais tranquila e por suportarem as ausências típicas do estudante de arquitetura, sempre prontos para me receber de braços abertos quando eu aparecia. E aos amigos que o curso me presenteou, em especial a Carol, Willy, Hellena, Day, Lívia, Laís, Letícia, Thales, Vinicius, Junior e Renato com os quais dividi experiências, trabalhos, concursos, ansiedades e desabafos, mas também conselhos, conversas e sucessos. Obrigada por terem tornado as alegrias da faculdade ainda melhores e as tristezas suportáveis, só por conhecer vocês a graduação já valeria a pena, mas agora posso compartilhar com todos a felicidade de concluir esse ciclo.

Obrigada aos meus professores pelas lições, em especial as mulheres arquitetas que me formaram e foram essenciais para que eu chegasse nesse ponto: a Guilah Naslavsky por ter me recebido no LIAU desde o início do curso, por me ensinar a pesquisar e pelas inúmeras oportunidades e vivências acadêmicas que me proporcionou. A minha orientadora Ana Rita que me acolheu no Laboratório da Paisagem já no fim da graduação e, em um período difícil para mim, confiou que eu seria capaz, me incentivou sobre a relevância do meu trabalho e me conduziu nessa etapa final juntamente com meu co-orientador Luiz Vieira que trouxe uma nova perspectiva e novo fôlego para o projeto. A Lúcia Veras que esteve comigo nos dois extremos do curso, abertura e fechamento, obrigada por me lembrar que projetos tem muita alma. E por fim ao professor Joelmir Marques, responsável por despertar meu interesse em paisagem, pagaria novamente todas as eletivas que você ministra. Agradeço a todos vocês por seu trabalho e pela dedicação e paixão que têm pelo que fazem, vocês transbordam.

Também agradeço a José Ulisses da Secretaria de Desenvolvimento Agrário, a João Teobaldo da ExpoAgro e a todos da organização da feira pela gentileza de me ajudar sanando as dúvidas e fornecendo material para que esse trabalho fosse realizado propriamente.

A Deus pelo sustento e por ter colocado Arquitetura e Urbanismo no meu coração, Seus sonhos são imensamente maiores que os meus.



**EPÍGRAFE**

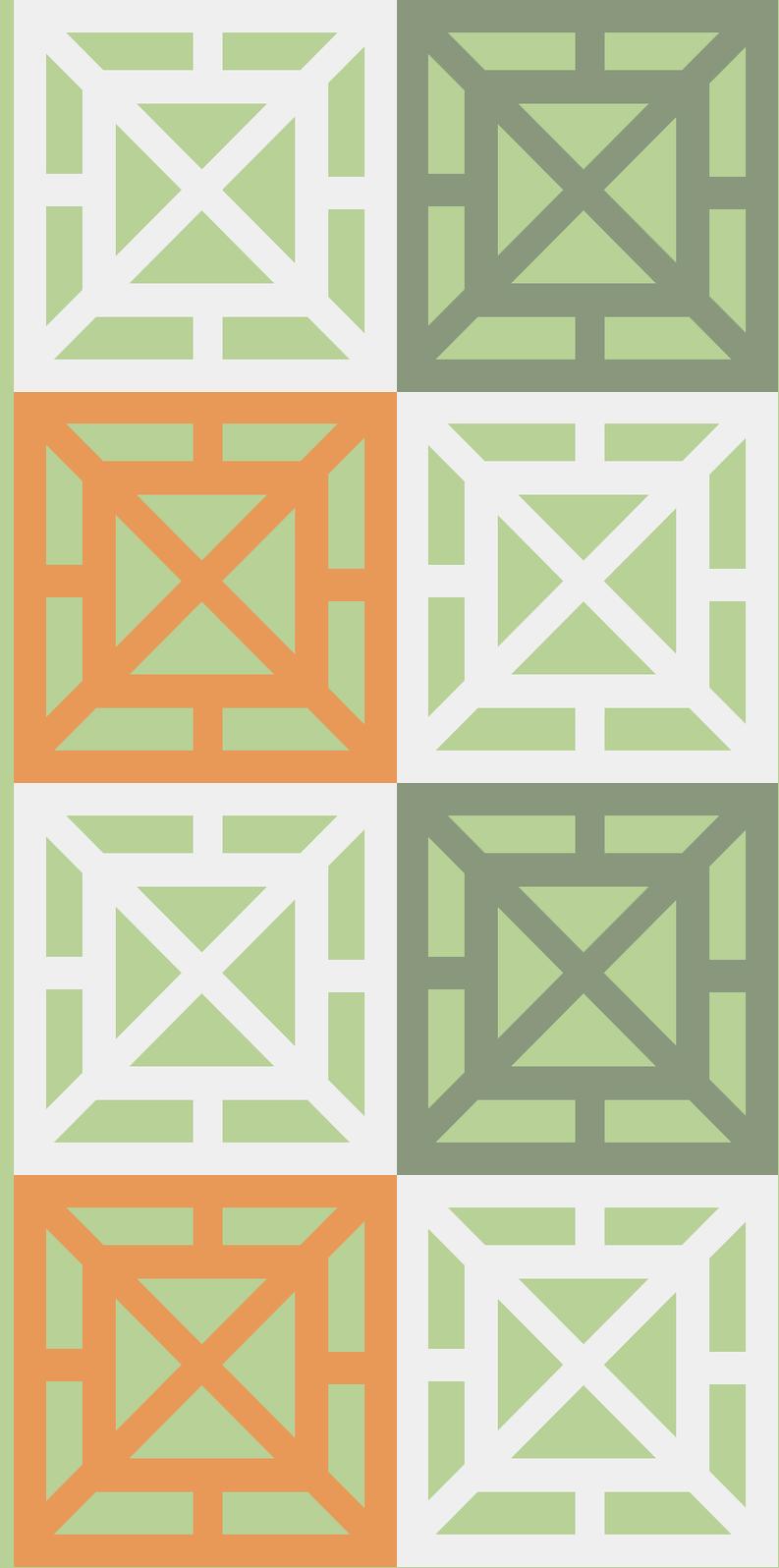
A arquitetura como construir portas,  
de abrir; ou como construir o aberto;  
construir, não como ilhar e prender,  
nem construir como fechar secretos;  
construir portas abertas, em portas;

João Cabral de Melo Neto

## RESUMO

O presente trabalho tem como foco o Parque do Cordeiro e insere-se nos estudos da paisagem, com natureza investigativa e propositiva. Parte-se do potencial paisagístico do objeto de estudo que se encontra em situação de subutilização e precariedade, portanto, o objetivo principal é elaborar um exercício de paisagem que priorize a requalificação e incremento da estrutura conectora do Parque Professor Antônio Coelho (Cordeiro, Recife - PE), contemplando diretrizes projetuais para valorização e vivência desse espaço. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória a fim de compreender o parque a partir de dois segmentos: o aprofundamento nos conceitos de paisagem e de espaços livres públicos, seguida pelo diagnóstico e leitura do território efetuados por meio da coleta de dados espaciais, socioeconômicos e históricos. Por fim, apresentam-se diretrizes para um tratamento urbano-paisagístico adequado às condicionantes e atributos desse espaço.

**Palavras-chave:** Paisagem; parque urbano; sistema de espaços livres; história urbana; Recife.



## ABSTRACT

This piece of work is centered around the Parque do Cordeiro and is a part of the landscape studies that are investigative and propositional in nature. The aim is to explore the potential of the landscape of the study object, which is currently not utilized to its full potential and is in a state of disrepair. The primary objective is to develop a landscape exercise that prioritizes the requalification and enhancement of the connecting structure of Parque Professor Antônio Coelho (Cordeiro, Recife - PE) by providing design guidelines for the valorization and experience of this space. To achieve this, an exploratory research was conducted that included understanding the park from two perspectives: a deep dive into the concepts of landscape and public open spaces, followed by a diagnosis and analysis of the territory through the collection of spatial, socioeconomic, and historical data. Lastly, guidelines are presented for an urban-landscape treatment that is appropriate to the conditions and attributes of this space.

**Palavras-chave:** Landscape; urban park; system of open spaces; urban history; Recife.

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

## FIGURAS

FIGURA 1 - Localização da área de estudo desde a região metropolitana .....	21
FIGURA 2 - Localização do parque .....	22
FIGURA 3 - Vista “a” .....	22
FIGURA 4 - Vista “b” .....	22
FIGURA 5 - Vista “c” .....	22
FIGURA 6 - Vista “d” .....	22
FIGURA 7 - Vista “e” .....	22
FIGURA 8 - Área de abrangência dos dados estatísticos ambientais, urbanísticos e socioeconômicos .....	23
FIGURA 9 - Localização do Engenho do Cordeiro na Planta do Recife e seus Arrabaldes .....	25
FIGURA 10 - Trecho da Planta do Porto de Pernambuco e Cidade do Recife na primeira metade do 17º século .....	26
FIGURA 11 - Trecho da Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes .....	27
FIGURA 12 - Trecho da Planta do Porto de Pernambuco e Cidade do Recife e seus arredores .....	28
FIGURA 13 - Entrada do Parque do Cordeiro .....	29
FIGURA 14 - Escultura comemorativa de fundação do parque .....	35
FIGURA 15 - Antigo apiário do Parque da Produção Animal do Cordeiro .....	36
FIGURA 16 - Sede da Diretoria da Produção Animal do Estado de Pernambuco do Parque da Produção Animal do Cordeiro .....	36
FIGURA 17 - Pavilhões do Parque da Produção Animal do Cordeiro .....	36
FIGURA 18 - Recorte de periódico anuncia venda de unidades em loteamento no Cordeiro .....	37
FIGURA 19 - Perspectiva do projeto de arquibancada de cimento armado para o Parque da Produção Animal do Cordeiro .....	37
FIGURA 20 - Primeira edição da Exposição de Animais e Produtos Derivados com entrada franca no Parque da Produção Animal do Cordeiro .....	37
FIGURA 21 - Pórtico da VI Exposição Nordestina de Animais em Recife .....	38
FIGURA 22 - Dr. Renato Farias e membros da comissão julgadora sob guarda-sol no parque .....	38
FIGURA 23 - Um setor da pista de desfile .....	38
FIGURA 24 - O ministro Apolônio Sales apreciando a novilha premiada .....	38
FIGURA 25 - Planta da Cidade do Recife e Arredores por Luiz Gonzaga de Oliveira .....	38
FIGURA 26 - Planta do Parque de Exposição da S.A.I.C. Departamento de Fomento Agro-pecuário, Cordeiro - Recife - PE .....	39
FIGURA 27 - Cobertura aerofotogramétrica da área do Parque Professor Antônio Coelho .....	39
FIGURA 28 - Feira dos Municípios, Recife 28/10/1977 - Parque do Cordeiro .....	40
FIGURA 29 - Levantamento aerofotogramétrico executado em 1980 por PROJETEC-Projetos Técnicos LTDA .....	40

FIGURA 30 - Cobertura aerofotogramétrica da área do Parque Professor Antônio Coelho .....	41
FIGURA 31 - Sulanca - Recife, Cordeiro (1993) - Parque do Cordeiro .....	41
FIGURA 32 - Mapa Base Imagem Satélite QB .....	41
FIGURA 33 - Mapa Base Ortofoto .....	42
FIGURA 34 - Imagem de satélite da área do Parque Professor Antônio Coelho .....	42
FIGURA 35 - Mapa Esquemático de Época de Construção .....	43
FIGURA 36 - Recorte de periódico mostra vista aérea do Parque do Cordeiro .....	46
FIGURA 37 - Situação do casarão do século XIX em estágio de ruínas .....	47
FIGURA 38 - Situação do casarão do século XIX em estágio de ruínas .....	47
FIGURA 39 - Insuficiência de mobiliário e falta de manutenção leva os usuários a se apropriar dos tanques e desníveis como assento .....	48
FIGURA 40 - Insuficiência de mobiliário e falta de manutenção leva os usuários a se apropriar dos tanques e desníveis como assento .....	48
FIGURA 41 - Acúmulo de resíduos no parque .....	49
FIGURA 42 - Edificações sem uso no parque .....	49
FIGURA 43 - Edificações sem uso no parque .....	49
FIGURA 44 - Veículos públicos abandonados e estacionados no parque .....	50
FIGURA 45 - Veículos públicos abandonados e estacionados no parque .....	50
FIGURA 46 - Falta de manutenção e tratamento da vegetação do parque .....	50
FIGURA 47 - Falta de manutenção e tratamento da vegetação do parque .....	50
FIGURA 48 - Esquema de localização dos usos atuais e acessos do parque .....	53
FIGURA 49 - Esquema de raio de influência do parque .....	54
FIGURA 50 - Vista do Cais do parque do Caiara .....	55
FIGURA 51 - Mapa de Cheios e Vazios e Cobertura Vegetal .....	56
FIGURA 52 - Pç. Áureo Xavier .....	56
FIGURA 53 - Pç. Prof. Coelho de Almeida .....	56
FIGURA 54 - Pç. da Av. Maurício de Nassau .....	56
FIGURA 55 - Pç. Dom José Pereira Alves .....	56
FIGURA 56 - Mapa de fluxos .....	58
FIGURA 57 - Mapa de gabarito .....	60
FIGURA 58 - Mapa de uso do solo .....	61
FIGURA 59 - Feira livre da Bomba Grande .....	62
FIGURA 60 - Feira de bordados da Avenida Maurício de Nassau, próxima ao parque .....	62
FIGURA 61 - Feira do troca de animais .....	63
FIGURA 62 - Criação de cavalos nas margens da Avenida Maurício de Nassau, próximo ao parque .....	63
FIGURA 63 - Criação de cavalos nas margens da Avenida Maurício de Nassau, próximo ao parque .....	63

FIGURA 64 - Comércio especializado na Avenida Caxangá, próximo ao parque .....	64
FIGURA 65 - Comércio especializado na Avenida Caxangá, próximo ao parque .....	64
FIGURA 66 - Maquete eletrônica do Caxangá Shopping .....	65
FIGURA 67 - Maquete eletrônica do Caxangá Shopping .....	65
FIGURA 68 - ETE e estrutura em concreto do Hospital Luiz Felipe Brennand .....	67
FIGURA 69 - ETE e estrutura em concreto do Hospital Luiz Felipe Brennand .....	67
FIGURA 70 - Mapa de zoneamento do plano diretor .....	68
FIGURA 71 - Resumo esquemático do aporte teórico .....	80
FIGURA 72 - Expointer no Parque Assis Brasil .....	84
FIGURA 73 - Vistas do Parque de Exposição Água Branca (SP) .....	85
FIGURA 74 - Esculturas e monumentos do parque .....	89
FIGURA 75 - Esculturas e monumentos do parque .....	89
FIGURA 76 - Esculturas e monumentos do parque .....	89
FIGURA 77 - Esculturas e monumentos do parque .....	89
FIGURA 78 - Esculturas e monumentos do parque .....	89
FIGURA 79 - Esculturas e monumentos do parque .....	89
FIGURA 80 - Esculturas e monumentos do parque .....	89
FIGURA 81 - Tanques de peixes próximos a entrada principal do parque .....	90
FIGURA 82 - Transeuntes aproveitam vista do lago do parque .....	91
FIGURA 83 - Levantamento florístico básico das espécies existentes .....	93
FIGURA 84 - Animais soltos pastam no parque .....	95
FIGURA 85 - Percurso da caminhada exploratória .....	96
FIGURA 86 - Percurso da caminhada exploratória .....	96
FIGURA 87 - Pavilhões de exposição .....	96
FIGURA 88 - Pavilhões de exposição .....	96
FIGURA 89 - Mapa Esquemático de Apropriação Cotidiana .....	97
FIGURA 90 - Tratadores oferecem água aos cavalos .....	98
FIGURA 91 - Movimentação no entorno da pista de desfile .....	98
FIGURA 92 - Feira de artesanato durante exposição de animais e produtos derivados .....	98
FIGURA 93 - Feira de artesanato durante exposição de animais e produtos derivados .....	98
FIGURA 94 - Apresentações culturais e parque de diversões durante exposição de animais .....	99
FIGURA 95 - Apresentações culturais e parque de diversões durante exposição de animais .....	99
FIGURA 96 - Visitantes no ponto de venda de leite fresco .....	100
FIGURA 97 - Visitantes nos pavilhões com bovinos .....	100

FIGURA 98 - <b>Aglomeraco na entrada principal do parque</b> .....	100
FIGURA 99 - <b>Aglomeraco no final da fila da bilheteria</b> .....	100
FIGURA 100 - <b>Banner da 79 Exposio de Animais e Produtos Derivados sobre o pórtico do parque</b> .....	101
FIGURA 101 - <b>Stands da UFRPE na Exposio de Animais e Produtos Derivados</b> .....	102
FIGURA 102 - <b>Stands da UFRPE na Exposio de Animais e Produtos Derivados</b> .....	102
FIGURA 103 - <b>Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos</b> .....	102
FIGURA 104 - <b>Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos</b> .....	102
FIGURA 105 - <b>Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos</b> .....	103
FIGURA 106 - <b>Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos</b> .....	103
FIGURA 107 - <b>Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos</b> .....	103
FIGURA 108 - <b>Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos</b> .....	103
FIGURA 109 - <b>Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos</b> .....	103
FIGURA 110 - <b>Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos</b> .....	103
FIGURA 111 - <b>Mapa Esquemático de Apropriao nos Eventos</b> .....	104
FIGURA 112 - <b>Atributos paisagísticos do Parque do Cordeiro</b> .....	105
FIGURA 113 - <b>Registro dos locais de coleta de dados</b> .....	106
FIGURA 114 - <b>Usos cotidianos do parque</b> .....	110
FIGURA 115 - <b>Usos cotidianos do parque</b> .....	110
FIGURA 116 - <b>Usos cotidianos do parque</b> .....	110
FIGURA 117 - <b>Usos cotidianos do parque</b> .....	110
FIGURA 118 - <b>Nuvem de palavras sobre as lembrancas dos usuários em relao a área</b> .....	111
FIGURA 119 - <b>Colagem representando principais cenrios vistos do eixo articulador principal que interliga a Av. Caxangá e o rio Capibaribe</b> .....	115
FIGURA 120 - <b>Mapa esquemático de estado de conservao das construes</b> .....	116
FIGURA 121 - <b>Exemplos de edificaes mantidas na proposta</b> .....	117
FIGURA 122 - <b>Exemplos de edificaes mantidas na proposta</b> .....	117
FIGURA 123 - <b>Exemplos de edificaes mantidas na proposta</b> .....	117
FIGURA 124 - <b>Exemplos de edificaes mantidas na proposta</b> .....	117
FIGURA 125 - <b>Mapa esquemático de cheios e vazios na situao atual e proposta</b> .....	118
FIGURA 126 - <b>Mapas esquemáticos de concepo do parque da Cidade de Pindamonhangaba</b> .....	119
FIGURA 127 - <b>Mapas esquemáticos de concepo do parque da Cidade de Pindamonhangaba</b> .....	119
FIGURA 128 - <b>Masterplan, áreas produtivas e áreas de comércio do Parc des Dondaines</b> .....	120
FIGURA 129 - <b>Masterplan, áreas produtivas e áreas de comércio do Parc des Dondaines</b> .....	120
FIGURA 130 - <b>Masterplan, áreas produtivas e áreas de comércio do Parc des Dondaines</b> .....	120
FIGURA 131 - <b>Trecho esportivo e trecho de lazer contemplativo do Parque da Juventude</b> .....	121

FIGURA 132 - Trecho esportivo e trecho de lazer contemplativo do Parque da Juventude .....	121
FIGURA 133 - Mapa de setorização do Parque da Juventude .....	121
FIGURA 134 - Mapa síntese das análises urbanas .....	123
FIGURA 135 - Mapa esquemático de espaços livres e suas vocações .....	125
FIGURA 136 - Esquema dos setores do parque e usos âncora a eles relacionados .....	125
FIGURA 137 - Diagrama de zoneamento funcional .....	126
FIGURA 138 - Processo de trabalho mostrando produtos de assessoramentos e dos estudos dos eixos de força e recantos propostos .....	127
FIGURA 139 - Processo de trabalho mostrando produtos de assessoramentos e dos estudos dos eixos de força e recantos propostos .....	127
FIGURA 140 - Processo de trabalho mostrando produtos de assessoramentos e dos estudos dos eixos de força e recantos propostos .....	127
FIGURA 141 - Ampliação dos estudos para setores específicos .....	128
FIGURA 142 - Ampliação dos estudos para setores específicos.....	128
FIGURA 143 - Ampliação dos estudos para setores específicos .....	128
FIGURA 144 - Ampliação dos estudos para setores específicos .....	128
FIGURA 145 - Diagrama da estrutura conectora .....	129
FIGURA 146 - Perspectivas esquemáticas demonstrando interação entre os caminhos .....	130
FIGURA 147 - Perspectivas esquemáticas demonstrando interação entre os caminhos .....	130
FIGURA 148 - Corte esquemático AA' .....	131
FIGURA 149 - Corte esquemático BB' .....	131
FIGURA 150 - Painel resumo dos materiais propostos .....	133
FIGURA 151 - Referência do mapa do Cais da Vila Vintém (Recife) em aço corten e placas de sinalização da marca MMcité .....	134
FIGURA 152 - Referência do mapa do Cais da Vila Vintém (Recife) em aço corten e placas de sinalização da marca MMcité .....	134
FIGURA 153 - Vista voo de pássaro da proposta inserida no entorno .....	135
FIGURA 154 - Ampliação setor da contemplação e dos serviços proposto .....	136
FIGURA 155 - Modelagem do jardim das mangueiras e do lago no setor da contemplação e dos serviços .....	137
FIGURA 156 - Modelagem do jardim das mangueiras e do lago no setor da contemplação e dos serviços .....	137
FIGURA 157 - Modelagem das cavalariças, pavilhões e seus monumentos no setor da tradição .....	137
FIGURA 158 - Modelagem das cavalariças, pavilhões e seus monumentos no setor da tradição .....	137
FIGURA 159 - Ampliação setor da tradição proposto .....	138
FIGURA 160 - Ampliação setor institucional proposto .....	139
FIGURA 161 - Modelagem demonstrando ateliê do parque, casa do produtor e redários no setor institucional .....	140
FIGURA 162 - Modelagem demonstrando ateliê do parque, casa do produtor e redários no setor institucional .....	140
FIGURA 163 - Modelagem demonstrando sementeira e área de eventos no setor do ensino, produção e exposição .....	140
FIGURA 164 - Modelagem demonstrando meliponário e campos de flores no setor do ensino, produção e exposição .....	140
FIGURA 165 - Ampliação de trecho do setor do ensino, produção e exposição proposto .....	141
FIGURA 166 - Croqui exemplificando uso flexível do campo de eventos proposto .....	142
FIGURA 167 - Ampliação de trecho do setor do ensino, produção e exposição proposto .....	143
FIGURA 168 - Ampliação do setor do lazer, cultura e infância proposto .....	144

FIGURA 169 - Modelagem demonstrando vista voo de pássaro da praça de eventos, anfiteatro, quadras infantis e espaço gastronômico .....	145
FIGURA 170 - Modelagem demonstrando vista do observador do acesso ao eixo principal no setor da cultura, lazer e infância .....	145
FIGURA 171 - Ampliação do setor das águas proposto .....	146
FIGURA 172 - Modelagem demonstrando ruínas do casarão com exposição ao ar livre e o mirante e píer flutuante no setor das águas .....	147
FIGURA 173 - Modelagem demonstrando ruínas do casarão com exposição ao ar livre e o mirante e píer flutuante no setor das águas .....	147
FIGURA 174 - Diagrama de vegetação proposta.....	148
FIGURA 175 - Painel resumo da vegetação proposta .....	149

## GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Leitura das respostas referentes à gênero e faixa etária dos respondentes .....	106
GRÁFICO 2 - Leitura das respostas referentes à gênero e faixa etária dos respondentes .....	106
GRÁFICO 3 - Leitura das respostas referentes à consulta realizada sobre bairro de residência .....	107
GRÁFICO 4 - Leitura das respostas referentes à consulta realizada sobre bairro de residência .....	107
GRÁFICO 5 - Leitura das respostas referentes à consulta realizada sobre bairro de residência .....	107
GRÁFICO 6 - Consulta à população quanto ao ponto de referência da área estudada .....	107
GRÁFICO 7 - Consulta à população quanto a frequência de utilização dos espaços públicos do bairro do Cordeiro .....	108
GRÁFICO 8 - Consulta à população quanto a frequência de utilização dos espaços públicos do bairro do Cordeiro .....	108
GRÁFICO 9 - Consulta a população a respeito do conhecimento sobre o Parque do Cordeiro .....	109
GRÁFICO 10 - Consulta a população a respeito da visitação ao Parque do Cordeiro .....	109
GRÁFICO 11 - Consulta a população a respeito da visitação ao Parque do Cordeiro .....	109
GRÁFICO 12 - Consulta a população a respeito da visitação ao Parque do Cordeiro .....	109
GRÁFICO 13 - Consulta a população a respeito da utilização do Parque do Cordeiro .....	110
GRÁFICO 14 - Consulta a população a respeito da utilização do Parque do Cordeiro .....	110
GRÁFICO 15 - Consulta ao público a respeito da memória afetiva da população em relação ao parque do Cordeiro .....	111
GRÁFICO 16 - Consulta a população a respeito de problemas e o que sentem falta no Parque do Cordeiro .....	112
GRÁFICO 17 - Consulta a população a respeito de problemas e o que sentem falta no Parque do Cordeiro .....	112

## QUADROS

QUADRO 1 - Leitura dos principais usos do espaço ao longo do tempo .....	43
QUADRO 2 - Leitura dos principais usos do espaço na atualidade.....	51

# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ABBC** - Associação Brasileira dos Criadores de Caprinos  
**ACMM** - Associação de Criadores de Cavalos Mangalarga Machador  
**ACCEP** - Associação dos Criadores de Coelhos de Pernambuco  
**ACNN** - Associação dos Criadores de Nelore do Nordeste  
**ALEPE** - Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco  
**AOPE** - Associação Ornitológica do Cordeiro  
**ASP** - Associação de Parkinson do Cordeiro  
**ASPE** - Associação dos Criadores de Suínos do Estado de Pernambuco  
**ASSEPRA** - Associação dos Servidores da Secretaria de Produção Rural e Reforma Agrária  
**BRT** - Bus Rapid Transit  
**CAPEL** - Cooperativa de Apicultores de Pernambuco  
**CELPE** - Companhia de Eletricidade de Pernambuco  
**CEASA** - Centro Estadual de Abastecimento  
**COMPAZ** - Centro Comunitário da Paz  
**COMPESA** - Companhia Pernambucana de Saneamento  
**CONDEPE/FIDEM** - Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco  
**CONPRESP** - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo  
**D.P.A.** - Departamento de Produção Animal  
**DETRAN** - Departamento Estadual de Trânsito  
**DHPP** - Departamento de Homicídio e Proteção à Pessoa  
**DIRCON** - Diretoria Executiva de Controle Urbano do Recife  
**DPPC** - Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural  
**EMLURB** - Empresa de Limpeza e Manutenção Urbana  
**EMATER - PE** - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Pernambuco  
**EPTI** - Empresa Pernambucana de Transporte Intermunicipal

**EREM** - Escolas de Referência em Ensino Médio  
**ESIG** - Sistema de Informações Geográficas do Recife  
**FECIN** - Feira do Comércio e Indústria do Nordeste  
**FUNDAJ** - Fundação Joaquim Nabuco  
**FUNTEP** - Fundo de Terra do Estado de Pernambuco  
**GOE-Recife** - Grupo de Operações Especiais  
**IFPE** - Instituto Federal de Pernambuco  
**IPA** - Instituto Agrônomo de Pernambuco  
**LAFEPE** - Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco  
**MANC** - Macrozona do Ambiente Natural e Cultural  
**NRPA** - National Recreation and Park Association  
**PDCR** - Plano Diretor da Cidade do Recife  
**PROCON** - Instituto de Proteção ao Consumidor  
**PURA** - Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Parque Capibaribe  
**RPA** - Região Político Administrativa  
**RPA-4** - Região Político Administrativa 4  
**SDS** - Secretaria de Defesa Social  
**SES-Cordeiro** - Sistema de Esgotamento Sanitário do Cordeiro  
**SESU** - Secretaria de Educação Superior  
**SNC** - Sociedade Nordestina dos Criadores  
**SUS** - Sistema Único de Saúde  
**UFRPE** - Universidade Federal Rural de Pernambuco  
**UFPE** - Universidade Federal de Pernambuco  
**UNIPARQUE** - União das Organizações Associativas do Parque  
**UNIPROPE** - União dos Pequenos Produtores Rurais de Pernambuco  
**VEM** - Vale Eletrônico Metropolitano  
**ZAC** - Zona de Ambiente Construído  
**ZDS** - Zona de Desenvolvimento Sustentável  
**ZUP** - Zona de Urbanização Preferencial

# SUMÁRIO

## 1

### 14 INTRODUÇÃO

## 3

### 72 CONCEITUAÇÕES BÁSICAS E APROXIMAÇÃO DO OBJETO

- 73 3.1 O CONCEITO DE PAISAGEM
- 75 3.2 OS ESPAÇOS LIVRES: PARQUES PÚBLICOS
- 81 3.2.1 OS PARQUES DE EXPOSIÇÃO
- 87 3.3 ENTENDENDO A "EXPOSIÇÃO DO CORDEIRO": PARQUE E PAISAGEM?

### 149 CONSIDERAÇÕES FINAIS

## 2

### 20 DO ENGENHO AO PARQUE

- 29 2.1 CONTEXTO DE CRIAÇÃO DO PARQUE DO CORDEIRO
- 48 2.2 AS PROBLEMÁTICAS ATUAIS
- 54 2.3 RECONHECIMENTO DO ENTORNO
- 65 2.4 PLANOS E PROPOSTAS PARA A ÁREA

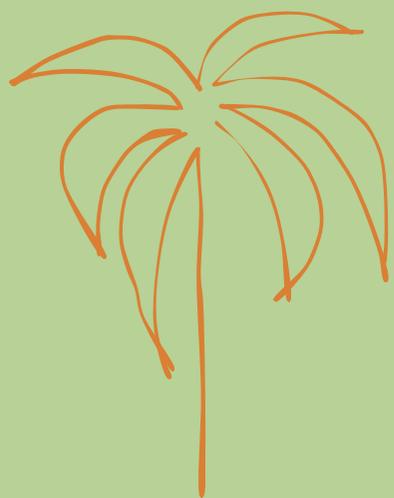
## 4

### 114 EXERCÍCIO DE PAISAGEM: A PORTA DO PROJETO E AS DIRETRIZES PARA INTERVENÇÃO PAISAGÍSTICA

- 119 4.1 ESTUDO DE CASOS PARA O PROJETO
- 122 4.2 DIRETRIZES PROJETAIS
- 126 4.3 A ESTRUTURA CONECTORA - AS PORTAS PARA A CAXANGÁ E PARA O CAPIBARIBE
- 135 4.4 PLANO GERAL E USOS PROPOSTOS

### 151 REFERÊNCIAS

- 156 APÊNDICE A  
Fontes das Iconografias apresentadas na linha do tempo
- 157 APÊNDICE B  
Estudos
- 160 APÊNDICE C  
Planta baixa das diretrizes projetuais propostas
- 161 APÊNDICE D  
Perspectivas
- 167 APÊNDICE E  
Consulta à população



capítulo



INTRODUÇÃO

# 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no campo de conhecimento dos estudos da paisagem, atendo-se principalmente na área do projeto, uma vez que visa propor diretrizes para intervenção paisagística no objeto de estudo escolhido: o Parque Professor Antônio Coelho no bairro do Cordeiro, Recife - PE. A escolha desse recorte geográfico parte de uma inquietação pessoal diante da situação de precariedade e subutilização em que ele encontra-se na maior parte do ano, preocupação essa ampliada no decorrer da disciplina de Projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo III. A disciplina tinha como objetivo a requalificação deste espaço e a compreensão dos impactos urbanísticos e paisagísticos que a ação de substituição de suas estruturas por outras adequadas às necessidades atuais de uso da população trariam para os bairros do Cordeiro, Iputinga e para as demais áreas no entorno imediato do objeto, as quais foram diagnosticadas nessa ocasião como recortes carentes de qualidade urbana que sofrem com a assimetria com a qual o poder público trata áreas com diferentes condições socioeconômicas em nossa cidade.

As questões relativas a desigualdade social atingem fortemente a área de estudo pois, de acordo com o Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Parque Capibaribe (INCITI, 2020), a margem direita do Rio Capibaribe que abrange os bairros do Cordeiro, Iputinga, Zumbi e Torre possui uma predominância habitacional no uso do solo. Tem-se que 40% desta população residente enquadra-se em situação de vulnerabilidade social e 29% desta mesma população é composta por crianças e jovens de 0 a 18 anos, população cujo desenvolvimento é diretamente afetado pelas dinâmicas de exclusão social presentes nesse espaço.

Sendo assim, de forma geral, pode-se dizer que nas cidades os maiores problemas ambientais - ou socioambientais, como os apresentados - resultam de uma expansão desordenada (Sá Carneiro; Mesquita, 2000) ou mal planejada e no bairro do Cordeiro (Recife-PE), local em que se insere o objeto de estudo desta pesquisa, não foi diferente. O entorno do recorte geográfico deste estudo foi historicamente visualizado como residual e fragmentado intencionalmente por grandes loteamentos (INCITI, 2020) a exemplo dos conjuntos habitacionais populares que o margeiam. Dessa forma se produziu uma área que paradoxalmente carece de espaços públicos de qualidade ao mesmo tempo que dispõe de áreas verdes livres em estado de ociosidade - principalmente próximas às margens do rio Capibaribe.

Essa realidade não condiz com o previsto para a área pela lei, uma vez que, de acordo com a mais recente revisão do Plano Diretor da Cidade do Recife (Lei nº 18.770/2020), o Parque do Cordeiro e

seu entorno estão inseridos na Zona de Desenvolvimento Sustentável (ZDS) do Rio Capibaribe, considerada área de influência dessa rede hídrica. A qual tem como diretriz a garantia do **equilíbrio urbanístico-ambiental** e a **preservação** dos recursos naturais, a **requalificação dos espaços públicos** e a valorização do **patrimônio cultural**. A legislação também indica que o perímetro do parque integra a Poligonal 08 de Projetos Especiais, considerada uma área "objeto de intervenções destinadas a promover requalificação urbana, a dinamização econômica com inclusão socioespacial e cuidados ambientais" que pode ser manejada "de acordo com planos específicos cujo conteúdo pode estabelecer parâmetros próprios para a área em que incidem" (PDCR, 2020), o que abre margem para a flexibilização dos parâmetros da própria ZDS.

A despeito das supracitadas diretrizes expressas pela legislação vigente, durante a pesquisa investigativa percebeu-se a grande desconexão do parque com os demais espaços livres públicos e a conseqüente insegurança urbana criada em torno dele - diversas publicações em jornais revelam a ocorrência de furtos e outros crimes no interior do parque e em seus arredores, algo considerado repercussão de sua forma arquitetônica pouco permeável e do estado de ociosidade do local. Notou-se também que nesse equipamento a manutenção é defasada, a iluminação é insuficiente para permitir o uso prolongado e, em especial, - por ser de uso sazonal - na maior parte do ano falta nele uma função que proporcione o uso da população. Segundo Galen Cranz (1989 *apud* Sá Carneiro, 2010) o uso é essencial para que um parque urbano prospere, do contrário ele se banaliza e perde seu interesse público tal como se encontra o parque em questão: um espaço público potencial de grandes dimensões situado em área privilegiada e movimentada da cidade, às margens da Av. Caxangá, mas subutilizado, de manutenção precária e sem vitalidade durante a maior parte do ano, paradoxalmente inserido em um contexto de bairros em que é conhecida a escassez de espaços públicos de qualidade.

Ainda com relação ao uso, a pesquisa sobre o tema mostrou a incompatibilidade do programa tradicional dos parques de exposição com as demandas atuais da sociedade, pois a subutilização desses espaços foi reiterada por outros trabalhos (Provenzano, 2003; Nascimento, 2015; Silva, 2016; Santos, 2018) em diferentes locais do país tais quais São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Minas Gerais onde esses grandes espaços sofrem com a ociosidade e com a falta de conservação fora da breve temporada de eventos.

Por fim, a especulação imobiliária e a tendência de encolhimento também são ameaças ao Parque do Cordeiro, porque, ao longo dos anos, a propriedade de posse do Governo do Estado de Pernambuco progressivamente perdeu áreas que foram cedidas para outros órgãos

governamentais ou doadas para particulares. Ademais, por estar localizado em um bairro que, de acordo com o Diagnóstico do Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Parque Capibaribe (INCITI, 2020) caminha para um processo de valorização e adensamento, há também um risco de supressão exemplificado na proposta do Caxangá Shopping para a área do parque em meados de 2010 (ALEPE, 2011). Diante da polêmica causada pela notícia da suposta privatização do terreno do parque, essa ideia foi censurada após pressões políticas que culminaram na não concretizada promessa de transformar o parque do Cordeiro em uma "Nova Jaqueira" (Parque, 2011).

Diante do exposto, o presente estudo parte da identificação de uma área de potencial paisagístico - o Parque Professor Antônio Coelho no bairro do Cordeiro, Recife-PE - cujo estado atual de subutilização, degradação e risco de supressão demonstra a existência de uma demanda real pela elaboração de diretrizes que orientem uma proposta de intervenção de arquitetura da paisagem que, amparada na legislação vigente (PDCR), consolide a área do parque, o firme como espaço livre público de lazer integrado à vida urbana e reordene as estruturas da paisagem que o compõem em consonância com as necessidades da população e com os testemunhos da trajetória de um espaço rico em camadas de tempo, cujos 80 anos de história contam um pouco sobre o processo de expansão da própria cidade do Recife. Além disso, a pesquisa adquire relevância ao debruçar-se sobre uma área da cidade que é pouco estudada, contribuindo ao fornecer ferramentas para orientar intervenções futuras no objeto de estudo e em seu entorno.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo geral **elaborar um exercício de paisagem que priorize a requalificação e incremento da estrutura conectora do Parque Professor Antônio Coelho (Cordeiro, Recife - PE), contemplando diretrizes projetuais para valorização e vivência desse espaço**. Como objetivos específicos, procura-se:

1. Investigar a dimensão histórica, cultural e socioeconômica do objeto de estudo e seu entorno, além de seus condicionantes físicos e legais.
2. Revisar o arcabouço teórico-conceitual, passando por temáticas como paisagem, sistemas de espaços livres, parques urbanos e, especificamente, parques de exposição.
3. Identificar projetos referência de intervenção que deem subsídio ao exercício de paisagem.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa a fim de compreender o objeto de estudo a partir de dois eixos: uma abordagem teórica com o aprofundamento nos conceitos de paisagem e de espaços livres públicos, seguida pelo diagnóstico e leitura do território

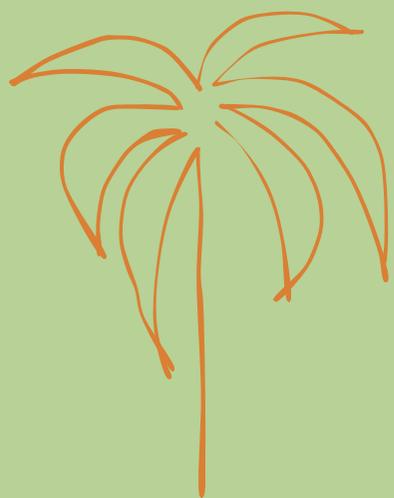
efetuada por meio da coleta de dados espaciais, socioeconômicos e históricos, a fim de dar subsídio ao exercício de paisagem, compreendido por meio de Besse (2014) que, com uma abordagem multidisciplinar, apresenta cinco portas de entrada para um entendimento alargado de paisagem. Assim, o trabalho foi organizado para que sua execução se desse mediante o cumprimento das seguintes etapas:

- Etapa 01 – Composta pela pesquisa bibliográfica e aprofundamento nos temas relevantes para a revisão da literatura e também pela pesquisa histórica documental e iconográfica sobre a criação e evolução do parque ao longo dos anos em livros e no acervo digital de periódicos nacionais na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional;
- Etapa 02 – Consistiu no levantamento, tanto em bases de dados (ESIG), órgãos públicos (DIRCON, DPPC, CONDEPE/FIDEM e FUNDAJ) como in loco, e análise de mapas em busca de informações relativas ao uso do solo, identificação de outros espaços livres do entorno e planos e projetos existentes para a área de intervenção, além de aspectos legais (Plano Diretor da Cidade do Recife e Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo). Além do mapeamento de cheios e vazios, vegetação, fluxos, usos e gabarito mediante observação do recorte de estudo definido.
- Etapa 03 – Teve como foco as visitas ao parque para apreensão do espaço e exercícios de observação de seus usos cotidianos. Além da observação durante os eventos “ExpoAgro” e a “79ª Exposição Nordestina de Animais e Produtos derivados”, ambos com registro em diários de campo e levantamento fotográfico. Concluindo-se com a escuta à população do entorno mediante a consulta de 62 pessoas em um raio de cerca de 1km do parque com o intuito de identificar dinâmicas de uso, demandas e atributos associados ao objeto de estudo;
- Etapa 04 – Iniciou-se com a análise e discussão de estudos de caso referenciais e culminou no desenvolvimento de diretrizes projetuais a partir do diagnóstico da área;

Como resultado desses estudos tem-se as diretrizes projetuais para atuação na área em questão e todo material produzido estará organizado em três capítulos da seguinte maneira:

1. O capítulo 1 ou introdução trata brevemente dos temas que serão abordados no trabalho, ressaltando a justificativa e os objetivos específicos deste estudo.

- 2.** O capítulo 2 “Do Engenho ao Parque” trata de um breve histórico do objeto de estudo inserindo-o no contexto de interiorização da cidade do Recife e das reformas do governo de Agamenon Magalhães que tinha como objetivos paralelamente a urbanização da cidade e a recuperação do mundo rural, situação que deu condições para instalação do parque. Essa apresentação perpassa várias décadas desde a criação do parque, passando pelo seu auge e declínio e conclui-se com uma leitura do território em que ele está inserido, a fim de caracterizar a ocupação que se consolidou ao seu redor.
- 3.** O capítulo 3 “Conceituação básica e aproximação do objeto” discute classificações e os conceitos básicos relacionados aos temas de parques de exposição e parques públicos, espaços livres e seus sistemas e paisagem com o objetivo de construir a base teórica para analisar o objeto de estudo e dar subsídio à proposta de diretrizes de intervenção. O capítulo encerra-se com um item que discute a classificação do espaço objeto de estudo e faz a leitura do local, apresentando os atributos que o constituem e os desafios que se impõe ao tratar dele.
- 4.** O capítulo 4 “A Porta do Projeto e o Exercício de Paisagem: Diretrizes para uma Intervenção Paisagística” contém os estudos de caso correlatos, as diretrizes gerais e específicas de intervenção.



**DO ENGENHO AO PARQUE**

capítulo

**2**

O Parque Professor Antônio Coelho, área de estudo deste trabalho, comumente conhecido como Parque de Exposições ou Parque do Cordeiro, localiza-se no bairro homônimo, o qual faz parte da Região Político Administrativa 4 (RPA-4) da cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco (Figura 1). O bairro do Cordeiro possui uma grande dimensão (340 hectares) e faz divisa com a Iputinga, Engenho do Meio, Torrões, San Martin, Prado, Zumbi e Torre, limitando-se ao norte pelo Rio Capibaribe e possui dois parques em seu território, o Arraial Novo do Bom Jesus e o parque em questão, o qual atualmente é propriedade do Estado de Pernambuco, administrado pela Secretaria de Agricultura e conta com cerca de 16 ha de extensão, destes cerca de 9,5 ha são de área verde, aproximadamente 59% do total, dessa forma é caracterizado por uma relevante taxa de área construída principalmente devido à sua função e a presença de diversos equipamentos em seu interior, como será aprofundado posteriormente.



Figura 1: Localização da área de estudo desde a região metropolitana.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Prefeitura do Recife, s.d.

O terreno do Parque do Cordeiro tem seu contorno delimitado pela Avenida Caxangá ao sul, pela Avenida Maurício de Nassau ao norte e pelas ruas Antero Mota e Costa Maia - ambas sem saída - a oeste e leste, respectivamente (Figura 2), por ser cercado por altos muros, seu principal acesso é pelo pórtico central localizado na primeira avenida (Figura 3). De forma geral, pode-se ressaltar a proximidade dele com outros dois parques públicos - Parque Caiara na Iputinga e o Parque Santana na margem oposta do Rio Capibaribe - e a forte presença institucional nessa área por abrigar grandes equipamentos como a Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) do sistema de esgotamento sanitário SES-Cordeiro, órgãos voltados para a segurança pública como o Grupo de Operações Especiais (GOE-Recife), a 6ª Delegacia de Polícia do Cordeiro e o Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), para além de diversas instituições públicas de ensino, a exemplo de creches, escolas municipais e EREMs.

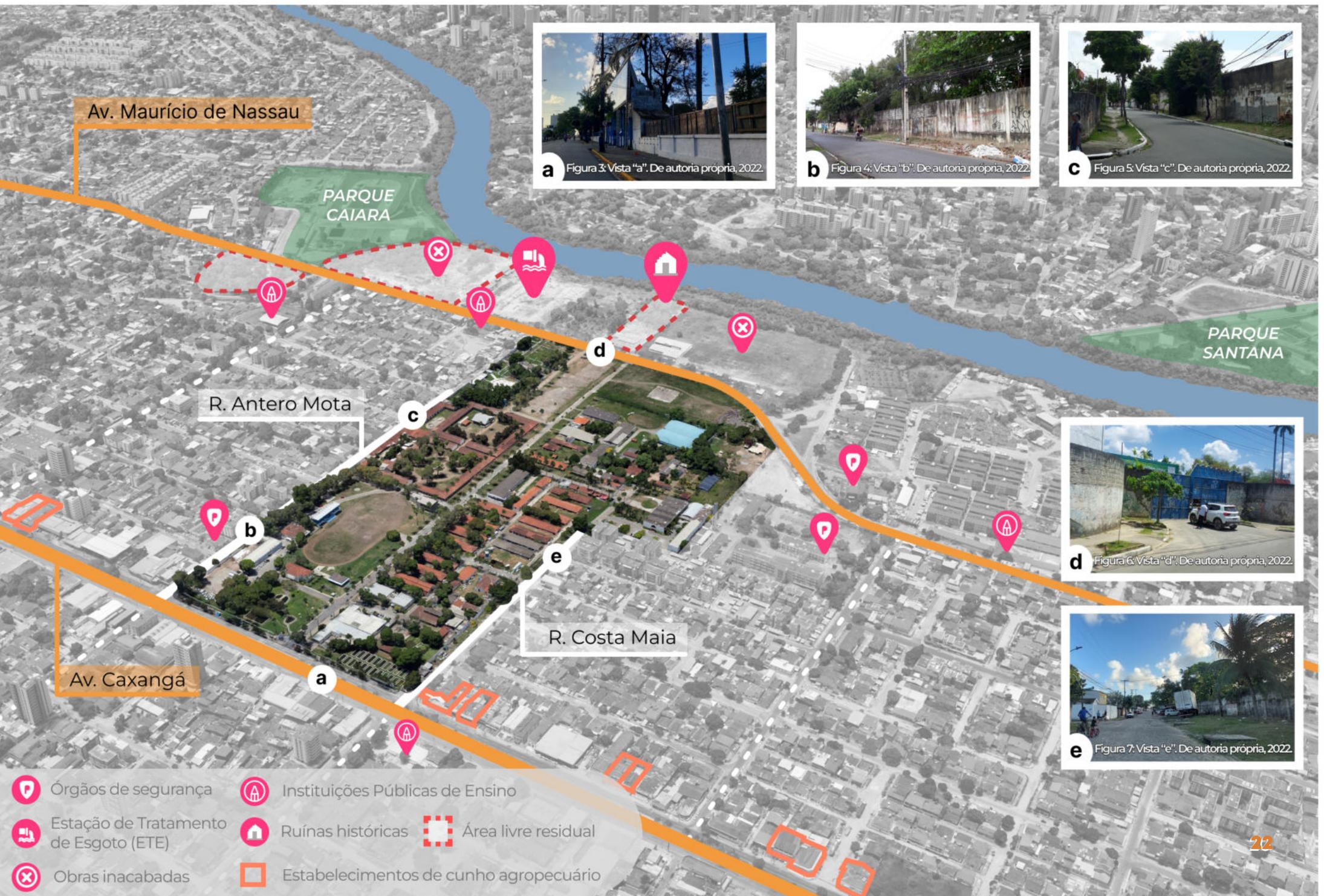
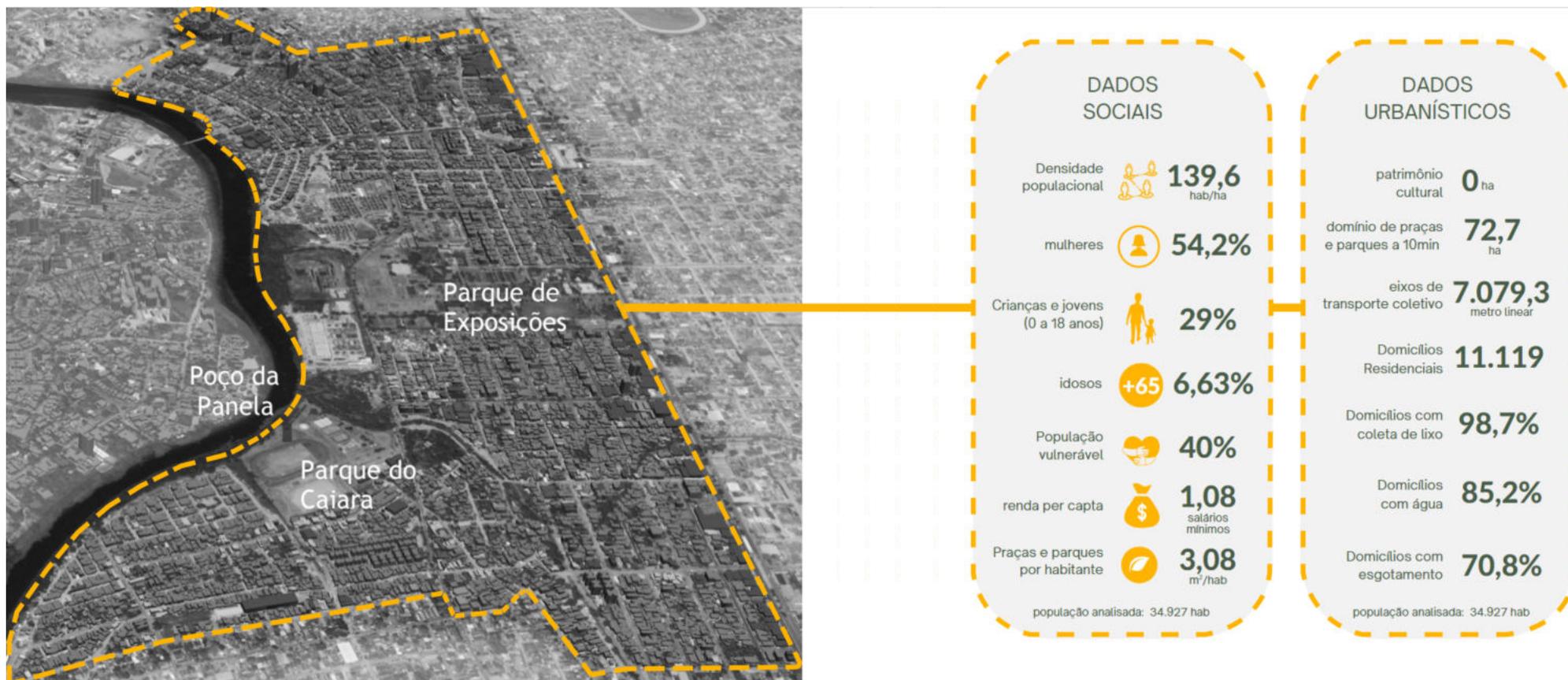


Figura 2: Localização do Parque. Fonte: Google Earth s.d., adaptado por Rafaela Lins, 2023.

Também é válido destacar a importância da Avenida Caxangá, via arterial que se constitui como um dos maiores corredores de veículos tanto particulares como de transporte coletivo da cidade e do eixo comercial que se forma ao longo de toda ela. No trecho próximo ao objeto de estudo, a avenida notavelmente concentra diversos estabelecimentos de cunho agropecuário (Figura 2) que vendem produtos voltados tanto para animais de grande porte e para o cultivo, como também para de estimação e jardinagem. O limite formado pela Avenida Maurício de Nassau, por sua vez, tem um dinamismo menor nessa região pela presença de grandes lotes com obras inacabadas e extensas áreas livres residuais entre a via e o Rio Capibaribe, criando um espaço urbano fragmentado e com pouquíssimas visuais voltadas para as águas.

Figura 8: Área de abrangência dos dados estatísticos ambientais, urbanísticos e socioeconômicos.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do PURA/INCITI, 2020.



Apesar de se localizar no Cordeiro, o terreno do parque está no extremo noroeste do bairro, próximo do bairro da Iputinga e da divisa com o rio, sendo assim, devido a sua localização e a sua grande extensão, o espaço possui uma área de influência que ultrapassa os limites do Cordeiro. Portanto, para o reconhecimento do território, ao invés de focar apenas nos dados socioeconômicos do bairro foram adotados os dados estatísticos urbanísticos e socioeconômicos da margem direita do leito do rio Capibaribe contidos no Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Parque Capibaribe (Figura 8) os quais indicam que população analisada é majoritariamente adulta, apesar de possuir uma alta taxa de crianças e jovens (29%).

Outros dados importantes para compreensão da área são a alta porcentagem de população de baixa renda em situação de vulnerabilidade (40%), com renda média de aproximadamente apenas 1 salário mínimo. Por fim, o registro de nenhum patrimônio cultural catalogado pela administração federal, estadual ou municipal na área suscita a hipótese de que há uma falta de reconhecimento com relação às estruturas existentes testemunhos da ocupação desse espaço.

Dessa forma, a marcante presença do parque nessa região incita uma investigação sobre sua formação e influência no entorno imediato, assim, o presente capítulo transporta-se para o período inicial de ocupação da área objetivando compreender as características dessa paisagem, inicialmente rural, a fim de perceber as reminiscências do seu passado que resistem no contexto urbano e, por fim, analisar as dinâmicas que caracterizam a sua configuração atual e a legislação que lhe rege.

Nesse sentido, antes de mais nada revisitaremos brevemente a história da evolução urbana do Recife. De acordo com os registros históricos, em sua gênese a cidade era formada por uma pequena aldeia de pescadores vinculada a Olinda - antiga sede da capitania portuguesa - por um istmo, entre suas principais características estava a existência de um porto natural através do qual era escoada a produção de açúcar. Contudo, com a ocupação holandesa do século XVII, dá-se início um período de maior desenvolvimento na cidade através de diversas modificações e expansões, assim essa área, escolhida pelos estrangeiros por sua similaridade com as planícies alagáveis da Holanda e seu potencial defensivo, transforma-se em um importante ponto comercial.

A agricultura foi então, desde o princípio, o principal motor dessa atividade mercantil portuária do Recife por meio do cultivo do açúcar, uma das principais especiarias durante o século XVI e

XVII -, o qual, segundo Singer (1968, *apud* Neta, 2005) possibilitou a interiorização da ocupação desta cidade, juntamente com a produção posterior de algodão do Agreste. Além disso, o fornecimento da carne de charque produzida pelos pecuaristas do Sertão e destinada às regiões onde a extração de minérios era a atividade principal durante o século XVII, somou-se às outras atividades supracitadas, tornando Recife um dos principais núcleos do Nordeste na época.

Assim, pode-se dizer que a atividade açucareira do Recife praticamente ditou a formação dos núcleos suburbanos ao longo dos três primeiros séculos de ocupação da cidade, uma vez que os aglomerados estabelecidos ao redor dos engenhos eram células de expansão urbana distribuídas nas várzeas dos rios (Beberibe, Jiquiá, Jordão, Tejipió e sobretudo Capibaribe), enquanto outros agrupamentos se organizavam linearmente ao longo das vias de ligação entre esses núcleos rurais. Simultaneamente, a área urbana do Recife também se expandia axialmente a partir do centro, assim:

O continente era então caracterizado pelas áreas de plantio de cana de açúcar ou dotado de escassa ocupação: as construções passam a ser menos altas e mais distantes uma das outras; as fachadas se distanciam dos caminhos, por onde circulam os carros movidos a tração animal, levando a produção agrícola ao porto; as cercas de vegetação definem o limite dos grandes terrenos. O verde da vegetação domina o branco das construções e alguns cultivos em pequena escala se misturam com os jardins, no meio dos quais se distinguem as habitações suburbanas. (...) A paisagem de característica rural está ainda marcada pela presença dos engenhos, onde os edifícios se situam em torno a uma grande praça, cujo terreno, a perder de vista, está dominado pela abundância das verdes fitas dos canaviais. (REYNALDO, 2013 p. 4).

É nesse contexto de expansão em que encontram-se os primeiros registros de ocupação na área do bairro do Cordeiro (Figura 9), grande parte das terras que lhe deram origem inicialmente eram identificadas pelo nome “Três Reis Magos”, esse engenho trapiche - ou seja, movido pela força animal, comumente por bois - consta já em 1609 como pertencente ao Ouvidor de Pernambuco, Martin Vaz de Moura. Após a sua morte foi administrado por sua esposa Isabel de Carvalho e, na sequência, adquirido pelo genro do casal o Coronel Ambrósio Machado (Mello, 2012), senhor de engenho pernambucano, capitão-mor governador do Rio Grande do Norte e detentor de muitas terras no Recife.

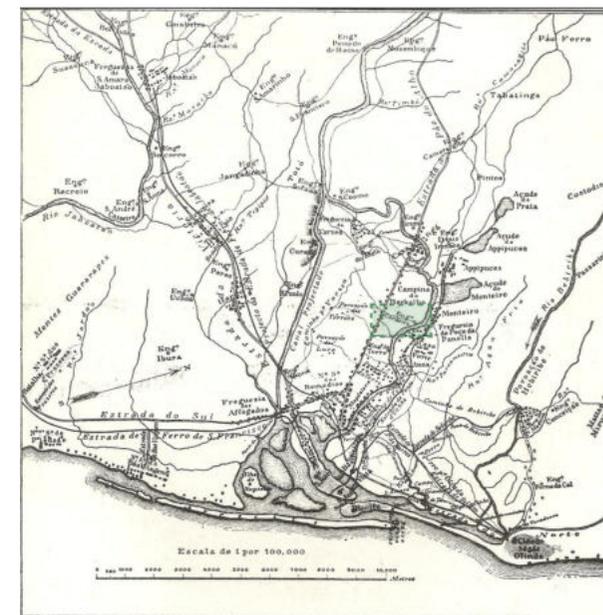


Figura 9: Localização do Engenho do Cordeiro na Planta do Recife e seus Arrabaldes.

Fonte: José Tirbúcio Pereira Magalhães, editada no Recife por Francisco Henrique Carls em 1870. Adaptado por Rafaela Lins, 2023.

Conforme relatado por Costa (1981), durante a administração de Ambrósio, a área era conhecida como "passagem de Ambrósio Machado", sendo um ponto de travessia do Rio Capibaribe para o atual bairro de Casa Forte. Durante a ocupação holandesa, o engenho foi confiscado e rebatizado de Straetsburch, passando por vários proprietários da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Já durante a Guerra de Insurreição de Pernambuco, a passagem de Ambrósio ganhou importância como um ponto estratégico, permitindo que os portugueses atacassem os holandeses acampados no Engenho Jerônimo Pais em Casa Forte em 1645, saindo da resistência no Forte do Arraial Novo do Bom Jesus (Figura 10), na parte oeste da cidade.



Figura 10: Trecho da Planta do Porto de Pernambuco e Cidade do Recife na primeira metade do 17º século, com detalhe da futura localização do parque entre Casa Forte e o Arraial Novo do Bom Jesus.

Fonte: Marino Berenguer, editada em Pernambuco em 1942, disponível no Acervo do Museu da Cidade do Recife. Adaptado por Rafaela Lins, 2023.

Ainda segundo Costa (1981), ao fim dos conflitos, uma parcela das terras originalmente de Ambrósio Machado foi adquirida por João Cordeiro Mendanha, um capitão que destacou-se bastante nos combates contra os holandeses e que passou a plantar cana de açúcar na localidade. Contudo, pouco tempo depois a propriedade passou para as mãos de José Camelo Pessoa, senhor do Engenho de Monteiro e, dessa forma, a propriedade tornou-se parte de Monteiro. Assim, o nome pelo qual conhecemos a área atualmente só foi atribuído à ela entre o fim do século XVII e início do XVIII, quando Sotero de Castro adquire a propriedade e decide prestar uma homenagem a João Cordeiro Mendanha, fundando o Engenho do Cordeiro, o qual não durou muitos anos - seu último registro de funcionamento foi em 1831 e dele resta apenas a residência dos seus proprietários, alterada por posteriores intervenções -, mas teve seu nome adotado pelo povoado que ali nascia e, dessa forma, a "passagem de Ambrósio" passou a ser conhecida como passagem do Cordeiro e a própria localidade como Cordeiro.

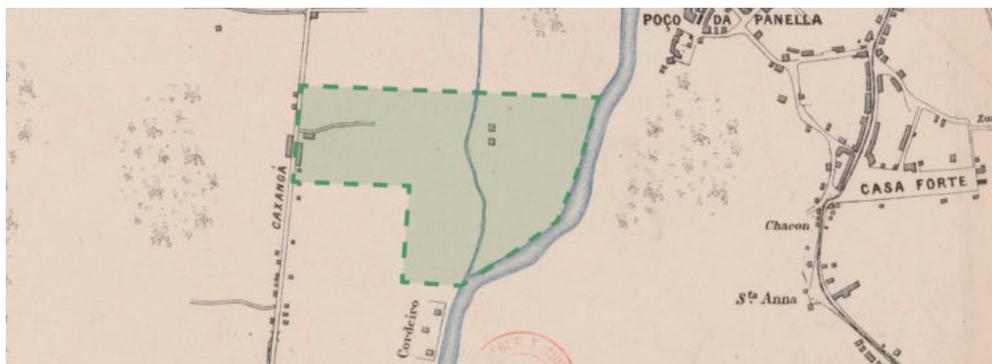


Figura 11: Trecho da Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes, com detalhe da futura localização do parque e a área da povoação do Cordeiro.

Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife, organizado pela Repartição de Obras Públicas, 1875. Adaptado por Rafaela Lins, 2023.

Essa decadência dos engenhos durante o século XIX dá-se após o declínio da relevância internacional do açúcar, nessa época têm início diversas reformas urbanas motivadas pelo crescimento demográfico, econômico e pelo contato com ideias e inovações modernas, com enfoque na criação de redes de saneamento e de abastecimento de água que se concretizariam já no século XX. Inicialmente, o rio Capibaribe ainda continua sendo o fio condutor da ocupação dos arrabaldes, a partir da paulatina transformação da maioria dessas zonas produtivas em chácaras que se voltam para as águas, mas na segunda metade do século surge a rede de transportes públicos que passa a interligar a dispersa malha de agrupamentos gerada pelos engenhos com linhas como a Caxangá (Figura 11).

Assim, com a aproximação cada vez mais iminente da “cidade propriamente dita”, os antigos lócus rurais dão lugar a bairros suburbanos como Madalena, Torre, Cordeiro, Apipucos, Monteiro, Casa Forte, Poço da Panela entre outros localizados na zona norte e oeste da cidade (Neta, 2005), alguns dos quais, apesar do avanço da urbanização no período ainda manteriam sua característica rural e, por isso, os arrabaldes seriam em determinado período o destino da elite nas épocas de veraneio, buscando sua paisagem bucólica e os atraentes banhos medicinais no rio Capibaribe em oposição à agitação do centro. Essas grandes áreas ainda no século XIX foram parceladas em diversos loteamentos para suprir a demanda habitacional.

De acordo com Reynaldo (2013) no início do século XX intensifica-se o discurso higienista e a cidade tradicional não é mais considerada salubre, tendo como consequência disso o deslocamento da elite para outras áreas da urbe e também a elaboração de normas de controle dos loteamentos que multiplicaram-se no período, atingindo um pico na década de 1940 e contribuindo de forma expressiva para a expansão da mancha urbana do Recife. É

também nesse período que ocorre o desmembramento do Engenho do Cordeiro, uma vez que, a partir de pesquisas em periódicos da época, apurou-se que em 1912 José Pinto e Maria Duarte Pinto (J. C. Pinto e Cia) adquiriram, além de outros bens, o Sítio Salvador e partes do antigo Engenho do Cordeiro (Diário de Pernambuco, 1953) que já era conhecido como “Villa do Cordeiro”.

Alguns anos depois, já em 1919 a Companhia Brotherhood se torna a sucessora da J.C. Pinto e Cia, dando continuidade às suas atividades na Indústria Cerâmica da Torre (Taquary) e Indústria Cerâmica Cordeiro, passando a ser detentora de seu patrimônio (Diário de Pernambuco, 1953). Sendo assim, a Brotherhood e Cia, encabeçada pelo empresário Cláudio Brotherhood, possuía todo o terreno do atual Parque do Cordeiro e suas adjacências (Cavalcante, 1998), mas em 1939, devido ao falecimento de seu principal dirigente todos os seus bens são repassados para a viúva e filhos deste, os quais iniciam o processo de loteamento e venda de suas propriedades (Diário de Pernambuco, 1949).

A área em questão, retratada no mapa da cidade do Recife em um período anterior ao parcelamento por loteamentos (Figura 12), revela que a Avenida Caxangá e o Rio Capibaribe conformam duas linhas de força da paisagem, as quais, às vésperas da metade do século XIX, continuavam sendo os principais condutores da ocupação que na época consistia principalmente em sítios dispersos criando descontinuidades na mancha urbana, dessa forma predominavam os espaços livres nos bairros a partir do Cordeiro. A cartografia disponível fornece poucos detalhes sobre a área que se tornaria o parque (indicado em verde), contudo, por sua proximidade com o rio, é possível inferir que era predominantemente plana e que passou por mudanças em seus limites devido às alterações de curso das águas (do Capibaribe e Riacho do Cavouco) ao longo do tempo.

Um elemento que salta à vista nessa análise é o antigo eixo que interligava os dois núcleos de ocupação supracitados (Caxangá-Capibaribe) e se estendia diagonalmente até a margem, alcançando a "passagem do cordeiro" na foz do riacho do Cavouco em direção ao Poço da Panela, de acordo com o mais antigo registro (Figura 10). O duplo eixo marcado por palmeiras existente no parque pode ser considerado uma lembrança dessa antiga conexão, embora a travessia tenha sido perdida na história devido a conflitos socioeconômicos entre os bairros em margens opostas.

Até então pertencente à família Brotherhood, os direitos de propriedade sobre o terreno

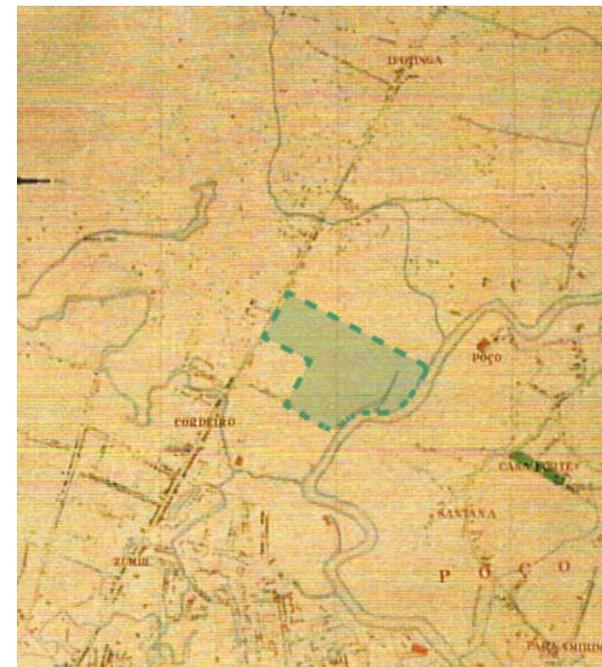


Figura 12: Trecho da Planta do Porto de Pernambuco e Cidade do Recife e seus arredores, com detalhe da futura localização do parque.

Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife, 1932  
Adaptado por Rafaela Lins, 2023.

supracitado foram transferidos para o Estado de Pernambuco e inicialmente o local assumiu o nome de Parque da Produção Animal para celebração anual da “Exposição Nordestina de Produtos e Derivados” no ano de 1941 (Figura 13), as terras adjacentes do mesmo proprietário, localizadas no lado oposto da Caxangá, posteriormente foram loteadas e vendidas para fins residenciais como parte de um empreendimento habitacional denominado de “Parque Brotherhood” (Diário de Pernambuco, 1948). Dessa forma, após a cronologia urbana chega-se a criação do espaço objeto de estudo, contudo, para entender a temática e funções de seu programa é necessário, primeiramente, dominar o contexto político econômico em que se deu a sua fundação, assim como a tradição dos eventos de exposição agropecuária em Recife.

## 2.1. CONTEXTO DE CRIAÇÃO DO PARQUE DO CORDEIRO

Na cidade do Recife o primeiro espaço que fez as vezes de parque de exposições foi o Parque 13 de Maio com a realização da Exposição Nacional de Pernambuco, embora concebida em sua origem como feira industrial, foi esse também o primeiro grande evento do gênero verificado por essa pesquisa a abranger em sua programação e grade de expositores o tema agropecuário na cidade em questão.

Para contextualizar esse evento é preciso saber que no ano de 1939 a finalização das obras do Parque 13 de Maio acabara por encerrar uma longa jornada de debates e projetos de concepção para a área que iniciou-se em meados de 1888, quando a proposta de construir um parque nesse terreno alagado do centro do Recife foi apoiada por comerciantes e agricultores interessados em um lugar para expor seus produtos (Atas do Conselho Municipal do Recife, 15/02/1923 *apud* Sá Carneiro, 2010). Nesse ínterim, o Parque 13 de Maio foi escolhido para sediar a Exposição Nacional na esteira dos eventos do Terceiro Congresso Eucarístico Nacional, cujas celebrações marcaram sua inauguração, e no bojo de ambas essas festividades estava a promoção da doutrina ideológica estadonovista<sup>1</sup> do governo de Getúlio Vargas (1937-1945):

[o III Congresso Eucarístico Nacional] representou mais que um acontecimento religioso, ocorreu na semana da pátria e a mensagem divulgada era uma exaltação ao patriotismo e à mulher brasileira. Marcava, em seus temas de estudo, o compromisso de cada componente da sociedade para a resolução da

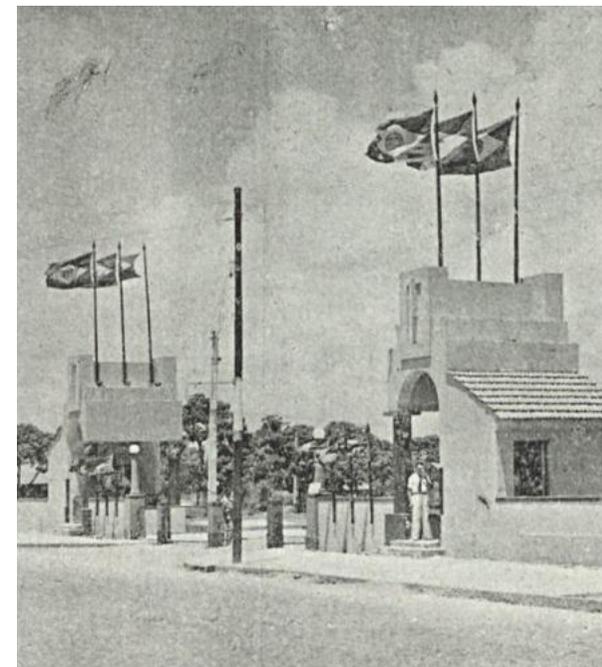


Figura 13: Entrada do Parque do Cordeiro.

Fonte: Acervo Hemeroteca Digital Brasileira em Revista O Campo (RJ), 1945.

<sup>1</sup> De acordo com Bello (2006) durante o contexto político do Estado Novo, Getúlio Vargas viu nas grandes feiras e exposições grande potencial doutrinário e educativo e, portanto, promoveu vários eventos desse tipo para fazer propaganda política e ideológica do regime. A autora cita como relevantes exemplos disso a Exposição do Governo Nacional, realizada em 1938, no Rio de Janeiro; a Exposição do Livro Brasileiro, em 1940 e a Exposição do Estado Novo, em 1941.

questão social (...) ao clero cabia reconquistar as massas trabalhadoras, aos seminaristas auxiliar a ação católica, aos homens colaborar com as obras sociais, às senhoras educar a sociedade cristã, aos moços combater a infiltração de idéias marxistas na sociedade. Havia uma cooperação entre Governo e Igreja, fortalecendo o Estado Novo e difundindo as aspirações da Igreja Católica.

O Parque 13 de Maio seria, daí em diante, o espaço para a realização de numerosos e significativos acontecimentos sociais. No mesmo ano, no mês de dezembro, dia 16, às 18 horas, aconteceu a inauguração da Exposição Nacional, evento de grande destaque para a política, economia, cultura e para a industrialização, em Pernambuco e no Brasil. (...) A Exposição foi idealizada para perpetuar as transformações ocorridas com o Estado Novo em diversas áreas da vida política e social. (Bello, 2006, p. 77 - 78)

De acordo com Sampaio (2022), a Exposição Nacional de Pernambuco foi idealizada e posta em prática via decreto promulgado por Agamenon Magalhães - interventor do estado nomeado por Getúlio Vargas com o início do Estado Novo (1937) - com apoio da Secretaria de Agricultura de Pernambuco na organização do certame, o qual contou com a presença de expositores de 16 estados da federação, representados em estandes que buscavam exibir, através de fotografias, produtos e arte, seu patamar de desenvolvimento econômico e cultural. A exposição de produtos manufaturados das empresas e fábricas presentes na feira refletia diretamente a ideia de progresso e na valorização das novas tecnologias, como eletrodomésticos recém introduzidos à sociedade pernambucana e outros bens derivados da metalurgia, como o alumínio, que com o investimento em indústrias de base incentivado por Vargas, passou a fazer parte do cotidiano da população assumindo papel fundamental nos utensílios domésticos.

Para além dos representantes estaduais, também destaca-se o comparecimento de 66 dos municípios do interior de Pernambuco que receberam auxílio extra para composição de seus estandes, como parte das ações de ruralismo promovidas pela interventoria para controlar o êxodo através de subsídios destinados aos pequenos produtores e da valorização do artesanato e ofícios tradicionais locais (Bello, 2006). Para além da área de pavilhões e negócios, no evento também havia um espaço reservado para um Parque de Diversões conhecido como Shanghai, vindo da Argentina junto com uma companhia de artistas e diversos brinquedos que eram novidade na cidade.

Diante dessa variedade de setores e atores representados, entende-se que, como interventor,

Magalhães objetivou promover o seu projeto ideológico, aliado ao governo federal, por meio da Exposição Nacional, visto que o país passava por diversas mudanças com o processo de industrialização que se consolidava na década de 1930 e era necessário demonstrar os avanços conquistados após dois anos de regime. Assim, o mote do evento eram as novidades trazidas pelo advento da indústria - com a presença de empresas do setor e representantes de tecidos, alimentos, móveis, medicamentos, máquinas, entre outros -, e também a divulgação do novo estilo de vida que Recife passava a adotar com as reformas de infraestrutura, urbanização e a moderna arquitetura, contudo, ao mesmo a questão da agricultura e pecuária do agreste e sertão de pernambucano ganhava força, uma vez que

Ao assumir a interventoria, Agamenon define, como prioridades de seu governo: a urbanização da cidade e a recuperação do mundo rural. Crítico incansável da democracia urbana e a favor da alternativa de um intervencionismo estatal em todas as esferas da vida econômica, política e social, defendeu uma maior proteção oficial para as atividades agrícolas do país. (Bello, 2006, p. 31)

Nesse ínterim, Agamenon usou o espaço criado pela Grande Exposição para evidenciar seu plano de recuperação das atividades do setor agrícola no estado, expondo, através de estandes, a presença de sua interventoria no interior da região. A exposição desses estandes também serviu como propaganda, parte do plano do interventor, eles contavam com imagens e registros das Usinas, exibindo aumentos consideráveis na produção agrícola durante o período de sua interventoria. O empenho de Agamenon em salientar o avanço dos setores industriais e agrícolas tem como justificativa o plano ideológico do Estado Novo, que ambicionava impulsionar o desenvolvimento local através das diretrizes políticas que guiavam seu governo. Por meio desses princípios, ele implementou hospitais no interior, adotou medidas para combater a seca, que era vista como um empecilho para o desenvolvimento da região interiorana, articulou acordos com usineiros em busca de terras para fortalecimento da agricultura de subsistência e abriu estradas através de cooperativas agrícolas com o objetivo de valorizar a região.

Além da presença dos setores industriais e agrícolas, a comunidade agropecuária também teve uma especial participação durante a Exposição Nacional de Pernambuco: Inaugurada em 1940, pouco menos de um mês após a abertura do evento, a Exposição-Feira de Animais tomou como base os princípios ideológicos de Agamenon para exibir o alto nível de desenvolvimento do campo. Anunciada como setor anexo pertencente à Grande Feira, a Exposição-Feira de Animais contou com a exposição de mais de 430 animais, que foram avaliados por diversas

comissões participantes, como forma de valorizar os mais modernos processos de criação animal da época. Segundo o Diário de Pernambuco, a exposição de animais foi incorporada ao evento por demanda popular dos criadores locais, que tinham o desejo de expor seu trabalho para um público especializado e, por conta da falta de espaço adequado no Parque 13 de Maio, foi instalada em um terreno próximo, localizado na rua Visconde de Suassuna, na época conhecido como Pombal (Diário de Pernambuco, 1939).

Veiculada na mídia como um sucesso e muito frequentada por muitos curiosos, autoridades, fazendeiros e criadores da região (Diário de Pernambuco, 1940), a exposição-feira, apesar de ter produzido bons resultados para os produtores, ainda assim foi criticada por seus próprios organizadores, considerada modesta, distante do que era visto como o ideal em termos de espaço físico e com limitações logísticas do local cedido. É nesse contexto em que é feita a fala do então ministro da agricultura, Fernando Costa, que no discurso de encerramento do certame comentou a respeito de suas expectativas para uma nova exposição de animais que estivesse de acordo com o potencial da região:

disse que esperava rever Pernambuco, dentro de dois anos, para inaugurar uma Exposição-Feira de Animais á altura das nossas grandes possibilidades. Para isso, podia Pernambuco confiar que “o governo tudo faria em favor da sua grandeza, indo de encontro ao grande devotamento que tem sabido demonstrar pelo Estado o interventor Agamenon Magalhães”. (Diário de Pernambuco, 30 de janeiro de 1940, p. 11)

Em 1941, meses depois do encerramento da Exposição-Feira ocorrida no âmbito da Exposição Nacional de Pernambuco é então anunciada ao público a 1ª Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados, que ocorreria em dezembro daquele mesmo ano, assim inaugurando o espaço a época conhecido como Parque da Produção Animal, o primeiro e único Parque de Exposições Agropecuárias do Recife. Novamente, na reportagem em que é citada a construção do espaço livre e os preparativos para a feira fica clara a influência do contexto estadonovista e, mais especificamente, das políticas de incentivo rural instituídas pelo governo de Agamenon Magalhães na criação da conjuntura necessária para a realização deste projeto ambicioso que, desde sua gênese, visava tornar-se a maior feira do Nordeste e tinha o parque como a culminância de um grande sistema de intervenções que abrangia municípios de todo o estado de Pernambuco, como é possível perceber pelo relato a seguir:

Relembra a seguir o que deu origem ao vulto que este ano vai tomar a Exposição de Animais. Foi o sr. Fernando Costa, interventor de São Paulo, que como ministro da Agricultura prometera dar todo apoio à Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados. O que vamos assistir em dezembro é o resultado da perfeita compreensão do programa de restauração econômica do Estado, traçado pelo interventor Agamenon Magalhães.

Salienta o diretor da D.P.A. alguns serviços, tais como as Estações Experimentais de Criação, mantidas em Rio Branco e Limoeiro e a Granja de Dois Irmãos, todas aparelhadas em condições de imprimir rumos certos às nossas atividades pecuárias.

Refere-se às fazendas subordinadas ao Serviço do Fomento: a de Cachoeira, no município de Alagoa de Baixo, e ao Haras de Serra Talhada, recentemente inaugurado.

Alude aos vinte e seis Postos Permanentes de Monta, espalhados em outros tantos municípios, ao lado de Estações Provisórias de Monta, em número superior a uma centena, tudo isso **constituindo um sistema que se completará agora com a Exposição Nordestina de Animais.** (Diário de Pernambuco, 14 de setembro de 1941, p. 5, grifo nosso)

A continuação da declaração acima proferida por Renato Farias<sup>2</sup>, Diretor da Produção Animal, ainda destaca a cuidadosa escolha de um terreno na capital para implantação do Parque da Produção Animal que, de acordo com suas falas em reportagens anteriores, vinha sendo buscado há algum tempo mas enfrentava dificuldades “pelas suas exigências de situação, acesso, extensão, topografia e natureza do terreno” (Diário de Pernambuco, 1940). Também é importante destacar a informação contida nos relatos de que, desde o princípio, o espaço não foi criado apenas para funcionar durante a Exposição de Animais e Produtos Derivados, o carro-chefe da programação, contudo o local foi pensado para dar suporte a diversos eventos de cunho agropecuário a fim de incentivar a melhoria da produção do estado e, ao longo do tempo, foram incorporados a eles novos usos e públicos. Ainda sobre a instalação do parque relata-se o seguinte:

O Estado começou pela aquisição de uma grande área, em Bomba Grande, à avenida Caxangá. **Não poderia haver melhor local.** No Parque da Produção Animal, como se chamará aquele recinto, haverá de agora por diante, todos os anos, uma exposição como a de dezembro vindouro. Os galpões já começaram a

---

<sup>2</sup> Renato Ramos de Farias foi engenheiro agrônomo, segundo reitor da UFRPE (1962 – 1963), primeiro diretor do Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Nordeste (1954 – 1959), fundador e primeiro diretor da Produção Animal em Pernambuco.

ser construídos e bem assim pistas, arquibancadas e tudo que se faz necessário. (...) **No Parque da Avenida Caxangá, onde terá lugar a Exposição de Animais, outros certamens**, tais como feiras de reprodutores, concursos de produção leiteira e postura, completarão as finalidades do recinto, que a operosidade de Apolonio Sales<sup>3</sup> e a alta compreensão do interventor federal brindaram a Produção Animal. (Diário de Pernambuco, 14 de setembro de 1941, p. 5, grifo nosso)

A Exposição de Animais e Produtos Derivados de 1941 foi considerada um sucesso e os 82 anos de idade o parque, continua a sediar esse evento até os dias atuais - estando na septuagésima nona edição por conta da breve pausa devido à pandemia do COVID-19 -, ao evento tradicional também somou-se a ExpoAgro Nordeste, outra feira-exposição que é realizada no parque desde 2021 poucos meses antes da primeira. Embora este seja o único parque da cidade construído para esses eventos, outros espaços livres de Recife também se enquadraram no caráter de parque de exposição, ainda que transitoriamente, porém com temáticas diversas. Além do supracitado exemplo do Parque 13 de Maio, pode-se dar o exemplo do bem sucedido Parque da Jaqueira o qual, antes de se consolidar como parque urbano assumiu várias outras funções: sítio, campo de futebol e, por muitos anos, sediou a Feira do Comércio e Indústria do Nordeste (FECIN), criada em 1966, contexto diferente dos eventos anteriores (Bezerra, s.d.), quando a indústria brasileira já encontrava-se plenamente desenvolvida.

A FECIN era um sucesso de público e assumia contornos de festa popular alterando completamente a atmosfera do local e fornecendo programação de lazer para a faixa etária infantil com a atração do Parque de Diversões 2001, levando o evento a estampar os jornais como a “maior Feira-Exposição do Nordeste”, atraindo empresários de toda a região (Sobral, 2021). Contudo por ocorrer em breve período, no restante do ano o espaço ficava vazio, e sem iluminação, tornando-se um ponto de prostituição e uma área percebida como perigo aos moradores do entorno. Ainda assim, o local teve o uso dedicado à FECIN por vários anos e somente tornou-se o espaço que os recifenses conhecem hoje em 1984, quando foi inaugurado como parque urbano.

Dito isso, pode-se afirmar que, por ter sido construído no hiato entre a criação do Parque 13 de Maio (1939) e do Parque da Jaqueira (1985), o Parque Professor Antônio Coelho é o primeiro parque do subúrbio recifense e, na época de sua implantação, possuía uma temática

---

<sup>3</sup> Apolônio Jorge de Farias Sales (1904 - 1982) foi engenheiro e senador por Pernambuco. Também foi secretário da agricultura pelo estado e, posteriormente, assumiu o Ministério da Agricultura ainda durante o governo de Getúlio Vargas entre o período de 1942 e 1945.

compatível com a paisagem bucólica dos antigos arrabaldes. Com relação ao seu projeto, de acordo com a placa comemorativa localizada no próprio parque (Figura 14), o engenheiro agrônomo e ex-reitor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Renato Farias foi o responsável pelo planejamento do espaço que, apesar de ter sido inaugurado em 1941, seguiu em processo de implementação até o ano de 1947.

Por não ter sido conduzido por um profissional da área da paisagem, o espaço resultante deste plano é, inicialmente, muito mais utilitário do que focado na arte e nos demais princípios que um projeto da arquitetura paisagística exigiria, assim, pouco se sabe com relação às espécies vegetais existentes ou incorporadas à área, uma vez que as descrições da proposta e inauguração priorizam os elementos construídos, destacando a rapidez com que a construção foi realizada, visto que as obras iniciaram-se em julho e em dezembro o local já contava com 06 grandes estábulos com capacidade para 72 bovinos adultos, uma moderna cavalaria com acomodações para 114 equinos, pistas de desfile dos animais e uma arquibancada em estrutura de madeira.

Com área original de cerca de 315.200m<sup>2</sup> (31,52 hectares) - quase o dobro do tamanho atual - essa grande área livre limitava-se a leste e oeste pelas moradias já instaladas da antiga vila do Cordeiro, ao norte pelo Rio Capibaribe e ao sul pela Avenida Caxangá e, por muitos anos, apenas essa última fronteira era demarcada por muros baixos de alvenaria, sendo o perímetro do parque majoritariamente definido por cercas que permitiam a comunicação física e visual com o exterior.

Assim, até a finalização da sua primeira fase de intervenções em 1947, também foram construídas outras edificações para dar suporte às atividades do Departamento de Produção, a exemplo do apiário (Figura 15), da casa de incubação, da sede da Diretoria da Produção Animal do Estado de Pernambuco (Figura 16) e dos tradicionais pavilhões de exibição de bovinos (Figura 17), além do tradicional pórtico do parque. Através de registros dessas edificações pode-se perceber a evolução da vegetação proposta, com destaque para as mudas de palmeira imperial no eixo e para as mangueiras e caraibeiras próximas a Avenida Caxangá, esse primeiro núcleo ocupado da área corresponde a primeira metade do parque, visto que sua porção final possuía uma ocupação mais dispersa com a presença de cercados para animais e um capinzal próximo às margens do rio, onde localizava-se o casarão em que moravam os veterinários e, ao redor dele, as habitações dos demais funcionários.



Figura 14: Escultura comemorativa de fundação do parque.  
Fonte: De autoria própria, 2019.

Nesse período também foram instalados - no ano de 1943 - os dois característicos monumentos do parque: a estátua do zebu - por ser resistente e prolífico, o animal era considerado a base da pecuária nacional na época - localizada entre os seis pavilhões de exposição bovina originais, alinhados a pista de desfile, e também a estátua do cavalo Mossoró - animal pernambucano campeão do primeiro grande prêmio de hipismo brasileiro em 1933 - localizada no centro das primeiras cavaliças em uma área de desenho circular concêntrico, na qual há um um bebedouro no mesmo formato para os cavalos.

Ainda na década de 1940 o parque construiu sua reputação como área voltada para a divulgação e desenvolvimento da produção regional mediante a educação dos produtores. O evento da Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados, por sua vez, passou a fazer sucesso entre o público especializado e era comum durante esses certames serem dados churrascos em homenagem aos vaqueiros e criadores, exibidas projeções cinematográficas ao ar livre, realizadas apresentações musicais e em 1947 o local passou também a contar com um restaurante e bar (O Campo - RJ, 1947).

Todas as supracitadas instalações do parque eram consideradas modernas e ele possuía uma grande relevância econômica, não só para a cidade, mas para a região como um todo, por ser o principal local de conexões e troca de informações para as classes ruralistas e por movimentar elevadas somas de dinheiro a cada evento. Esse sucesso também influenciou a dinâmica do Cordeiro, visto que em poucos anos o espaço tornou-se um ponto de referência no bairro e era visto como atrativo que valorizava o entorno, passando a ser usado nas propagandas e peças

Figura 15: Antigo apiário do Parque da Produção Animal do Cordeiro

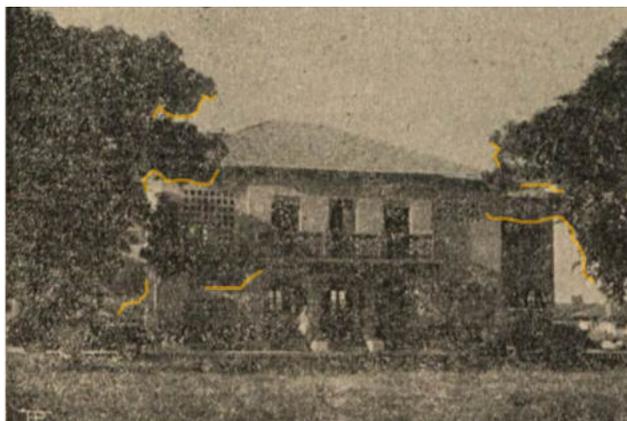
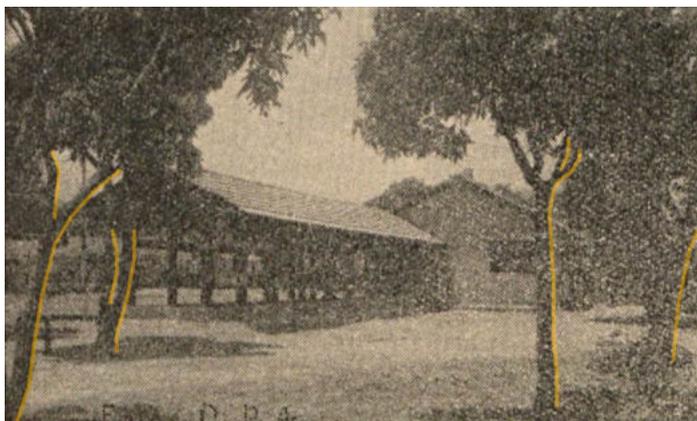
Fonte: Lavoura e Criação (PE), 1946, Edição 0002. Autor não creditado.

Figura 16: Sede da Diretoria da Produção Animal do Estado de Pernambuco do Parque da Produção Animal do Cordeiro

Fonte: Lavoura e Criação (PE), 1948, Edição 0006. Autor não creditado.

Figura 17: Pavilhões do Parque da Produção Animal do Cordeiro

Fonte: Lavoura e Criação (PE), 1948, Edição 0006. Autor não creditado.



publicitárias de venda de loteamentos que, como visto, foram parte importante do processo de ocupação a área (Figura 18).

Por fim, ressalta-se ainda que em 1949 a antiga arquibancada de madeira foi substituída por uma nova estrutura contendo marquise e banheiros, erguida em cimento armado (Figuras 19 e 20), considerada “uma das mais completas e modernas existentes em todo o país” (Lavoura e Criação - PE, 1949) possuía capacidade para 2000 espectadores e, na exposição que marcou a sua inauguração, a Secretaria de Agricultura franqueou a entrada do evento, dessa forma marcando o princípio da aproximação deste com o público geral que respondeu a essa oportunidade lotando o espaço de forma jamais vista, retornando ano após ano até que o certame assumisse os contornos de festa popular.

Nas décadas seguintes o local passou por um processo de consolidação do seu traçado (Figura 25) que progressivamente passou a ser marcado principalmente por dois eixos longitudinais, sendo o mais antigo deles aquele que leva até o casarão do parque, e também dois eixos transversais, por sua vez, o primeiro deles interrompido pela pista de desfiles que representa o seu foco e o segundo cortando o parque na altura da mais antiga cavaliariça e conectando-o com a rua João Rosendo. Essa configuração permanece ao longo de toda a década de 1960 (Figura 26), indicando o fortalecimento da dinâmica que a sustentava.

A década de 1970 inicia-se com a mudança de nome do local já bem conhecido pelos habitantes do entorno como Parque do Cordeiro ou simplesmente Parque de Exposições tem seu nome de batismo (Parque da Produção Animal) modificado para “Parque Professor Antônio Coelho” em homenagem póstuma a Antônio de Andrade Coelho, técnico da secretaria



Figura 18: Recorte de periódico anuncia venda de unidades em loteamento no Cordeiro.

Fonte: Diário de Pernambuco, 25 de Janeiro de 1948, Edição 00021(1). Autor não creditado.

Figura 19: Perspectiva do projeto de arquibancada de cimento armado para o Parque da Produção Animal do Cordeiro.

Fonte: Lavoura e Criação (PE), 1949, Edição 00007. Autor não creditado.

Figura 20: Primeira edição da Exposição de Animais e Produtos Derivados com entrada franca no Parque da Produção Animal do Cordeiro.

Fonte: Lavoura e Criação (PE), 1949, Edição 00008. Autor não creditado.



de agricultura e ex-presidente da Sociedade Nordestina dos Criadores (SNC). O traçado, no entanto, continuou o mesmo (Figura 27) até que o espaço foi atingido pela enchente da década de 1970 que destruiu parte significativa de suas instalações e a SNC recebeu cerca de 1 milhão de cruzeiros da Secretaria de Agricultura a fim de recuperar o parque a tempo do evento de exposição que ocorreria em novembro.



Figura 21

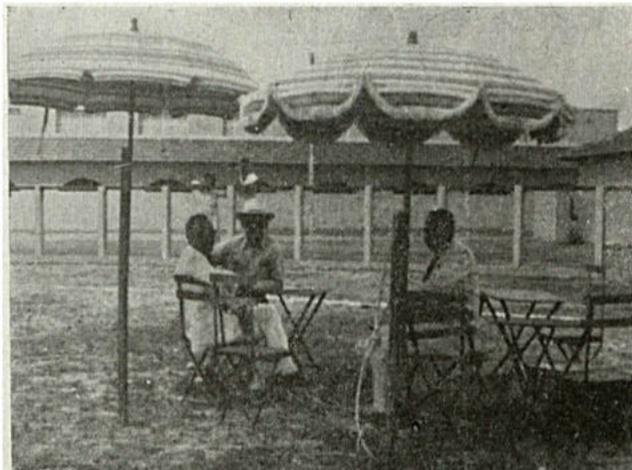


Figura 22



Figura 23



Figura 24

1941



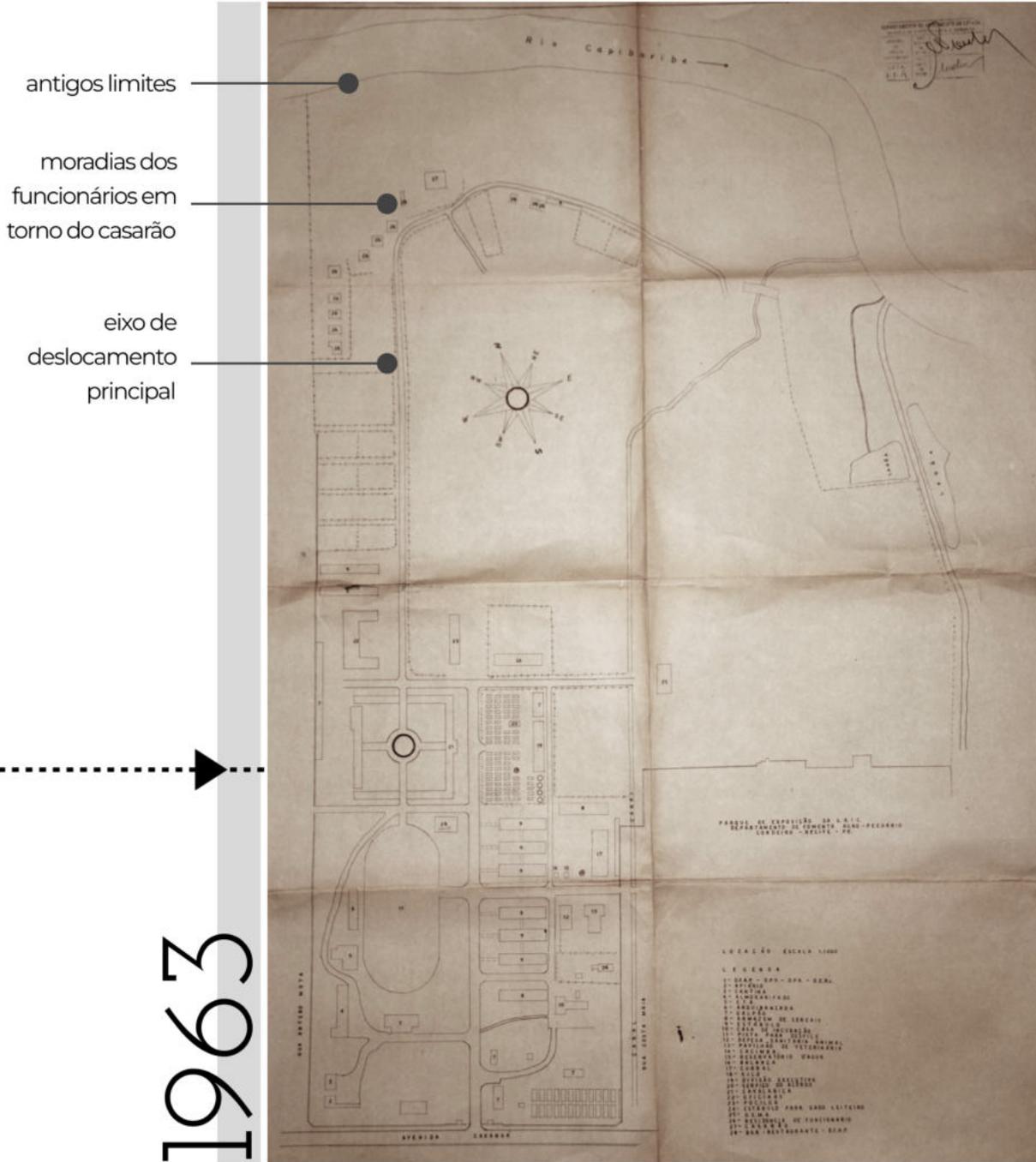
1956

porção do terreno com ocupação consolidada

Figura 25

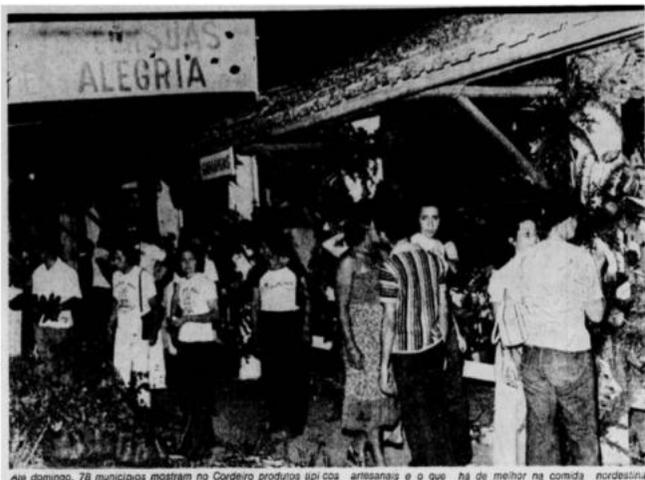


Figura 26



1980

formação de ocupação ao longo da antiga "estrada do engenho velho"



Aia domingo, 78 municípios mostram no Cordeiro produtos típicos artesanais e o que há de melhor na comida nordestina

Figura 28



Figura 29

primeiros estudos para desmembramento do terreno e abertura de nova via

projeção das construções para parcela do terreno desmembrada e doada a EMATERPE em 1979

# 1996

Figura 30



pavimentação da área de eventos, estacionamento e eixo central

Figura 31



abertura de novo eixo

feira têxtil

construção de edifício da sociedade nordestina dos criadores

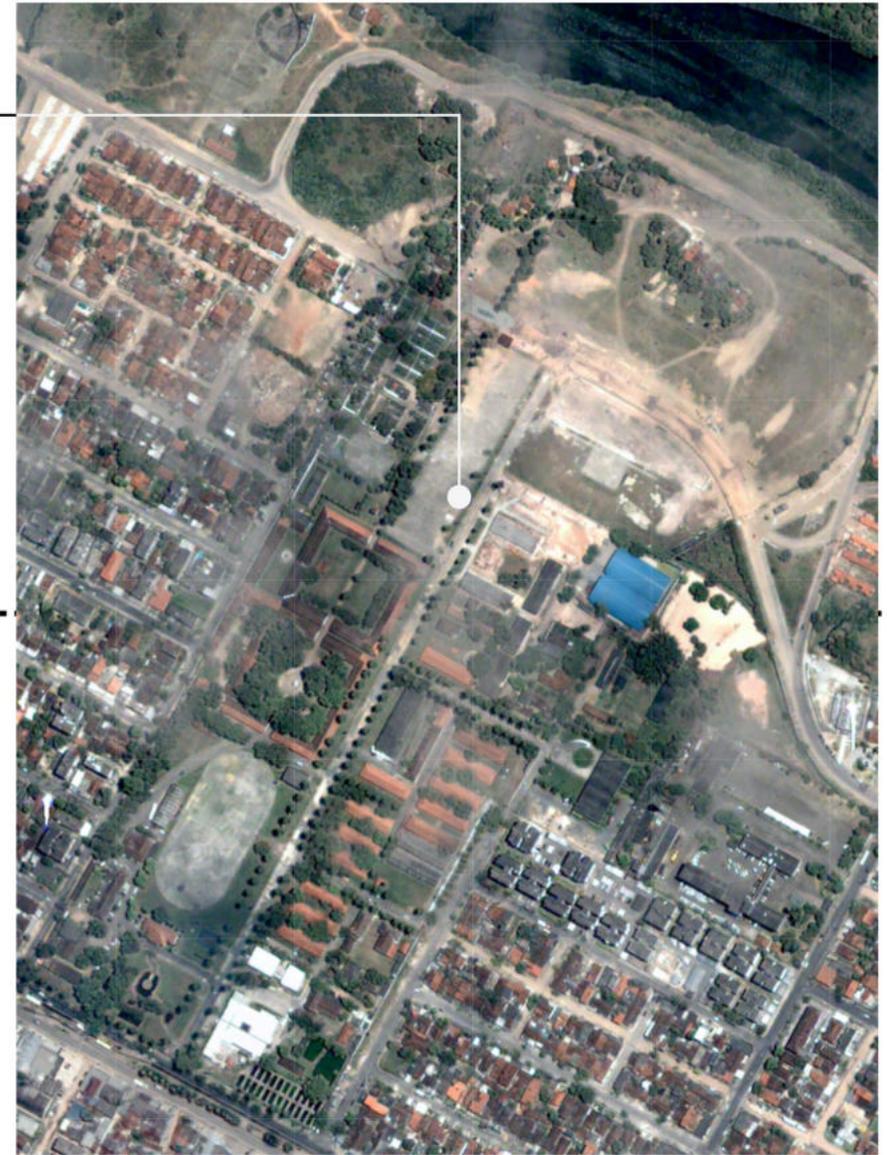


Figura 32

# 2002

efetivação dos  
desmembramentos  
e desconexão das  
margens

2013



Figura 33

2020



Figura 34

ATUALIDADE

Após essas reformas percebe-se que ao fim da década de 1970 e início da década de 1980 o parque assumiu uma ocupação mais similar ao estado atual (Figura 29). Também é nessa época que tem-se início os estudos para a construção da via semi radial norte - Avenida Maurício de Nassau - e os primeiros desmembramentos e doações de áreas do parque para órgãos públicos - a partir da cessão de terras para instalação da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Pernambuco (EMATER-PE) em 1978, onde hoje funciona o Departamento de Homicídio e Proteção à Pessoa (DHPP).

A partir da análise cartográfica e da pesquisa histórica documental e iconográfica sobre a criação e evolução do parque ao longo dos anos em livros e no acervo digital de periódicos nacionais na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional foram elaborados dois produtos que sintetizam as discussões aqui apresentadas com objetivo de subsidiar a proposta de intervenção: o mapa da época de construção das estruturas existentes (Figura 35) e um quadro resumo dos usos identificados no espaço ao longo do tempo (Quadro 1).

QUADRO 1: Leitura dos principais usos do espaço ao longo do tempo

USO	PERÍODO	DESCRIÇÃO
EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA	a partir de 1941	<ul style="list-style-type: none"> <li>Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados</li> </ul>
	a partir da década de 1970	<ul style="list-style-type: none"> <li>Exposição Nordestina de Equinos com participação dos estudantes concluintes de veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com exibições folclóricas</li> </ul>
EDUCAÇÃO E PESQUISA	década de 1940	<ul style="list-style-type: none"> <li>Oferecimento de cursos de horticultura, apicultura e avicultura</li> <li>Postos centrais de multiplicação avícola (apiário e casa de incubação), apicultura, agrostologia e de monta;</li> </ul>
	década de 1960	<ul style="list-style-type: none"> <li>Laboratórios de análise de mel com criação de abelhas e recepção do público para visitas na Cooperativa dos Apicultores de Pernambuco</li> </ul>
	década de 1970	<ul style="list-style-type: none"> <li>Treinamentos Zootécnicos de capacitação pela colaboração entre a Sudene e a Sociedade Nordestina de Criadores</li> <li>Criação de viveiros de carpas vendidas a preços simbólicos aos piscicultores</li> </ul>

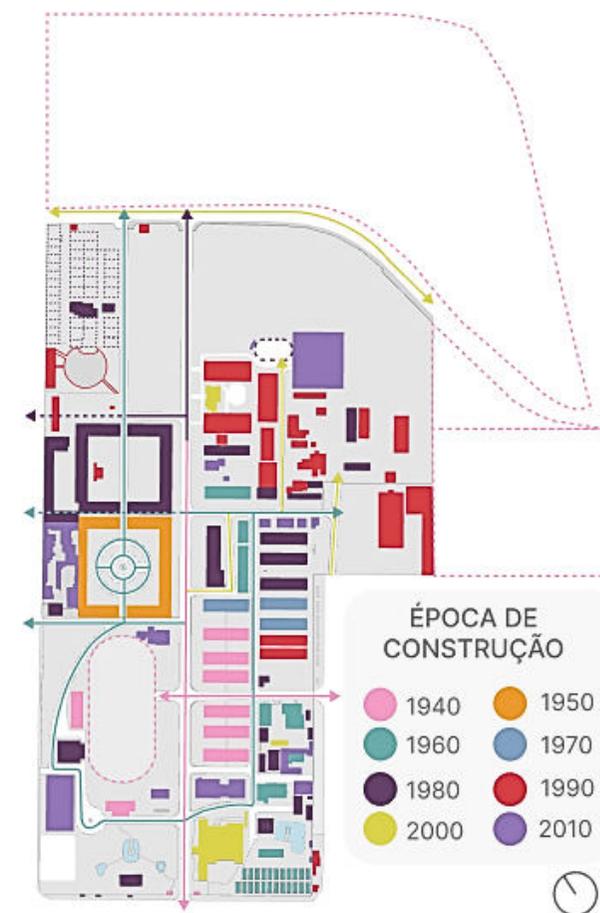


Figura 35: Mapa Esquemático de Época de Construção.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

COMÉRCIO E SERVIÇOS	década de 1960	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Posto de Produção de mudas e comércio de espécies frutíferas</li> <li>• Posto de minhocultura para produção de húmus</li> <li>• Bar-Restaurante do Parque</li> </ul>
	a partir da década de 1970	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Venda de herbicidas, inseticidas, fungicidas, medicamentos veterinários, produtos agrícolas e aplicação de vacinas diversas em animais pela Sociedade Nordestina dos Criadores na sede do D.P.A.</li> </ul>
	a partir da década de 1990	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Clínica veterinária popular da Secretaria de Agricultura com atendimento de animais de pequeno e grande porte</li> <li>• Farmácia Popular</li> </ul>
COMPETIÇÕES	a partir da década de 1960	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gincanas Universitárias da Universidade Federal de Pernambuco (U.F.P.) da Escola de Engenharia e da Faculdade de Ciências Econômicas: "Ginkana Show Marcha a Ré do Norte e Nordeste" e "Ginkana Grupo Eco"</li> <li>• Com demonstrações de judô e karatê, shows coreográficos, demonstração de cães adestrados, desfile dos últimos modelos da indústria automobilística nacional e competição dos seus modelos.</li> </ul>
	a partir da década de 1970	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Provas de hipismo especializadas - Campeonato de salto de obstáculos pela Federação Equestre de Pernambuco com cavaleiros filiados ao Caxangá Golf Club e a Polícia Militar</li> <li>• Competições Equestres populares - Gincana com liberação para qualquer cavaleiro e entrada franca</li> <li>• Concurso de Mister-Pernambuco ao ar livre em parceria com a Federação Pernambucana de Halterofilismo</li> </ul>
EVENTOS GERAIS	a partir da década de 1940	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desfile de Cães e exposição canina - apresentação para o público geral em parceria com o Pernambuco Kennel Club contando com delegações de diversos estados brasileiros</li> </ul>
	a partir da década de 1970	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos natalinos de entrega de presentes doados</li> <li>• Eventos infantis como dia do professor e a festa "Alegria no Parque" promovida pelo Lions Clube de Casa Amarela</li> <li>• Feira dos Municípios com a participação de mais de 70 municípios de Pernambuco que vendiam seus produtos típicos artesanais, culinária nordestina e ocorriam apresentações musicais</li> </ul>
	década de 1990	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Feirão da Sulanca Recife com a venda de confecções a preços atrativos. Costumava ocorrer todas as sextas-feiras com apoio do Banco do Estado de Pernambuco e pela federação das associações dos microempresários do estado.</li> </ul>

INSTITUCIONAL E ASSOCIAÇÕES	a partir da década de 1940	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diretoria da Produção Animal do Estado de Pernambuco</li> <li>• Setores do Departamento de Produção Vegetal de Pernambuco</li> </ul>
	s.d. definida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sede da Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária do Governo do Estado de Pernambuco</li> <li>• Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Pernambuco (EMATER-PE)</li> <li>• Escritório do Fundo de Terra do Estado de Pernambuco (FUNTEP)</li> </ul>
	a partir da década de 1960	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A partir da década de 1960 as associações foram sendo incorporadas ao parque, sendo os mais antigos registros da Cooperativa de Apicultores e da Associação Columbófila do Recife</li> </ul>
	a partir dos anos 2000	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Centro de Equoterapia infantil</li> <li>• Expresso cidadão</li> <li>• Posto de atendimento da CELPE, da COMPESA e do Detran</li> <li>• Grande Recife, defensoria Pública e agência do Trabalho</li> <li>• Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco (LAFEPE)</li> <li>• PROCON e Caixa Econômica</li> <li>• Secretaria de Defesa Social (SDS)</li> </ul>
HABITAÇÃO	a partir da década de 1960	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Surgimento de moradias de funcionários que mantinham o parque no local que hoje corresponde ao terreno cedido ao Instituto do Fígado em que há obra inacabada</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de periódicos da Biblioteca Nacional Digital entre as décadas de 1940 e 1990.

Unindo as informações vistas com a linha do tempo ao que está exposto no quadro resumo percebe-se também que a partir meados dos anos 1990 inicia-se o declínio desse espaço - ao menos nos moldes em que foi concebido - com a incorporação de usos que destoavam de sua temática, transformando-o em um polo de prestação de serviços, o que mantinha-no ativo no cotidiano, porém exigia a produção de cada vez mais área construída no parque.

Neste momento também populariza-se a realização de shows de grande porte no local como evento acrescido à Feira dos Municípios e de Exposição trazendo artistas como Olodum, Elba Ramalho e a Banda Calypso que atraíam multidões e dinamizaram o local. Contudo, a popularização dos eventos desagradava os ruralistas que viam com maus olhos a mudança de foco das pesquisas em melhoramentos genéticos e avanços na produção agrícola e também a apropriação do espaço pelas camadas de baixa renda (Figura 36).

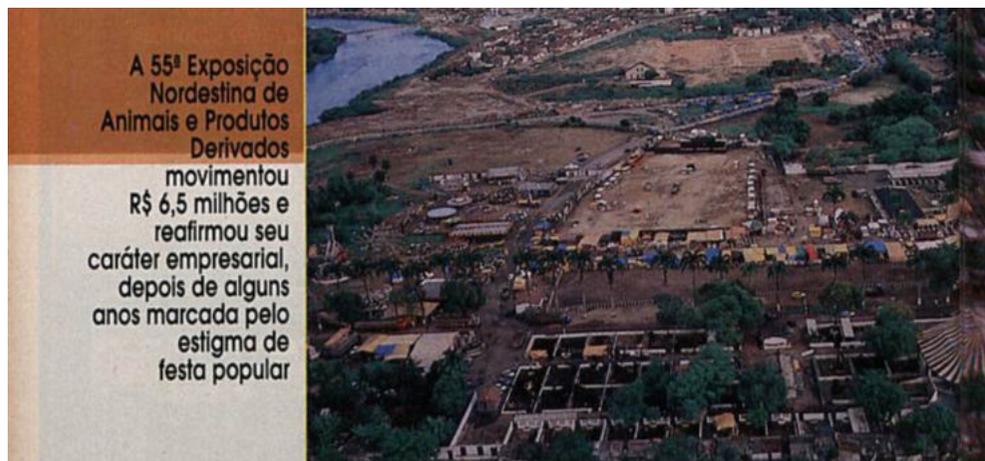


Figura 36: Recorte de periódico mostra vista aérea do Parque do Cordeiro.  
Fonte: Revista Manchete Rural (RJ), 1996, Edição 00114. Ana Siqueira.

Paulatinamente o caráter educacional e acadêmico da área também foi se perdendo com o desmonte de estruturas que davam apoio ao espaço, quebrando o sistema do qual ele um dia fizera parte. Além disso, o corte realizado pela efetiva construção da Avenida Maurício de Nassau no ano de 2004 acelerou o processo de desmembramento do parque, o qual perdeu sua conexão com o rio, uma vez que os terrenos após a via foram cedidos para a construção da Estação de Tratamento de Esgoto Paulo Augusto do Nascimento Feitosa (2009) e para a construção do Hospital Luiz Felipe Brennand (2010) pelo Instituto do Fígado de Pernambuco.

Assim, restou apenas uma porção de terra na qual localizava-se o casarão que foi abandonado (Figuras 37 e 38) a partir dos anos 2000 visto que nenhuma das partes reivindicou a posse sobre ele, com isso, o eixo central do parque - completado em fins dos anos 1990 - assume maior relevância e o caminho que levava ao rio torna-se obsoleto, pois, ao ser interrompido pela via, perdeu sua força.

O declínio no funcionamento desse espaço se deu já na década de 2010, com a saída de departamentos do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) e da Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária que receberam nova sede em San Martin e, por fim, com a paralisação das atividades do Expresso Cidadão para reformas que ainda não ocorreram, ocasionando no sucateamento e abandono de sua estrutura, assim como a área do hospital supracitado que tinha a conclusão prevista para o ano de 2015, mas está abandonado há cerca de dez anos.



Figura 37 e 38: Situação do casarão do século XIX em estágio de ruínas.  
Fonte: André Nery, 2016.

Conclui-se dessa explanação que, por, ao longo do tempo, ter perdido importantes usos que mantinham sua atividade cotidiana, progressivamente tornando-se um espaço cada vez mais ermo - e sob o argumento de melhor gestão da segurança - exigindo seu cercamento com muros de alvenaria que tornaram-se mais altos com os anos - o parque que já havia sido local de reunião, celebração e aprendizagem transformou-se em uma barreira física para a população do entorno, impedindo tanto os fluxos como as visadas.

Essa situação contribuiu para que o espaço fosse considerado obsoleto pela população e pela administração, visto que nos últimos anos serviu para o Estado não como um parque público que merecia um projeto com o objetivo de atualizá-lo para as demandas contemporâneas da sociedade, mas como um estoque de terra que supria as necessidades que surgiam, como visto com as cessões de terra supracitadas para incorporação de usos incompatíveis com o local. Exemplo disso é a recente incorporação da Empresa Pernambucana de Transporte Intermunicipal (EPTI) (com endereço original em Santo Amaro), em um dos edifícios de gerência da ADAGRO um uso fora do escopo do local cujas atividades causam tumulto nas vias limítrofes por conta da entrada de ônibus intermunicipais no parque para inspeção.

## 2.2. OS PROBLEMAS ATUAIS

Dessa forma, chegamos às principais problemáticas que a situação atual impõe ao projeto. Para além da subutilização, a falta de manutenção também é latente na área de estudo, podendo ser considerada uma consequência direta do primeiro impasse. Assim, o mobiliário existente, não só encontra-se em mal estado de conservação (Figura 39), como também é insuficiente, tornando-se comum ver pessoas sentadas no chão pela ausência de espaços adequados (Figura 40), ademais há pouca disponibilidade de lixeiras e deficiência no recolhimento dos detritos, acarretando a geração de pontos de acúmulo de lixo (Figura 41).



Figura 39 e 40: Insuficiência de mobiliário e falta de manutenção leva os usuários a se apropriar dos tanques e desníveis como assento.  
Fonte: De autoria própria, 2023.

Diante disso, ao visitá-lo ao longo do ano não é incomum encontrar o local em péssimo estado de conservação com os passeios inacessíveis por conta de danos no piso, a vegetação espontânea propagando-se descontroladamente, além de árvores carentes de poda e de tratamento de patologias (Figuras 46 e 47).

Além disso, percebeu-se que não é adequada a quantidade de postes de iluminação, tornando o local escuro e com aspecto intimidante ao entardecer, os banheiros públicos são dispersos em zonas pouco movimentadas, têm problemas de funcionamento, de higienização e de provisão de materiais de limpeza tanto no dia a dia como no período de eventos, em que são instalados contêineres sanitários para suprir o aumento de demanda. Ainda, ressalta-se que não há quiosques regulamentados para os poucos comércios que existem no parque e no seu perímetro, assim esses locais funcionam em barracas improvisadas. Também nota-se a ausência de espaços voltados para o público infantil fora do período de eventos.



Figura 41: Acúmulo de resíduos no parque.  
Fonte: Maria Carolina Albuquerque, 2022.

Outro ponto relevante é a falta de unidade arquitetônica entre as edificações que, construídas ao longo de várias décadas, nem sempre foram inseridas com o cuidado de comunicar-se com seu entorno. Vale ressaltar que há uma grande soma de edificações sem uso ou que atuam apenas como depósito (Figuras 42 e 43) e ainda uma falta de sinalização dos serviços disponíveis e de indicação de sua distribuição no parque - o qual também não conta com um mapa informativo na entrada -, algo que, somado à falta de centralidade e de legibilidade da área, ocasiona desorientação dos visitantes que recorrem aos policiais e outros transeuntes para informações.



Figura 42 e 43: Edificações sem uso no parque.  
Fonte: De autoria própria, 2022.



Figura 44 e 45: Veículos públicos abandonados e estacionados no parque.  
Fonte: Maria Carolina Albuquerque, 2022.

Já com relação a segurança, mesmo com a presença diurna da guarda municipal que conta com a vigilância de dez homens, o espaço ainda sofre com problemas, uma vez que foram relatados furtos de eletrônicos e eletrodomésticos das associações, e de peças dos veículos da ADAGRO - os quais são outro problema, visto que os automóveis não são utilizados, a maioria está em péssimo estado e acumulam-se em todo o terreno (Figuras 44 e 45) por falta de destino adequado. Além dos relatos de assaltos no perímetro externo do parque inseguro pela falta de vigilância gerada pelos seus muros que tornam-se um obstáculo ao deslocamento das pessoas. Esse enclausuramento da área ocasionou a apropriação dela como moradia e hoje existe um ponto de ocupação em habitações irregulares, com moradores oriundos do remanejamento das antigas casas dos funcionários do parque antes localizadas próximo ao casarão em ruínas.



Figura 46 e 47: Falta de manutenção e tratamento da vegetação do parque.  
Fonte: De autoria própria, 2022.

Soma-se a essas questões, também, um gerenciamento pouco eficiente no que diz respeito à organização de mais programas de recreação que envolvam a comunidade do entorno, pois atualmente há somente convênio com os criadores pecuaristas que realizam dois eventos ao ano, as demais instituições podem locar o parque para atividades, entretanto não há proatividade dos responsáveis pela área para desenvolver uma agenda cultural.

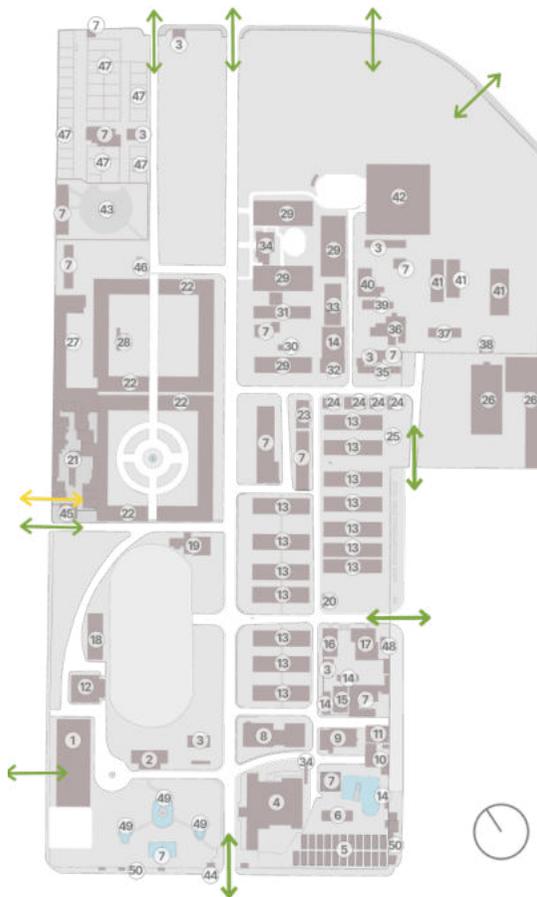
A partir das análises e observações realizadas também confirmou-se que os eventos abrigados pelo parque são realizados de maneira espaçada e permitem que o local esteja praticamente ocioso por uma boa parte do ano, situação agravada pelo fato de que os usos cotidianos concentram-se principalmente nas proximidades da Avenida Caxangá, conforme o quadro a seguir que contém os usos fixos e efêmeros do local na atualidade e o mapa esquemático que expõe sua disposição (Figura 48):

QUADRO 2: Leitura dos principais usos do espaço na atualidade.

USO	PERÍODO	DESCRIÇÃO
CULTURA	fevereiro (anualmente)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Carnaval - Desfile do bloco carnavalesco "Treme-treme" da Associação de Parkinson de Pernambuco que conta com orquestra de frevo, ocorre desde 2007 e tem duração de 1 dia.</li> </ul>
FEIRAS LIVRES	entre os meses de janeiro e março (anualmente)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• BIG Feirão de Automóveis com a venda de veículos usados e seminovos reunindo mais de 30 lojas, costuma durar apenas 4 dias.</li> </ul>
	abril (anualmente)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Feira de adoção de cães e gatos do projeto Adote um Vira-Lata (Extensão UFPE) em parceria com a Secretaria de Educação Superior (SESu), costuma durar 1 dia.</li> </ul>
	às sextas (semanalmente)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Feira de produtos orgânicos pequena vinda da CEASA todas as sextas-feiras pela manhã.</li> </ul>
EVENTOS	mensalmente ou trimestralmente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Torneio de canto de pássaros organizado pela Associação Ornitológica de Pernambuco.</li> </ul>
	setembro (sem periodicidade)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Show de manobras radicais em motocicletas fruto da parceria entre Consórcio Nacional Honda, Equipe Força e Ações e Programa Moto Amiga-Detran (primeira edição em 2022), tem duração de 1 dia.</li> </ul>

EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA	setembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ExpoAgro Nordeste, organizada pela Associação dos Criadores de Nelore do Nordeste (ACNN) e costuma durar 9 dias.</li> </ul>
	novembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados, organizada pela Sociedade Nordestina de Criadores e costuma durar 9 dias.</li> </ul>
HABITAÇÃO	diário	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaços de moradia de antigos funcionários do parque já aposentados</li> </ul>
COMÉRCIOS E SERVIÇOS	diário	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agência de Defesa e Fiscalização Agropecuária (ADAGRO)</li> <li>• Empresa Pernambucana de Transporte Intermunicipal (EPTI)</li> <li>• Grande Recife Consórcio de transporte metropolitano (VEM)</li> <li>• Posto de Supervisão da Guarda Patrimonial de Pernambuco</li> <li>• Comitê de Ação da Cidadania Pernambuco Solidário (Fome Zero)</li> <li>• Associação de Parkinson do Cordeiro (ASP)</li> <li>• Loja da cooperativa de apicultores de pernambuco (CAPEL)</li> <li>• Banco do Brasil</li> <li>• Restaurante da Associação Ornitológica do Cordeiro</li> <li>• Restaurante da Sociedade Nordestina de Criadores</li> <li>• Sementeira do parque administrada pela Prefeitura do Recife</li> <li>• Pequenas lanchonetes ao longo dos muros e uma única no interior</li> <li>• Studio de Yoga - aulas no parque</li> </ul>
ASSOCIAÇÕES DE CRIADORES E PRODUTORES	diário	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Associação Ornitológica do Cordeiro (AOPE)</li> <li>• Associação Brasileira dos Criadores de Caprinos (ABBC)</li> <li>• Associação de Criadores de Cavalos Mangalarga Machador (ACCMM)</li> <li>• Associação dos Criadores de Coelhos de Pernambuco (ACCEP)</li> <li>• Associação dos Criadores de Suínos do Estado de Pernambuco (ASPE)</li> <li>• Associação dos Produtores de Mandioca e Milho de Caruaru</li> <li>• Cooperativa de Apicultores de Pernambuco (CAPEL)</li> <li>• Clube Ornitológico de Pernambuco (COPE)</li> </ul>
ASSOCIAÇÕES DE CRIADORES E PRODUTORES	diário	<ul style="list-style-type: none"> <li>• União das Organizações Associativas do Parque (UNIPARQUE)</li> <li>• União dos Pequenos Produtores Rurais de Pernambuco (UNIPROPE)</li> <li>• Sociedade Nordestina dos Criadores (SNC)</li> <li>• Associação dos Servidores da Secretaria de Produção Rural e Reforma Agrária (ASSEPRA)</li> </ul>
ZONA ELEITORAL	outubro (em anos de eleições)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 seções de votação dispersas pelo parque, com maior concentração no entorno da Sociedade Nordestina de Criadores</li> </ul>

Fonte: De autoria própria, 2023.



### SITUAÇÃO ATUAL

- |   |   |
|---|---|
| 1 - Banco do Brasil   | 26 - Sociedade Nordestina dos Criadores (SNC)   |
| 2 - ADAGRO - SEDE   | 27 - Baías e cocho  |
| 3 - Sanitários  | 28 - Banheiro e abrigo  |
| 4 - Expresso Cidadão - Temporariamente desativado                                       | 29 - Curral caprinos e ovinos   |
| 5 - Antigos tanques de carpas   | 30 - Associação dos Cunicultores  |
| 6 - Pavilhão de Piscicultura  | 31 - Pavilhão suínos  |
| 7 - Edifício sem uso / ocioso   | 32 - Associação dos servidores da Secretaria de Produção Rural e Reforma Agrária (ASSEPRA) - Ambulatório médico |
| 8 - ADAGRO II   | 33 - Galpão de torneio leiteiro - caprinos e ovinos   |
| 9 - União dos Pequenos Produtores Rurais de Pernambuco (UNIPROPE)                       | 34 - Quiosque alimentação - Eventos   |
| 10 - Pavilhão Criadores de Hamster  | 35 - Cooperativa de Apicultores (CAPEL) e comércio apícola  |
| 11 - Clube Ornitológico de PE   | 36 - Restaurante Recanto dos Passaros   |
| 12 - Posto de Atendimento VEM   | 37 - Escritório - Sementeira  |
| 13 - Pavilhão Bovinos   | 38 - Cisterna   |
| 14 - Depósito   | 39 - Galpão de Exposição de Cunicultores  |
| 15 - Associação de Criadores de Cavalos Mangalarga Machador (ACMM)                      | 40 - União das Organizações Associativas do Parque (UNIPARQUE)  |
| 16 - Associação dos Portadores de Parkinson de Pernambuco                               | 41 - Galpão de mudas - Sementeira   |
| 17 - Cooperativa dos Produtores de Mandioca e Milho de Caruaru (MTST)                   | 42 - Pavilhão de caprinos e ovinos  |
| 18 - Arquibancada e sanitários  | 43 - Mostrador - Julgamento   |
| 19 - Empresa Pernambucana de Transporte Intermunicipal (EPTI)                           | 44 - Portaria / Pórtico de Acesso   |
| 20 - Antigo reservatório de água  | 45 - Associação Brasileira dos Criadores de Caprinos (ABBC)   |
| 21 - Habitações   | 46 - Reservatório de Água   |
| 22 - Cavalariças  | 47 - Curral - Bovinos   |
| 23 - Posto Policial e Associação dos Criadores de Suínos do Estado de Pernambuco (ASPE) | 48 - Plantão Veterinário - Eventos  |
| 24 - Stand de vendas insumos agrícolas (eventos)  | 49 - Tanques ornamentais  |
| 25 - Balança  | 50 - Fiteiros   |

Figura 48: Esquema de localização dos usos atuais e acessos do parque.  
Fonte: De autoria própria, 2023.

Com isso, percebe-se que, naturalmente, o processo de resgate histórico e leitura do local aponta para a necessidade de reconhecimento das dinâmicas do entorno imediato e suas relações com o objeto de estudo para, a partir da interpretação da realidade presente da área elaborar diretrizes adequadas ao local, o qual tem potencial para tornar-se núcleo de educação, lazer e cultura.

## 2.3. RECONHECIMENTO DO ENTORNO

Com intuito de diagnosticar a situação urbano paisagística do entorno do objeto de estudo foram elaborados mapas temáticos através da utilização de ferramentas tais quais imagens de satélite do Google Earth, informações cartográficas extraídas do Sistema de Informações Geográficas do Recife (Esig) e visitas para o reconhecimento do local que, para além da observação, permitiram a produção de registros fotográficos e escuta à população.

Essa análise tem como recorte as quadras situadas há um alcance de 500m do perímetro da área de estudo (Figura 49), visto que essa seria a área mais impactada por uma proposta de intervenção no local, uma vez que a distância supracitada é considerada aceitável para caminhada por boa parte das pessoas (GEHL, 2013, p. 121). O objeto de estudo, no entanto, alcança uma área de influência de 1600m por conta de sua grande dimensão (NRPA, 1995 *apud* INCITI, 2020), alcance este potencializado durante a temporada de eventos, na qual chega ultrapassar os limites municipais, atraindo pessoas de diversas cidades.

Assim, percebeu-se que, mesmo adotando-se um perímetro de análise menor do que a real área de influência - a qual abrange os bairros do Cordeiro, Iputinga, Torre, Zumbi, Prado e, mesmo que segregado pelo rio, Poço da Panela, Santana e Casa Forte - ainda deparamo-nos com um alcance que extrapola os limites do bairro do Cordeiro (Figura 49, em amarelo). Dessa forma, atingindo locais com realidades socioeconômicas diferentes e características de ocupação igualmente distintas, favorecendo o equipamento pela diversidade, mas impondo o desafio de agir como espaço de conexão e trocas entre os indivíduos que habitam no seu entorno.

Ao elaborar o mapa de cheios e vazios e cobertura vegetal (Figura 51) foi possível compreender que a área de estudo está inserida em uma zona densamente ocupada, no entanto o norte do recorte fica à margem desse adensamento urbano, e nele estão localizadas áreas livres residuais e obras inacabadas que atuam como obstáculos para o estabelecimento de uma relação com a margem do Rio Capibaribe. Além disso, notou-se que as massas vegetais mais significativas estão situadas ao longo do caminho das águas, tanto junto ao rio, como dos seus canais tributários a exemplo do riacho do Cavouco, vale ressaltar que nessas áreas a ocupação torna-se mais espontânea por ser formada por assentamentos irregulares de baixa renda.

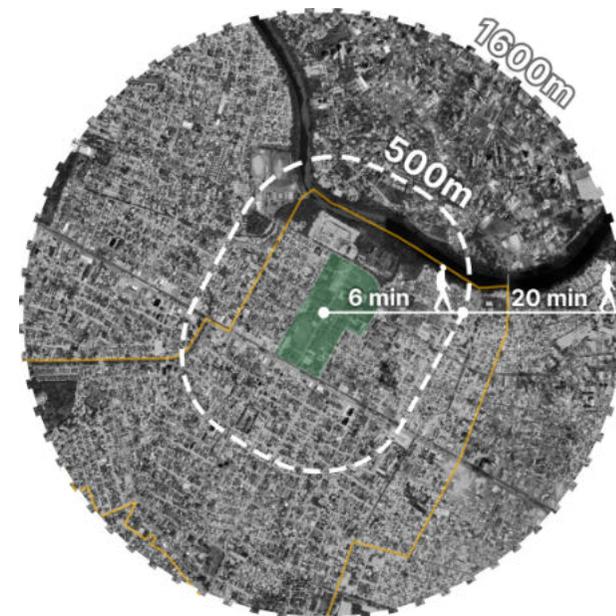


Figura 49: Esquema de raio de influência do parque.

Fonte: De autoria própria, 2023.

Essa densa vegetação na beira do rio reduz significativamente a visibilidade das águas e, portanto, a maioria da população do entorno tem pouca relação com os corpos hídricos e a única janela identificada na área foi o Cais do Caiara (Figura 50), localizado no parque homônimo, por meio do qual é possível visualizar as águas, a densa vegetação e a ponte do Parque Santana ao longe.



Figura 50: Vista do Cais do parque do Caiara.  
Fonte: De autoria própria, 2023.

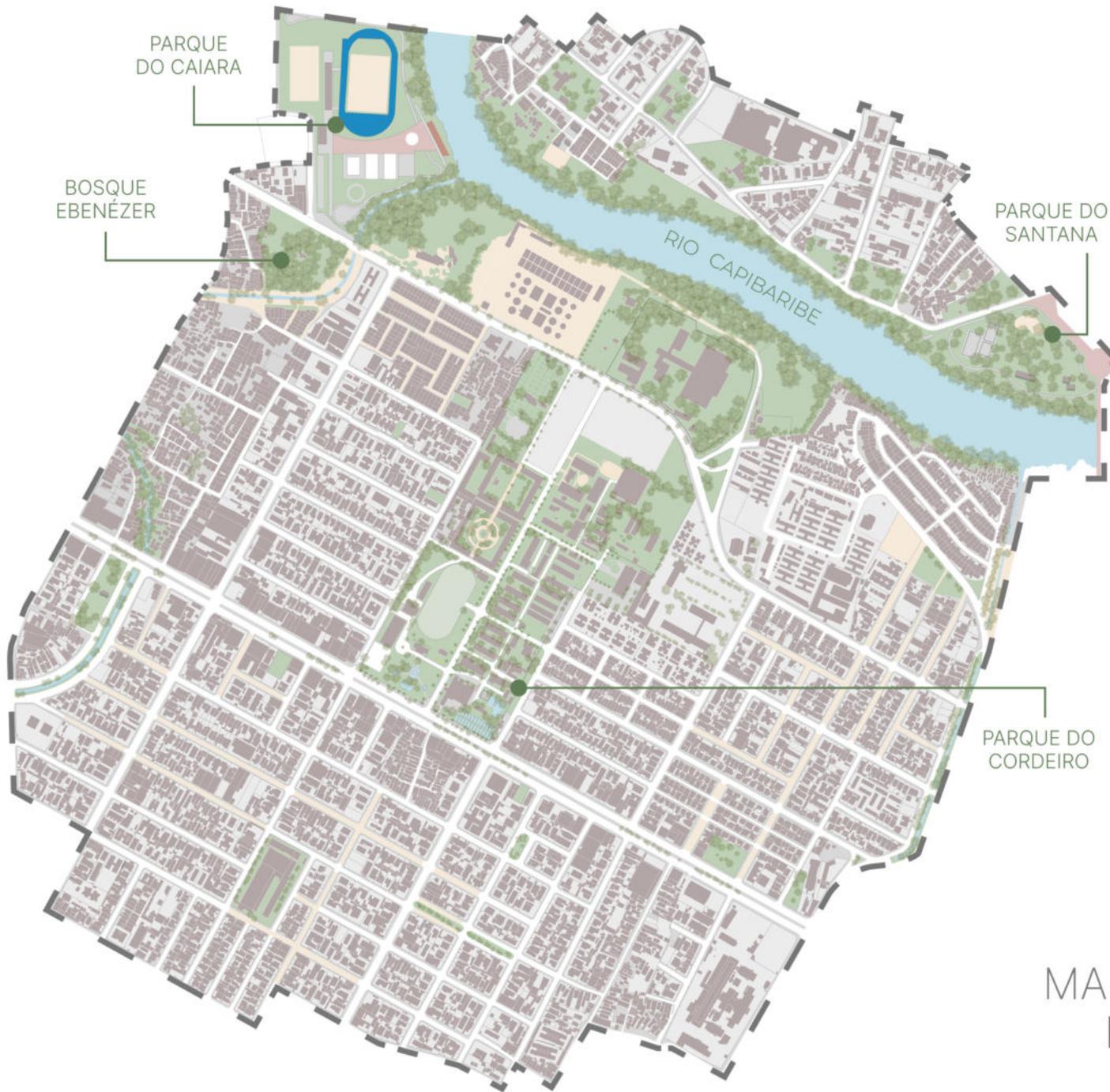


Imagem 52: Pç. Áureo Xavier  
Fonte: De autoria própria, 2019.



Imagem 53: Pç. Prof. Coelho de Almeida.  
Fonte: De autoria própria, 2019.



Imagem 54: Pç. da Av. Maurício de Nassau.  
Fonte: De autoria própria, 2019.



Imagem 55: Pç. Dom José Pereira Alves.  
Fonte: De autoria própria, 2019.

## MAPA DE CHEIOS E VAZIOS E COBERTURA VEGETAL



Imagem 51: Mapa de Cheios e Vazios e Cobertura Vegetal. Fonte: Elaboração Própria, 2023.

No recorte também destaca-se a presença do Bosque Ebenézer, propriedade privada na qual era exibida a coleção de esculturas do artista plástico e administrador do espaço Marcílio Reinaux, o local era aberto a visitação e possui uma área de remanescente de Mata Atlântica, além de contar com mais de mil árvores plantadas pelos visitantes e pelo próprio artista. Nos dias atuais o espaço está em estado de abandono, porém ainda é uma das maiores concentrações de áreas verdes no entorno.

Com relação aos espaços livres públicos presentes no recorte, como já pontuado foram identificados dois parques além do objeto de estudo: o Parque do Caiara (Iputinga) e o Parque Santana Ariano Suassuna (Santana), o primeiro deles rico em equipamentos esportivos, porém pouco arborizado e também com poucos equipamentos voltados a primeira infância, dispõe de campo de futebol de areia, quadra de futevôlei, pista de atletismo com campo de futebol gramado e arquibancada, ciclovia, além de uma Academia da Cidade. O Parque Santana, por sua vez, possui um caráter recreativo e dispõe de uma área maior destinada a playground, maior arborização e também conta com “parcão” para os animais domésticos, academia da cidade e área esportiva com quadra de tênis, pista de skate, bicicross, campo de futebol, pista de cooper e ciclovia.

Os demais espaços livres públicos identificados no recorte são cinco das nove praças do bairro do Cordeiro – Praça da Av. Maurício de Nassau (Figura 54), Praça Professor Coelho de Almeida (Figura 53), Praça Dom José Pereira Alves (Figura 55), Praça Áureo Xavier (Figura 52) – as quais carecem de infraestrutura, mobiliário e de espaços de lazer ativo, a exceção da Praça Professor Coelho de Almeida localizada nas margens do riacho do Cavouco que conta com quadra poliesportiva, academia da cidade e playground infantil e da Praça Dom José Pereira Alves que possui um pequeno espaço com equipamentos infantis. Ademais, no recorte também foi identificado um campo de pelada próximo ao parque objeto de estudo, a presença deste espaço informal pode ser lida como indicativo do desejo da população por mais equipamentos esportivos na área.

O mapa de fluxos e transporte público (Figura 56), por sua vez, permitiu a compreensão de como organiza-se o sistema viário e de transportes da área no entorno do objeto de estudo, alcançando um melhor entendimento de seus acessos. Dessa forma, como já discutido, foi possível identificar a Av. Caxangá como principal eixo da área, concentrando altíssimos fluxos de veículos e pedestres ao longo do dia, já como eixos secundários aponta-se a sua paralela, a Av. Maurício de Nassau e a transversal Av. Nossa Senhora da Saúde que interliga-se com a

Av. Inácio Monteiro. Por fim, como principal eixo local destaca-se a Rua Dr. João Lacerda com a Rua Paes Cabral, além destas, outras ruas de médio fluxo de veículos e pessoas também foram destacadas no mapeamento por conta do movimento que proporcionam ao local a exemplo da Rua Cláudio Brotherhood que direciona os fluxos para a Rua Antero Mota, onde localiza-se o retorno da Caxangá.



Figura 56: Mapa de fluxos.  
Fonte: Elaboração Própria, 2023.

As vias supracitadas são consideradas relevantes para estruturação do local e também se concentram nelas a maioria dos pontos de embarque e desembarque do transporte público,

que contornam a área de intervenção demonstrando seu grande potencial de conectividade, tanto pela presença do corredor leste-oeste de BRT (Bus Rapid Transit) com três estações dentro da área de recorte, além do Terminal Integrado Getúlio Vargas e os pontos de ônibus comum distribuídos pela malha.

Apesar desse potencial, também foram identificadas áreas apartadas do sistema, a exemplo das margens do rio onde não há conexão viária formal – ao menos na área do recorte –, restando o trajeto feito por caminhos de terra no meio de uma densa vegetação que desencoraja o trânsito de pessoas. Para além dessa área, no recorte também há diversas outras ruas sem calçamento, em terra batida (destacadas em bege na Figura 56), o restante das ruas locais é pavimentada em paralelepípedos e as vias de maior fluxo asfaltadas.

Por fim, é importante ressaltar a presença de uma considerável malha cicloviária no recorte que vem se expandindo nos últimos 5 anos e conflui para o objeto de estudo, possibilitando que moradores de maiores distâncias possam atingir o local de forma confortável através de meios de locomoção ativa e criando a expectativa de criação de um circuito dentro do objeto de intervenção que facilite esses trânsitos.

Por sua vez, o padrão de ocupação na área mostra um traçado ortogonal e regular devido à divisão em loteamentos a partir da década de 1940, predominando edificações de até dois pavimentos, principalmente casas térreas, evidenciando o caráter horizontal do entorno, como visto no mapa de gabarito (Figura 57). Nos principais eixos viários, como a Av. Caxangá, há uma tendência recente de verticalização, embora ainda seja pouco expressiva, contudo atenta-se para a possibilidade de adensamento indicada pela disponibilidade de solo na área, fator que supõe um aumento do público para o parque em questão nos próximos anos.

No entorno do objeto de estudo destaca-se a presença de muitos exemplares remanescentes do início da ocupação do bairro nas décadas de 1940 e 1950, os quais apresentam-se espalhados pelas ruas locais do recorte, geralmente em conjuntos em uma mesma rua, de tipo geminado ou solto no lote com muros baixos e áreas ajardinadas, contribuindo para a criação de um ambiente de aspecto bucólico que remete a paisagem do interior. Nos eixos de maior fluxo, por sua vez, é marcante a presença de galpões comerciais e nas áreas de ocupação mais recente - a partir da década de 1980 – encontram-se diversos exemplares de residências multifamiliares tipo caixão de dois a quatro pavimentos.

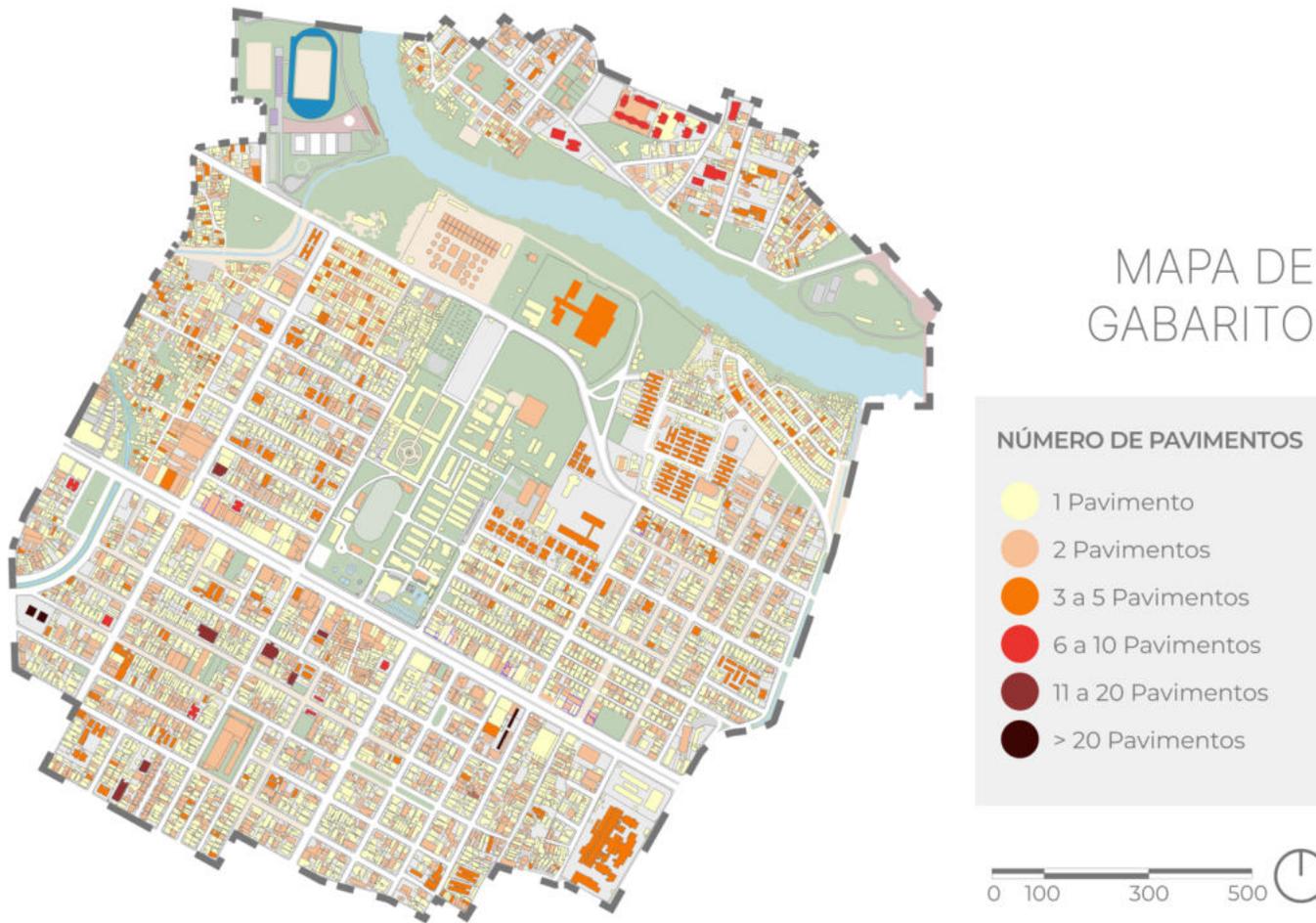


Figura 57: Mapa de gabarito.  
 Fonte: Elaboração Própria, 2023.

Também identificou-se a presença de áreas de ocupação informal ao longo do riacho do cavouco e próximo da Av. Maurício de Nassau, contíguas aos limites do parque, essa segunda área já é cadastrada como Comunidade de Interesse Social devido à precária infraestrutura urbana e falta de saneamento ambiental. Além disso, na área há diversos conjuntos habitacionais localizados em grandes lotes, como o Conjunto Habitacional do Cordeiro, o Conjunto Habitacional do Clube do Automóvel e o Conjunto Habitacional Escorregou Tá Dentro, este último construído em área antes pertencente ao Parque do Cordeiro.

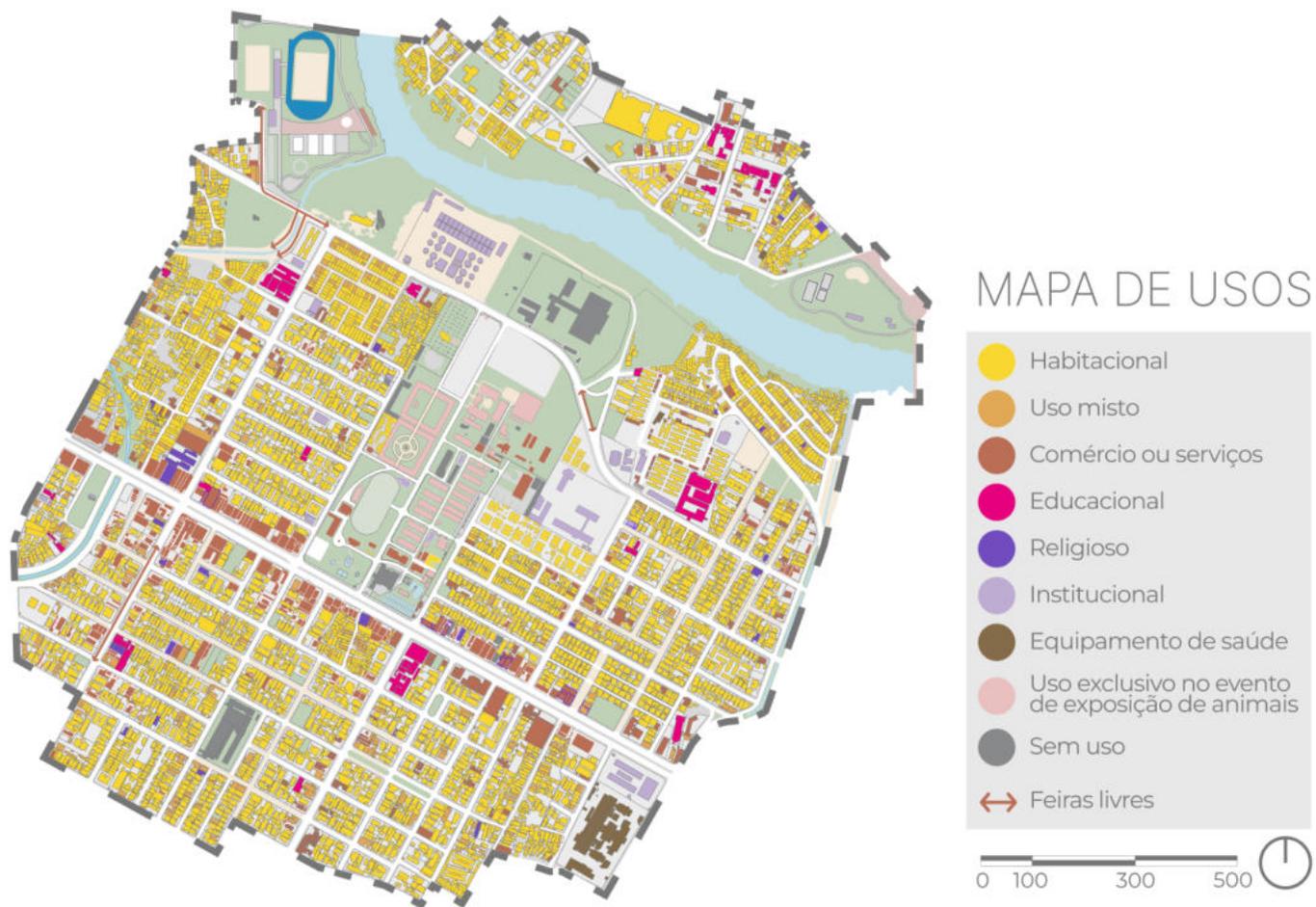


Figura 58: Mapa de uso do solo.  
Fonte: Elaboração Própria, 2023.

Partindo-se para a leitura de uso e ocupação do solo (Figura 58) identificou-se a predominância residencial, com a distribuição dos estabelecimentos voltados para comércios e serviços nas vias de maior fluxo, a exceção da Av. Maurício de Nassau, a qual, apesar de ser um importante caminho que abriga duas escolas públicas de médio e grande porte, possui pouca vitalidade e qualidade urbana, tornando-se um local perigoso por conter grandes trechos enclausurados entre os altos muros do parque e dos grandes equipamentos como a Estação de Tratamento de Efluentes e das áreas sem uso. Essa falta de vitalidade urbana pela ausência de uso também

transborda dessas margens para dentro do próprio objeto de estudo, o qual tem a maior parte das suas estruturas dedicadas ao uso sazonal, assim dentro do parque áreas de comércio e serviços concentram-se próximo à Av. Caxangá e das ruas laterais sem saída (R. Antero Mota e R. Costa Maia).

Os corredores de transportes públicos e vias de maior fluxo geram pontos de confluência que também abrigam dinâmicas de feiras livres, comuns no bairro como a feira da Bomba Grande, que diariamente espalha-se na Av. Inácio Monteiro ocupando com bancas flexíveis toda a área da ciclofaixa e alcançando a faixa de rolamento de veículos (Figura 59), nela vendem-se frutas, legumes e verduras e é tradicionalmente conhecida tanto no bairro do Cordeiro como da Iputinga, ao fim do dia as barracas são recolhidas. Outra feira de menor porte é a Feira Passira, que ocorre na Av. Maurício de Nassau próximo ao Grupo de Operações Especiais (Figura 60) e já foi muito mais relevante, ocupando toda a via à época sem saída – quando o terreno do Parque do Cordeiro ainda alcançava o Rio Capibaribe – hoje concentra-se modestamente nas margens da Praça da Av. Maurício de Nassau e todas as sextas-feiras nela são comercializados produtos têxteis, com destaque para bordados tradicionais.



Figura 59: Feira livre da Bomba Grande.  
Fonte: Google Street View, 2022.

Figura 60: Feira de bordados da Avenida Maurício de Nassau, próxima ao parque.  
Fonte: De autoria própria, 2023.

Além destas, no canto superior esquerdo do recorte, próxima ao antigo Bosque Ebenézer e do Parque do Caiara, também foi identificada a Feira do Troca de Animais (Figura 61) que ocorre todos os sábados e atrai criadores de cavalos, porcos, bodes e aves de diversos locais como Carpina, Gravatá e Abreu e Lima, além de carroceiros e outros interessados. Além de animais, a feira também abrangia o comércio de bicicletas e outros artigos, extrapolando a rua de barro onde ficam os animais e passando a tomar as calçadas e a ciclovia da Av. Maurício de Nassau, porém esse segmento tem sido suprimido por conta das irregularidades na origem desses materiais.

Na sequência dos usos comerciais, foi possível perceber que também destaca-se a forte presença de equipamentos educacionais e religiosos, os quais estão bem distribuídos por todo o recorte e, de acordo com estudos, são considerados proporcionadores de maior resiliência social para a população de baixa renda (PURA/INCITI, 2020). Outra importante relação que se pode fazer entre os usos representados no mapa e a condição socioeconômica é que nas áreas de ocupação informal também concentram-se a maioria dos estabelecimentos de uso misto, os quais são considerados relevantes para a vitalidade urbana do local.

Com relação aos usos culturais e de lazer e cultura, não foram pontuados equipamentos desse tipo na área analisada para além dos parques e praças já citados, no entanto algumas partes do recorte são atingidas pelos raios de influência do COMPAZ Ariano Suassuna (Av. San Martin - Cordeiro) e COMPAZ Miguel Arraes (Av. Caxangá - Madalena), distantes cerca de 2km do objeto de estudo. Assim, cabe a proposta estudar maneiras de potencializar o equipamento de em questão, de forma que ele atue em rede com as demais áreas verdes livres identificadas e modifique a atual situação de carência de qualidade urbana pela proposição de diretrizes com enfoque em oferecer a cidade um espaço de cultura, história, permanência, contemplação e lazer.

A partir das análises realizadas anteriormente percebeu-se que, apesar do parque se opor ao exterior por encontrar-se recluso com a maioria dos acessos fechados ao longo de todo o ano, o entorno pede por uma conexão com ele, isso manifesta-se diretamente nos transtornos ao pedestre causados pela interrupção das vias que chegam a área de estudo criando um empecilho ao caminhar, mas também indiretamente pela presença de estruturas e dinâmicas no recorte que compartilham do mesmo espírito do lugar presente no parque.

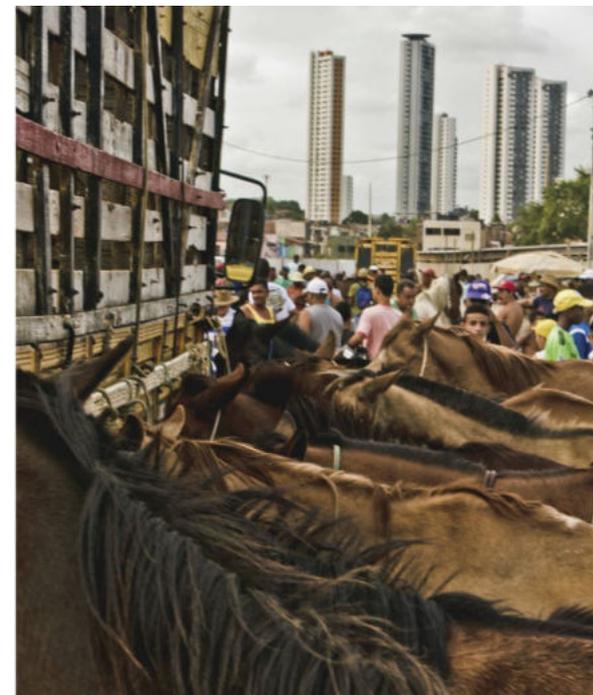
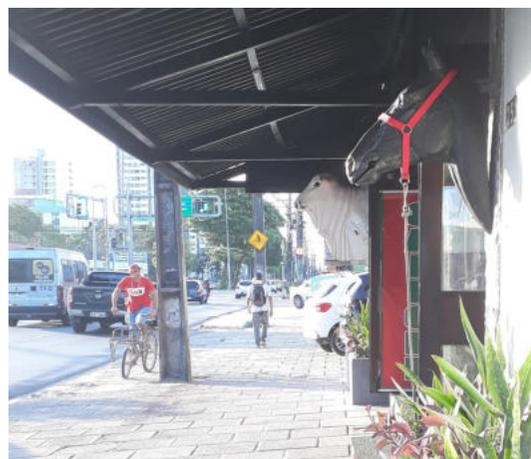


Figura 61: Feira do troca de animais.  
Fonte: Ricardo Moura, 2012.



Figuras 62 e 63: Criação de cavalos nas margens da Avenida Maurício de Nassau, próximo ao parque.  
Fonte: De autoria própria, 2022.

Dessa forma, o Parque do Cordeiro insere-se na paisagem do bairro homônimo carregando as camadas que o formaram como antigo engenho, subúrbio e finalmente bairro popular. Assim, tem-se que a cidade do Recife, apesar de já ter concluído o seu processo de urbanização, apresenta tanto características urbanas quanto rurais e a paisagem rural se manifesta no ambiente contemporâneo através da presença de construções remanescentes de outras épocas como o próprio parque e as edificações construídas no mesmo período em que ele, assim como pela existência de dinâmicas como a presença hodierna de animais soltos nas ruas (Figuras 62 e 63), a existência de um nicho comercial específico voltado para a agropecuária (Figuras 64 e 65), também pelas diversas feiras livres supracitadas - de alimentos, artigos têxteis e inclusive animais -, além do comum circular de carroceiros - situação que levanta também questões sobre a situação socioeconômica dos moradores.



Figuras 64 e 65: Comércio especializado na Avenida Caxangá, próximo ao parque.  
Fonte: De autoria própria, 2022.

A intersecção entre essas características e o ambiente da cidade criam a paisagem rururbana dessa região do bairro do Cordeiro e a parte da Iputinga, na qual vestígios da antiga paisagem rural produtiva dos engenhos e arrabaldes alimentam uma cultura de tradição, visto que, em áreas como esta “chegamos a uma lógica cultural permeada de paradoxos, que revelam, além das clássicas questões da desigualdade social e má distribuição da renda, uma certa convivência entre universos heterogêneos, resistentes ao processo de “metropolização da cidade”.” (Leão, 2012). Sendo assim, percebe-se que conservar as estruturas do parque é também manter vivos os valores culturais de um Recife de outra época que persistem na Zona Oeste.

## 2.4. PLANOS E PROPOSTAS PARA A ÁREA

Após a apresentação da progressão histórica do local e da leitura das características do entorno apresenta-se também uma breve descrição das propostas existentes para a área de estudo, nas quais – apesar de estar incluído um plano reprovável pela falta de sensibilidade com a memória do local – todas demonstram sem exceção o desejo de ocupá-lo com usos diversificados a serviço da população e ampliar o seu horário de funcionamento.

A primeira proposta para a área que se tem notícia é o “Caxangá Shopping” (2011), o qual tornou-se lenda urbana entre os moradores do entorno, isso porque as circunstâncias de divulgação da proposta foram fruto de vazamento de informações não autorizadas que geraram reprovação entre a sociedade civil, políticos e dirigentes e tornaram-se pauta na Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE, 2011).



Figuras 66 e 67: Maquete eletrônica do Caxangá Shopping.  
Fonte: Clickrec, 2011.

Apesar das inconsistências presentes nessa narrativa, o fato é que o projeto foi concebido e contava com plantas e maquetes digitais (Figuras 66 e 67) que demonstraram indiferença com as preexistências do parque, uma vez que supunha uma total destruição das estruturas originais. O programa, no entanto, apontava espaço para acolher a feira de exposições (feira das tradições), os serviços prestados à população no local (centro de serviços públicos) e também as apresentações musicais que à época faziam sucesso no local (palco). Além disso, englobava uma escola profissionalizante, um centro cívico com auditórios, centro cultural, um conjunto de empresariais, pontos de ônibus, estacionamentos, ciclovias e o próprio centro comercial.

Pouco tempo depois da agitação causada por essas notícias foi anunciado, desta vez

oficialmente pelo ex-governador Eduardo Campos durante a abertura da 70ª Exposição de Animais e Produtos Derivados, um projeto de parque para a área encomendada pela Secretaria estadual de Agricultura e Reforma Agrária com um investimento de cerca de R\$ 50 milhões aos cofres públicos. O discurso na época era que o local seria a “Nova Jaqueira” da cidade (Ramos, 2011), contrapondo a proposta do shopping e garantindo que seria um local para o acesso de todos.

Assim surgiu a proposta do projeto paisagístico para o Parque Professor Antônio Coelho elaborada pelos arquitetos Roberto Montezuma e Luiz Vieira (2012), nela estava prevista a implementação de uma pista de cooper, academia da cidade e área para eventos culturais permanente conforme prometido pelo governador ainda em 2011, mas também incluía outros equipamentos como biblioteca pública, ludoteca (espaço infantil), praça de alimentação, para além da manutenção de usos já existentes como o expresso cidadão, o centro de equoterapia infantil e um espaço reservado para a celebração da Feira de Exposição de Animais e Produtos Derivados.

Apesar de propor a demolição de uma parcela da área construída do parque, o projeto trazia como premissa a manutenção de parte significativa das estruturas mais antigas do parque, ao mesmo tempo em que sugeria um desenho mais contemporâneo para as novas áreas propostas, além de planejar o plantio de mais árvores: “Preservamos a maioria das baias usadas para expor os animais e propomos readequações para as novas funções”, declara o arquiteto Roberto Montezuma, que assina o projeto com o paisagista Luiz Vieira.” (Zona..., 2014)

Os principais entraves encontrados, no entanto, diziam respeito justamente a essas remoções que afetavam a permanência dos órgãos que existiam no parque à época, tais quais as associações de criadores, a Agência de Defesa e Fiscalização Agropecuária de Pernambuco (Adagro) e outros órgãos já extintos, para os quais inicialmente tinha sido prometida a permanência (Novo..., 2013). Além disso, as famílias que residem no local também precisariam ser realocadas para efetivação do projeto, o que complexificou o debate, visto que não se tem informação sobre o destino pensado para essa população.

A fim de possibilitar esse plano, o Governo do Estado também tinha a intenção de transferir a propriedade para a Prefeitura do Recife, que passaria a administrar a área até então sob a

responsabilidade da Secretaria estadual de Agricultura e Reforma Agrária e, para isso, o terreno precisaria ser legalizado em cartório, visto que ele não possuía certidão nem levantamento recente. No fim das contas, o desfecho veiculado pela mídia é que o projeto não foi executado porque o projeto de lei e a proposta necessárias para a sua viabilização sequer chegaram à Assembleia Legislativa.

Com relação às áreas do parque que ficavam às margens do rio Capibaribe, segregadas após as alterações sofridas com a abertura da Av. Maurício de Nassau, parte delas (38.109,85m<sup>2</sup>) foi destinada à construção da Estação de Tratamento de Esgoto Paulo Augusto do Nascimento Feitosa (Figura 68) implementada pela Prefeitura do Recife desde 2009 e que no ano de 2021 ainda encontrava-se com apenas 40% das obras concluídas, porém que seguem em andamento e com funcionamento parcial. Outra parcela do antigo parque (3,5 hectares) foi doada pelo Estado para a construção de um hospital (2010) voltado somente para transplantes de fígado (Figura 69), uma iniciativa do Instituto do Fígado e Transplante de Pernambuco (organização privada sem fins lucrativos) e faria o atendimento vinculado ao sistema único de saúde (SUS). Essa construção está paralisada há cerca de 10 anos sob a alegação de falta de verba para a conclusão, ocupando uma zona de interesse paisagístico e de relevância ambiental às margens do rio com uma superestrutura de concreto murada e abandonada que gera desconforto psicológico aos transeuntes, e tem sua área ocupada informalmente como local de pastagem para cavalos e outros animais.



Figuras 68 e 69: ETE e estrutura em concreto do Hospital Luiz Felipe Brennand.  
Fonte: Fernando Guerra, 2019.

Por fim, é relevante mencionar que o projeto paisagístico Parque Capibaribe (2013), fruto de uma parceria entre o grupo de pesquisa e inovação da cidade (InCITI) e a Prefeitura da Cidade

do Recife, vem sendo implementado ao longo de 15km das duas margens do rio homônimo que corta a cidade do Recife e conta com um trecho previsto que abrangeria a área do Parque do Cordeiro e, com maior enfoque, as margens desocupadas remanescentes dos desmembramentos deste situadas entre as duas últimas estruturas supracitadas.

Até a elaboração desse trabalho, não foram identificados registros de que a zona em questão tenha sido contemplada por um projeto executivo, contudo, permanecem para todas as partes os objetivos de reconexão da população com as frentes d'água na cidade - algo extremamente necessário para a área de intervenção - e também a intenção de construir um sistema de espaços livres articulado pelo rio, outro ponto a ser explorado nas diretrizes deste trabalho.

A despeito da existência desses múltiplos agentes e interesses nessa área e no seu entorno, a legislação vigente (Figura 70) aponta para a forma como esse local realmente deveria ser tratado, determinando condicionantes a serem seguidas durante a elaboração de diretrizes específicas de ação para esse espaço, portanto é indispensável avaliar o que pode ser feito dentro da

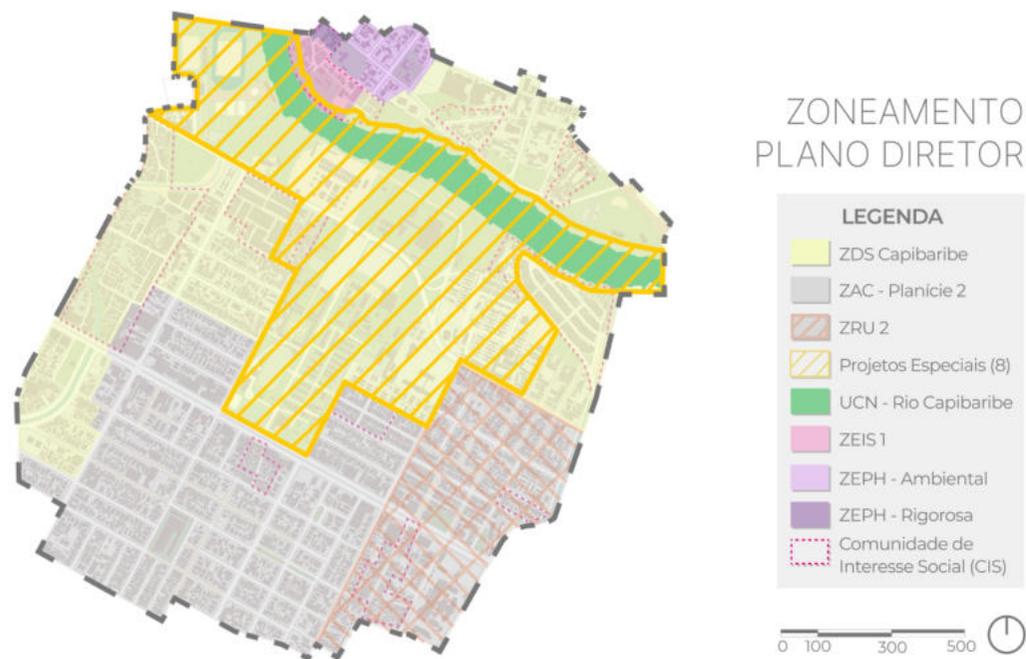


Figura 70: Mapa de zoneamento do plano diretor. Fonte: Elaboração própria a partir de dados do PDCR, 2022.

legalidade e quais instrumentos encontram-se defasados ou contribuem para a permissividade em intervenções no recorte de estudo.

De acordo com a última revisão do Plano Diretor da Cidade do Recife (Lei nº 18.770/2020) o terreno do parque do Cordeiro está inserido na Macrozona do Ambiente Natural e Cultural (MANC) que "compreende áreas caracterizadas pela presença de maciços vegetais preservados, cursos d'água e elementos culturais" tendo em vista a valorização, proteção e recuperação desses recursos. Além disso, está situado mais especificamente em uma Zona de Desenvolvimento Sustentável, (ZDS Capibaribe) essa é uma região que recebe a influência da rede hídrica do Rio Capibaribe e tem como objetivo:

garantir o **equilíbrio urbanístico-ambiental** e a **preservação** dos recursos naturais e do **patrimônio cultural**, por meio da articulação entre os elementos do patrimônio cultural e do meio ambiente de modo a reconquistar a **relação da cidade com as frentes d'água**, garantir **qualidade ambiental**, constituir **corredores ecológicos urbanos**, manter o fluxo gênico e promover a **integração entre bairros**, a **requalificação dos espaços públicos** e a **valorização dos bens culturais** (PDCR, 2020. Grifo nosso).

Essa zona percorre toda a margem direita e esquerda do Rio Capibaribe - por vezes avançando no interior do território diante da presença de grandes espaços verdes públicos como é o caso do parque analisado - e é caracterizada pela lei como um espaço de concentração de média a alta densidade populacional e construtiva que configura um recorte territorial de significativa relação entre o sítio natural e os valores materiais e imateriais importantes para a identidade do Recife, destacando ainda a prática da pescaria e a existência de uma faixa *non aedificandi* para conservação e implantação exclusiva dos equipamentos definidos pelo Projeto Parque Capibaribe. Também a respeito dessa zona, no artigo 46 o Plano Diretor deixa expressas importantes diretrizes a serem consideradas no exercício projetual proposto por esse trabalho, das quais destacam-se:

- I - estimular e potencializar a **relação entre o sítio natural e os valores materiais e imateriais, consolidados ao longo do tempo** e expressos na identidade de Recife;
- II - estimular padrões sustentáveis de ocupação compatíveis com a presença de patrimônio cultural, infraestrutura instalada, equipamentos e serviços;
- III - permitir a convivência de usos múltiplos no território (...)
- V - **recuperar áreas degradadas**, implantar corredores ecológicos urbanos e arborização no sistema viário urbano de modo a **integrar espaços verdes**;

VI - **proteger** os elementos já construídos e reconhecidos como **marcos na paisagem**;

VII - promover programas de revitalização dos corpos hídricos, implantação requalificação de calçadas, arborização, ciclofaixas e ciclovias associadas à rede hídrico-ambiental estruturadora do território para a caracterizá-la como zona de baixo carbono e contribuir para qualificação do Recife como Cidade Parque.

VIII - **conservar áreas permeáveis** a partir da adoção de soluções de infraestrutura verde de adaptação climática; (...)

X - promover **ações de educação ambiental** sobre aspectos favoráveis à recuperação, proteção, conservação e preservação do patrimônio natural e cultural; (PDCR, 2020. Grifo nosso).

O parque é ainda ladeado por quadras inseridas na Zona de Ambiente Construído (ZAC - Planície 2) que, de acordo com o PDCR, é considerada uma área menos apta para o adensamento construtivo e populacional por estar distante do centro e ter insuficiente infraestrutura.

Por fim, o Plano Diretor ainda define toda a área do Parque do Cordeiro, do Parque do Caiara e dos terrenos na margem do Rio Capibaribe que interligam esses dois espaços verdes públicos como zona potencial para aplicação do instrumento urbanístico de Projetos Especiais para, assim, viabilizar as diretrizes e estratégias apresentadas. De acordo com a lei, essa é considerada uma área "objeto de intervenções destinadas a promover requalificação urbana, a dinamização econômica com inclusão socioespacial e cuidados ambientais" e pode ser manejada "de acordo com planos específicos cujo conteúdo pode estabelecer parâmetros próprios para a área em que incidem". Contudo, esses projetos devem atender os seguintes objetivos (artigo 138):

I - estimular atividades de comércio e serviços; de **cultura e lazer; turismo e negócios, em função da vocação específica da área** objeto de intervenção;

II - **requalificar áreas de urbanização precária**, com prioridade para a melhoria da acessibilidade nas edificações e no espaço público, mobilidade, condições de moradia e regularização fundiária, da dinamização econômica com alternativas de geração de trabalho e renda;

III - reassentar as famílias ocupantes das áreas de preservação ambiental ou risco;

IV - **reabilitar e conservar o patrimônio cultural da cidade**, observadas as determinações do Plano de Preservação do Patrimônio Cultural, e as Resoluções Estadual e Federal pertinentes;

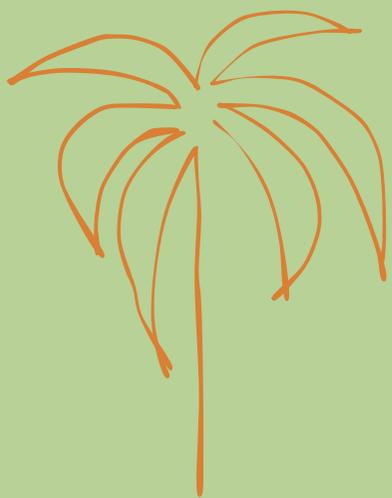
V - **reabilita e conservar o meio ambiente promovendo a recuperação, a proteção, a conservação das áreas de ambiente natural, e especialmente conectando-as por meio de corredores urbanos e ambientais qualificados**, de modo a garantir o uso sustentável desse patrimônio para as gerações presentes e futuras;

VI - priorizar os investimentos em infraestrutura, principalmente de saneamento, de transporte público e mobilidade ativa;

VII - implantar mecanismos que viabilizem parcerias entre o poder público e a iniciativa privada.

VIII - contribuir com a conservação e recuperação do patrimônio natural por meio da promoção da educação sobre a temática da defesa animal e ambiental, de forma permanente, em todos os níveis de ensino. (PDCR, 2020. Grifo nosso).

Ainda, de acordo com a Lei de Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Recife (lei nº 16.176/96) que também estabelece um zoneamento para a cidade, o espaço analisado insere-se em uma Zona de Urbanização Preferencial (ZUP 1) a qual possibilita alto potencial construtivo "compatível com suas condições geomorfológicas, de infra-estrutura e paisagísticas". Essa definição está em desacordo com o que prescreve o mais atual Plano Diretor em que o padrão construtivo deve se orientar por ações que visem o **equilíbrio urbanístico-ambiental** e a **preservação** dos recursos naturais e do patrimônio cultural e que identifica no entorno uma área - próxima à avenida Caxangá - pouco apta para o adensamento construtivo. Essa defasagem entre as propostas se dá porque desde 2019 a lei de Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Recife e a Lei de Parcelamento estão em processo de discussão para revisão, assim como os Instrumentos Urbanísticos ainda se encontram em processo de regulamentação. Sendo assim, as diretrizes propostas neste trabalho se pautaram pela legislação mais recente, considerada mais sensível aos elementos naturais e a realidade atual da área em questão.



**CONCEITUAÇÕES BÁSICAS E  
APROXIMAÇÃO DO OBJETO**

capítulo

**3**

### 3. CONCEITUAÇÕES BÁSICAS E APROXIMAÇÃO DO OBJETO

Após entender onde se encaixa o Parque do Cordeiro na história da cidade do Recife, investigar o local onde ele se situa e as relações que estabelece, procurou-se localizar onde esse espaço se insere dentro do debate da arquitetura da paisagem. Para isso, esse capítulo levanta conceitos básicos necessários para o entendimento do objeto e perpassa questões como o que é um parque de exposição agropecuária, enveredando pela própria definição de parques públicos e pelo levantamento das principais problemáticas dentro dessa tipologia de espaço livre, além de apresentar a noção de sistemas de espaços livres e de paisagem, a fim de dar subsídio a uma leitura sensível da área que permita, por fim, a elaboração de diretrizes de intervenção adequadas

#### 3.1. CONCEITO DE PAISAGEM

Para compreender o território em que se pretende intervir é necessário, inicialmente, descobrir as camadas que o compõem, sejam elas históricas, culturais, naturais, relativas à análise física do ambiente ou à experiência dos grupos sociais que o vivenciam. É assim que Jean Marc Besse (2014) em seu livro "O gosto do mundo: exercícios de paisagem" aprofunda-se no conceito de paisagem dentro da complexidade do pensamento contemporâneo e, para explorá-lo, propõe cinco portas metafóricas pelas quais se pode acessar o significado deste termo, recorrendo a uma abordagem multidisciplinar a qual engaja um grande leque de categorias profissionais e suas respectivas referências intelectuais específicas.

Segundo essa perspectiva, a primeira porta de acesso a paisagem é a representação cultural e social (arte), em outras, palavras pode-se dizer que esta é a porta da invenção artística que assume uma escala geográfica, visto que "a paisagem é pensada, descrita, falada, antes de ser vista e representada" (Besse, 2014 p.16), dessa forma, sendo a paisagem essencialmente expressão humana - e dependente da mediação entre o homem e o mundo -, admite-se que ela é resultado de processos de artialização (Roger *apud* Besse, 2014) que não se restringem às pinturas, mas pode também estar inscrita na materialidade do próprio território.

Entendido que a paisagem pode ser lida via imagem e pensamento, outra importante forma

de acesso é a porta do meio ambiente material e vivo das sociedades (natureza). Através dela soma-se ao conceito de paisagem a dimensão da natureza, compreendida da mesma maneira que descreve a Carta da Paisagem das Américas (2018), a qual coloca o homem como parte do todo vivo, e a Convenção Europeia da Paisagem (2000) que ressalta a interação entre fatores naturais e humanos como caráter da paisagem. Assim, a grande contribuição dessa porta é enunciar a característica sistêmica da paisagem, a qual passa a ser entendida como “uma articulação da natureza e da sociedade, uma integração dos dados naturais e dos projetos humanos, uma realidade sintética” (Besse, 2014 p.40) e, por conseguinte, como um tecido medial, o qual filtra e dá suporte a essas relações que constituem uma totalidade dinâmica.

Portanto, está claro que para compreender a paisagem é necessário um outro (representação social e cultural) e um suporte (meio vivo), mas também é fundamental olhar para si e vê-la como uma experiência fenomenológica. Nesse sentido, a captura sensível do mundo, seja através dos cinco sentidos ou das lentes da emoção, é parte fundamental da experiência paisagística, pois “as paisagens não são apenas ‘vistas’, mas sim encontros pessoais. Não são apenas enxergadas, mas experimentadas com todos os sentidos.” (Bender *apud* Besse, 2014) e, para apreender e registrar essas impressões, o autor recomenda dois procedimentos: o uso da palavra e a caminhada, a primeira em seu sentido poético e a segunda como método de apreensão propiciado pelo olhar desacelerado pelo cansaço.

Na sequência tem-se a porta do território fabricado e habitado (cultura), a qual agrega à concepção de paisagem a noção de que ela é uma obra coletiva a ser compreendida através da cultura e da subjetividade de um grupo. Aqui retoma-se o entendimento de paisagem não como sinônimo de natureza, mas, ao levantar questões político-econômicas e socioculturais da produção do espaço, como o próprio ecúmeno. O autor ainda vai além e contraria a ideia de valor paisagístico exclusivamente associado à atributos estéticos, associando a paisagem à “soma das experimentações, dos costumes, das práticas desenvolvidos por um grupo humano nesse lugar” (Besse, 2014 p.27) e que deve ser entendida pelo modo como satisfaz as necessidades afetivas e sociais do homem, ou seja, “nunca se deve mexer na paisagem sem pensar naqueles que vivem nela” (Besse, 2014 p.36).

Por fim, a quinta porta apresentada por Besse é a paisagem como projeto, campo de intervenção específico de arquitetos e paisagistas que, contudo, compreende um

entendimento prévio de todas as camadas supracitadas. Isso porque ao tratar do projeto o autor cita três abordagens essenciais: o solo (porta três e quatro), o território e o meio vivo (portas um e dois, respectivamente). No primeiro compreende-se a ideia de palimpsesto e a presença de memórias arraigadas ao local; no segundo são pensados os desdobramentos da intervenção e sua influência em diferentes escalas, relacionando-se com a perspectiva de sistema e, no último, reflete-se sobre o meio natural, trazendo a tona questões ambientais e do relacionamento entre planejamento e sustentabilidade.

Dessa forma, a conclusão é que todo o projeto nasce da costura dessas abordagens e cabe ao profissional a tarefa não de criar, mas de, por meio do seu gesto, descobrir algo que já existia, uma vez que “o local (...) não é um contexto no qual deveria ser inserido um programa (...), mas constitui a própria matéria do projeto: é praticamente nele que deveria ser decifrado o programa da intervenção sobre o espaço.” (Marot *apud* Besse, 2014 p. 57). Portanto, foi por meio desse enfoque que surgem os produtos apresentados neste trabalho, primeiramente a análise de um fragmento de cidade buscando uma abordagem sistêmica e, na sequência, um olhar atento ao objeto de estudo, sua interação com o entorno e as relações internas estabelecidas entre seus elementos naturais, construídos e humanos.

### **3.2. ESPAÇOS LIVRES: OS PARQUES PÚBLICOS**

Visto o conceito de paisagem, para compreender a natureza do objeto de estudo deste trabalho e, por conseguinte, como tratá-lo, faz-se necessário primeiramente entender o que são espaços livres e em qual categoria ele está inserido. Assim, parte-se do entendimento de que a produção do espaço urbano se divide em um complexo de espaços edificados - áreas predominantemente ocupadas por construções - e também em um sistema de espaços livres, entendidos como espaços sem nenhuma edificação ou uma área edificada mínima em relação ao todo, e que compreendem funções de circulação (a exemplo do sistema viário, passeios, refúgios, viadutos e estacionamentos), recreação (como jardins, praças, parques, faixas de praia, largos, pátios e quadras polivalentes) e equilíbrio ambiental (jardins botânicos, reservas ecológicas, parques nacionais), os quais permitem que sejam providos os serviços públicos (Sá Carneiro e Mesquita, 2000).

Como complemento a essa definição, Kevin Lynch (1990, p. 369, tradução nossa) apresenta uma noção de espaços livres<sup>4</sup> mais ligada aos usuários e seus valores sociais, para ele, esses são locais

---

<sup>4</sup>Kevin Lynch utiliza o termo ‘open spaces’, o qual, segundo Carneiro e Mesquita (2000) é equivalente.

ao ar livre na região metropolitana que são abertos a atividades, movimentos ou explorações visuais espontâneas e livremente escolhidas por um significativo número de cidadãos.<sup>5</sup> Logo, a partir da visão desses autores é possível compreender as principais funções e atores desses espaços e distanciamos-nos da ideia corriqueira de que eles são necessariamente vegetados, compreendendo que, na realidade, eles constituem uma categoria muito mais ampla que abarca também os espaços e áreas verdes.

Ainda dentro dessa temática, também é importante destacar o caráter sistêmico da natureza e da paisagem e conhecer como essa abordagem é feita dentro do conceito de espaços livres e do planejamento urbano. Assim, Tardin (2008; 2018), define o sistema em questão como um conjunto de espaços livres de diferentes escalas e suas dinâmicas - biofísicas, socioculturais ou próprias do contexto urbano - interconectados no decorrer do tempo e passíveis de estabelecer relações intrincadas entre si e com seu entorno imediato, ao mesmo tempo, recebendo e emitindo influências.

Voltando-se para o contexto local, a cidade do Recife conta com certa articulação entre os seus espaços livres mediante seus corpos d'água - sendo o principal deles o Rio Capibaribe - e dos maciços de vegetação que formam os conjuntos de unidades de conservação, interpretadas por Sá Carneiro e Mesquita (2000) como linhas de força da paisagem e fios condutores modeladores da forma da cidade. Essas mesmas autoras ressaltam que, nesta cidade, os espaços livres foram inicialmente classificados segundo seu regime jurídico, ou seja, em espaços de domínio privado e espaços de domínio público, assim:

Os espaços livres públicos são abertos à população em geral, sob condições pré-estabelecidas pelo poder público - parques, praças, etc. - e os espaços livres privados podem limitar-se tanto ao uso familiar, como ao de uma coletividade específica - quintais residenciais, clubes sociais, pátios de escolas, de hospitais, etc. Além desses, há aqueles espaços de domínio público e/ou privado, tais como as unidades de conservação, os campi universitários e os cemitérios. (Sá Carneiro e Mesquita, 2000 p.25).

A pesquisa supracitada toma como principal foco de análise o domínio público, mais especificamente os espaços livres de equilíbrio ambiental, de recreação e os espaços livres potenciais. Os parques, juntamente com as praças, jardins e pátios enquadram-se na segunda categoria, visto que, de acordo com Sá Carneiro e Mesquita (2000) são espaços que têm como

---

<sup>5</sup> “‘Open space’ then is an outdoor area in the metropolitan region which is open to the freely chosen and spontaneous activity, movement, or visual exploration of a significant number of city people.” (Lynch, 1990 p.369).

foco atividades recreativas e lúdicas, as quais dão lugar às práticas sociais.

Ao realizar a leitura do Recife e aplicar as tipologias supracitadas, as autoras depararam-se com o objeto de estudo deste trabalho, o parque Professor Antônio Coelho e, apesar de sua denominação, o enquadraram na categoria de “espaço livre público de equilíbrio ambiental”, mais especificamente no tipo “espaços de valorização ambiental”, tidos como:

espaços livres originados de um imóvel que contém uma parcela de vegetação concentrada e representativa por ser equivalente à superfície aproximada de um parque público da cidade, com área equivalente ou superior a uma quadra, e correspondente a 50% da área do terreno (Sá Carneiro e Mesquita, 2000 p.28).

Infere-se que a percepção desse espaço como outro tipo de equipamento diferente de parque se dá pela forte presença institucional nele e por ele não estabelecer uma boa relação com o entorno, apresentando-se como uma grande barreira física completamente cercada por muros. Invariavelmente, sendo entendido como recreativo ou de valorização ambiental, este local está cercado por espaços livres potenciais e carece de uma intervenção que o valorize e potencialize sua função dentro do sistema de espaços livres do Recife.

Após entender o que são os espaços livres, faz-se necessário explorar mais profundamente o conceito de parques públicos e quais as problemáticas identificadas nessa tipologia. Primeiramente, é importante ressaltar que conceituar este objeto não é uma tarefa fácil, uma vez que os parques se diferenciam em dimensões, formas de tratamento, funções e equipamentos (Scalise, 2002 p. 18) e, em sua pluralidade, são trabalhados de diferentes maneiras por diferentes autores, contudo, aqui parte-se da noção de que, de forma geral, eles estão incluídos na categoria de espaços livres de recreação, sendo assim, os parques podem ser tidos como:

espaços livres públicos com função predominantemente de recreação, ocupando na malha urbana uma área em grau de equivalência superior ao da quadra típica urbana, em geral apresentando componentes de paisagem natural – vegetação, topografia, elemento aquático – como também edificações, destinadas a atividades recreativas, culturais e/ou administrativas. (Sá Carneiro; Mesquita, 2000 p.28)

Além disso, é possível compreender que, a depender do seu tamanho e forma, cada parque terá uma diferente zona de impacto dentro do sistema urbano e também terá maior ou menor capacidade de abrigar determinadas atividades programáticas, portanto, as decisões projetuais

irão variar em cada caso, em consonância com a seguinte afirmação:

Os parques urbanos (...) variam quanto ao tipo, abrangendo, em geral, os parques públicos (ao nível municipal) e os parques de vizinhança (ao nível dos bairros), **o que implica diferentes concepções de projeto paisagístico, diferentes formas de uso e diferentes tipos de problema.** (Sá Carneiro, 2010 p.17, grifo nosso)

Sobre os programas supracitados, para além da função recreativa associada à contemplação, à meditação e aos esportes, Sá Carneiro (2010 p.51) ainda apresenta outros papéis que esse equipamento desempenha dentro do sistema de espaços livres da cidade, a exemplo da vocação cultural (normalmente relativa à história do local), a estética (paisagismo cênico), a social (promoção da convivência), a educacional (preservação ambiental, aproximação da natureza e incentivo da consciência ecológica) e a econômica (valorização da vizinhança e turismo). Sobre isso, é importante ressaltar que para que, segundo Galen Cranz (1989 *apud* Sá Carneiro, 2010), um parque urbano somente prospera se a função definida para ele contribuir com a qualidade de vida da cidade, do contrário esses espaços são desprezados e passam a atrair problemas para a região.

De acordo com Jacobs (2011), quando indevidamente apropriados e mal geridos pelo poder público, os parques reprisam os mesmos problemas das ruas “sem olhos”, contudo, os seus efeitos negativos se espalham pela vizinhança e as ruas limítrofes passam a ser lidas como perigosas e são evitadas por gerarem zonas de fronteira desertas que funcionam como becos sem saída para os pedestres, ou seja, obstáculos geográficos que cortam os valiosos fluxos ao invés de estimulá-los. No entanto,

Os [parques] que têm sucesso nunca funcionam como barreira ou obstáculo ao funcionamento complexo da cidade que os rodeia. Ao contrário, ajudam a **alinhar as atividades vizinhas** diversificadas, proporcionando-lhes um **local de confluência agradável**; ao mesmo tempo, somam-se à diversidade como um elemento novo e valorizado e prestam um serviço ao entorno (Jacobs, 2011 p. 76, grifo nosso).

Assim, ao discorrer sobre os principais desafios no funcionamento dos parques de bairro,<sup>6</sup> essa autora explica que os principais motivos para a impopularidade ou popularidade desse equipamento são as características de seu entorno e alguns atributos do seu traçado. Sobre o

---

<sup>6</sup> Em Jacobs (2011), os parques de bairro são classificados como equipamentos de uso “trivial geral” e são tomados para análise por clarificar melhor problemas menos fáceis de avaliar nos parques específicos, dessa forma, fornecendo uma base que ajuda a compreender parques de todo tipo.

entorno ela coloca que é necessária uma vizinhança variada e bairros vizinhos igualmente diversos - tanto no uso do solo como no perfil socioeconômico e etário de sua população -, além de uma boa densidade de moradias. Essas duas características possibilitam a existência de frequentadores de vários tipos que, por suas particularidades, ocuparão o local em horários diferentes horários e com propósitos distintos, ampliando a janela de uso e promovendo vitalidade.

A localização, segundo Jacobs (2011), também é importante por conta da concorrência, uma vez que, parques de bairro bem sucedidos raramente estão próximos de outros espaços livres de mesma natureza. Por outro lado, com relação ao traçado, ela ressalta principalmente o atributo da complexidade espacial em vários âmbitos, ou seja, a multiplicidade de atividades oferecidas pelo programa, a complexidade visual, com visadas diversas, mudanças de nível, agrupamentos de árvores e a existência de uma centralidade que sirva de palco aos frequentadores.

Para solucionar os problemas de uso de objetos com essa natureza a autora recomenda o uso de “artigos de primeira necessidade”, isto é, como as pessoas não vão aparecer espontaneamente, ao invés de apostar em um espaço de uso genérico, busca-se suprir necessidades específicas com equipamentos como quadras esportivas, incentivo à festas, apresentações musicais, peças de teatro, espaços para nadar, pescar, empinar pipa e também para ensinar e aprender essas artes.

No contexto da cidade do Recife, o livro Parque e Paisagem (Sá Carneiro, 2010) trás o processo do projeto paisagístico dos parques na cidade e os desafios enfrentados localmente, abordando questões ligadas à manutenção, à gestão e ao contraste entre o planejamento de uma função para um parque e o efetivo uso dele. Nessa pesquisa também são identificadas na cidade as áreas dessa natureza, na época foram considerados 7 exemplares para as análises: o Parque 13 de Maio (Boa Vista), o Parque da Jaqueira (Graças), o Parque de Santana (Santana), o Parque Arnaldo Assunção (Engenho do Meio), o Parque do Arraial Velho do Bom Jesus (Casa Amarela), o Parque do Arraial Novo do Bom Jesus (Cordeiro) e o Parque Robert Kennedy (Ipsep).

Com relação a essas informações ressalta-se a ausência do Parque Professor Antônio Coelho (1941) - objeto de pesquisa - e infere-se que foi deixado de lado pela falta de clareza em sua caracterização como bem público. Também salienta-se que, atualmente, a cidade conta com mais parques urbanos, vide o Parque Dona Lindu (2011), o Parque Apipucos (2012), o Parque da

Macaxeira (2014) e o Parque das Graças (2021) - primeira etapa concluída do Parque Capibaribe - totalizando 14 parques em Recife, sua maioria concentrada nas faixas de mais alta renda da RPA 3 e 6.

Assim, de acordo com Sá Carneiro (2010) e em concordância com os dados supracitados, o entorno e sua população são considerados determinantes para o maior ou menor grau de conservação dos parques da cidade e também para suas condições de segurança.<sup>7</sup> A autora relata que os usuários de quase todos os parques analisados apontaram a falta de policiamento como o seu maior problema, não surpreendentemente, as exceções para a regra se localizavam na RPA 3: o Parque da Jaqueira e do Arraial Velho do Bom Jesus, os quais contavam com a presença constante de vigilantes. Apesar da relativa proximidade geográfica com esses exemplos, o Parque de Santana - apropriado por moradores pobres dos bairros do Cordeiro e da Torre -, por sua vez, foi considerado inseguro e sua ligação com a margem do rio oposta ao bairro de Casa Forte, tida como um ponto de drogas.

Outros problemas sintomáticos apontados pela pesquisa diziam respeito ao projeto, como a "falta de uma definição clara das funções, a incompatibilidade destas com as preferências dos usuários e moradores do entorno e a falta de especialização em paisagismo dos projetistas responsáveis" (Sá Carneiro, 2010 p.133). Também a carência de recursos financeiros impede uma manutenção eficaz de vegetação e equipamentos, fazendo com que os projetistas evitem inovações materiais e espécies vegetais mais delicadas, optando por plantas espinhosas e mobiliário em concreto (Sá Carneiro, 2010).

Ainda, mais um aspecto do gerenciamento que vale ser mencionado é a organização de eventos lúdicos, produção de programação cultural e criação de campanhas para o engajamento da população e de instituições com os parques, a fim de movimentar o local e incentivar a conservação do espaço por parte da sociedade civil. Esses eventos maiores extrapolam o raio de influência comum dos parques e passam a atrair novos visitantes, inclusive turistas:

Ao lado de programas destinados à comunidade local, há eventos de maior escala, o que torna bastante heterogêneo o repertório de atividades comportadas pelo parque: exposições, concertos, feiras, competições esportivas,

<sup>7</sup> De acordo com Sá Carneiro (2010), nos parques do Recife foi verificada a maior presença de usuários jovens do sexo masculino. Os grupos de maior vulnerabilidade como mulheres, idosos e crianças na primeira infância tinham menor frequência e possuíam faixas de horários de uso bastante específicos, fato atribuído à insegurança.



Figura 71: Resumo esquemático do aporte teórico  
Fonte: De autoria própria, 2022.

festivals de calouros, mercados de artesanato, shows de talentos, parques de diversão, etc. (Welch *apud* Sá Carneiro, 2010 p. 145)

Apesar de dar suporte a esse tipo de programa recreativo ser uma tendência dos parques urbanos genéricos, para suprir essa necessidade existem espaços, cujas origens remontam às grandes feiras internacionais do século XIX, os quais são especificamente voltados para comportar eventos como os supracitados mas, principalmente, expor inovações e produtos dos mais diversos setores.

### **3.2.1 OS PARQUES DE EXPOSIÇÃO**

Para melhor compreender os Parques de Exposição é necessário revisitar as circunstâncias que lhes dão razão de ser: as feiras e exposições. Com relação às feiras, através da etimologia do termo é possível inferir que suas origens remontam à Antiguidade (Matias, 2015). A lógica que regia essas trocas comerciais, contudo, foi modificada na modernidade com o advento da Revolução Industrial que, de acordo com Matias (2015), ao promover a transição do processo de produção artesanal para o mecanizado consolidou o processo de sedentarização das feiras que já vinha ocorrendo paulatinamente, dessa forma, acompanhando esse movimento também foi necessário adequar os espaços que recebiam esses eventos, uma vez que os novos conhecimentos científicos desse período permitiram também avanços técnicos e construtivos.

Esse processo completou-se na idade contemporânea após a segunda Revolução Industrial, quando os grandes pavilhões - em sua maioria efêmeros - forneceram espaço físico para que as feiras dessem lugar a uma nova modalidade de evento, as exposições universais, tendo como marco a Expo Universal em 1851 que tinha como principais objetivos a divulgação e internacionalização dos novos produtos, ideias e negócios (Matias, 2015).

Apesar do Brasil marcar presença nesses eventos, o contexto local no início da contemporaneidade não foi marcado pela industrialização como na Europa, tanto é que a primeira e única exposição internacional do país veio a ocorrer somente em 1922 e, apesar de inicialmente ter sido idealizada como uma exposição de comércio e indústria, na prática refletiu a economia e costumes da época, dando enfoque “à lavoura, à pecuária, à pesca, à indústria extrativa e fabril, ao transporte marítimo, fluvial, terrestre e aéreo, aos serviços de

comunicação telegráficos e postais, ao comércio, às ciências e às belas artes” (Motta, s.d).

Percebe-se assim que, ao contrário das primeiras exposições europeias do século XIX, que destacaram a transição da economia feudal para economia capitalista industrial (Matias, 2015), apesar do destaque dado aos incipientes ramos das indústrias nacionais, no Brasil ainda havia grande ênfase à agropecuária. De fato, no início do século XX multiplicaram-se no país as exposições de cunho agropecuário (Silva, 2006), as quais visavam exaltar a produção nacional e traziam programações para o público especializado, como produtores e criadores rurais, veterinários, zootecnistas e agrônomos. Devido ao seu porte e atividades, esses eventos careciam de estruturas de suporte e um recinto amplo em que pudessem ocorrer, nesse contexto surgem os primeiros parques de exposição agropecuária, entendidos da seguinte maneira:

“Um parque de exposições é um local com múltiplos usos e atividades específicas para realizações de feiras e eventos nos mais diferentes setores. O foco de um parque é a venda e exposição de produtos, com objetivo de proporcionar visibilidade aos participantes, atrações para os visitantes, e incremento econômico para a cidade e região.” (Andreghetto *et al.*, 2017 p. 2).

Apesar de, a primeira vista, as atividades relacionadas ao universo agropecuário terem seu lugar limitado ao campo, estes parques estão localizados em cidades em todas as regiões do país, sejam eles pequenos, médios ou grandes centros urbanos, realizam anualmente os eventos supracitados e até mesmo metrópoles cuja principal vocação econômica aparentemente pouco se relaciona com esse setor - a mencionar Brasília (DF), São Paulo (SP), Salvador (BA) e Recife (PE) - possuem grandes exposições agropecuárias (Leal, 2008).

De acordo com Leal (2008), muitos autores das ciências sociais e humanas já se debruçaram nas diferenças entre campo e cidade, contudo, na contemporaneidade os antigos opostos tendem a ser entendidos dentro de um mesmo plano e, assim, emergem termos como “rururbano”, “novo rural” (Silva, 1999 *apud* Leal, 2008), entre outros para explicar os territórios e as dinâmicas decorrentes das trocas e superposições que conceitualmente diluíram as fronteiras entre esses dois universos. Essa noção de hibridização é importante para as discussões que têm lugar nesse trabalho, uma vez que, segundo Leal (2008) as exposições são excelentes para ilustrar a fusão do “urbano” e do “rural”, uma vez que, ao longo do tempo, elas

modificaram suas formas, funções, sentidos e objetivos e “Tornaram-se espaços produzidos e dispostos aos mais diversos segmentos e grupos sociais que os consomem como opções efêmeras e privilegiadas de sociabilidade, fruição e lazer.” (Silva, 2006 p.14). É contudo, através do entendimento de como opera o agronegócio nesses espaços que encontramos a razão para que esses parques estejam inseridos no espaço urbano

Nesses contextos de exposições agropecuárias, de alta tecnologia e agronegócio fazendeiros se auto-intitulam “empresários rurais”. Moram nas grandes cidades, possuem laboratórios de genética em suas propriedades, viajam por todo o Brasil apresentando seus animais para comercializar as melhores células reprodutoras. Quando não podem estar presentes nas exposições arrematam reses pela televisão ou pela internet.

Seus subordinados, peões e tratadores de gado, viajam dezenas de vezes por ano. Exercem tarefas semelhantes com as que exercem nas fazendas em várias cidades do país. Conhecem um pouco de genética, assistem televisão em seus acampamentos improvisados nas exposições, e ainda sim, se percebem como pessoas do campo. Quando indagados sobre a velha dicotomia campo X cidade, as respostas sempre são unânimes: **“Exposição é coisa do campo, mas só pode acontecer nas cidades”** (Leal, 2008 p. 15 - 16, grifo nosso)

Nessa passagem a autora menciona um importante dado que revela informações sobre a dinâmica desses locais, pois ao citar viagens feitas pelos trabalhadores que transitam de parque em parque por todo o país, compreende-se que esses certames funcionam em rede e, portanto, ocupam os espaços físicos à eles destinados por um curto período de tempo. Essa característica favorece a subutilização desses locais reiterada por outros trabalhos (Provenzano, 2003; Nascimento, 2015; Silva, 2016; Santos, 2018) os quais analisaram objetos de estudo dessa natureza em diferentes locais do país tais quais São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Minas Gerais onde esses grandes espaços sofrem com a ociosidade e com a falta de conservação fora da breve temporada de eventos.

Durante as exposições, no entanto, os parques se transformam e são capazes de desempenhar as mais múltiplas funções, dessa forma atraindo um público amplo e heterogêneo porque para além dos negócios, da compra e venda, assumem a função de espaço das manifestações culturais, da educação e do lazer, visto que

acabam por receber diversas atividades e ilustrar os vários elos que envolvem a produção do agronegócio: o lado acadêmico com as palestras e conferências que acontecem nesses eventos, a apresentação, compra e venda de animais, a exposição de máquinas e novas tecnologias, a celebração e ritualização do *agrobusiness* com as inúmeras indústrias de lazer e entretenimento que atraem as populações. (Leal, 2008 p. 47)

Assim, além de assumir a função de vitrine da produção do campo e educador dos moradores da cidade quanto às peculiaridades da vida rural, as feiras e exposições também tem um importante papel na economia dos locais em que se instalam, pois além de gerar empregos temporários movimentam muito dinheiro e também - em maior escala nas cidades menores - possuem um potencial turístico.

A título de exemplo, uma referência atual dentre os parques dessa natureza no Brasil é o Parque Estadual de Exposições Assis Brasil no Rio Grande do Sul (Figura 72). Inaugurado em 1970, ele está localizado a 25km da capital Porto Alegre e, com seus 141 hectares sedia desde 1972 a Expointer (Exposição Internacional de Animais), exposição-feira voltada para demonstração das inovações na agropecuária e agroindústria, um dos maiores eventos do gênero e considerado patrimônio histórico e cultural do estado.

Esse parque encontra-se implantado às margens da BR-116 e de uma grande avenida possibilitando a existência de diversos acessos que permitem a separação entre o fluxo do público geral, expositores, imprensa e autoridades, embarque e desembarque de animais e, por último, caminhões de carga e descarga. O espaço inaugurado em 1970 foi planejado para ser dedicado à agropecuária e nasceu da sucessiva necessidade de ampliação do evento, que a princípio era realizado na cidade de Porto Alegre, tendo 1901 como marco da primeira exposição de produtos do estado, realizada no espaço em que hoje localiza-se o Parque urbano da Redenção. Com relação às suas dependências, o parque Assis Brasil pode ser dividido nos seguintes setores:

1. Área de recreação e eventos: Parque de diversões, palco para shows e espaço para exposições e palestras, além de central de informações e outros edifícios de apoio. Nesse setor também estão localizadas as pistas de julgamento;
2. Área de exposição de animais: Pavilhões para equinos, gado bovino, ovinos, pequenos

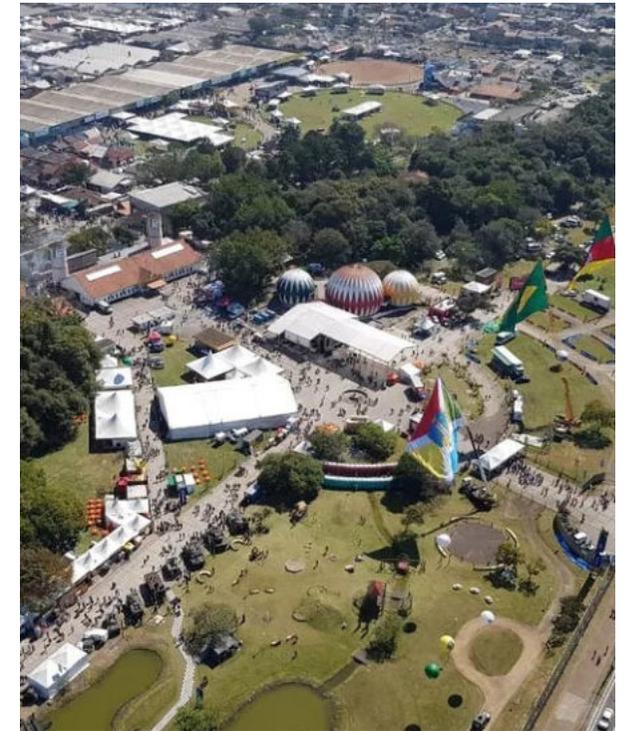


Figura 72: Expointer no Parque Assis Brasil  
Fonte: G1, 2019.

animais, entre outros. Além de pavilhões para agricultura familiar, artesanato e o espaço de alimentação;

3. Área de exposição de maquinário e leilões;
4. Área de serviços;
5. Área externa de reserva florestal; camping e pequenos sítios

Esse espaço ainda possui agências bancárias e de câmbio, órgãos e instituições, laboratórios de estudos, postos médicos e policiais espalhados pontualmente pelo parque. Além disso, nos últimos anos o espaço vem passando por reformas para incorporar ao complexo um agrosopping, um polo gastronômico de maior porte e um hotel para dar suporte aos visitantes internacionais das exposições.

Outro importante exemplo de menor porte, mas de relevância histórica é o Parque de Exposições da Água Branca ou Parque Dr. Fernando Costa (Figura 73) que foi inaugurado no ano de 1929 na cidade de São Paulo (SP), com área de cerca de 137.000m<sup>2</sup> ele é considerado patrimônio cultural, histórico, arquitetônico, turístico, tecnológico e paisagístico do estado de São Paulo pela Condephaat (1996) e patrimônio de valor histórico, arquitetônico e paisagístico-ambiental pelo CONPRES P (2004).

Esse espaço foi fundado em um momento de grande desenvolvimento do setor agropecuário, contudo, com o passar do tempo percebeu-se a necessidade de espaços maiores e com mais estrutura, então em 1979 as grandes exposições foram transferidas para outro recinto criado em Barra Funda e o parque passou a sediar o Centro Histórico e Pedagógico da Agricultura Paulista que tem como algumas de suas atribuições promover eventos agropecuários, exposições e provas zootécnicas de pequeno e médio porte e também atividades de lazer, arte e cultura, além de pesquisar e promover a divulgação da história e evolução da agricultura paulista.

Atualmente, ao longo do ano o parque dá lugar a diversos eventos e feiras como festas juninas, Festival Revelando São Paulo, Festa da Fazenda, Festival do Morango, entre outros, ele também abriga diversas associações de criadores no espaço chamado “prédio do fazendeiro” e jamais perdeu sua relação com os animais, uma vez que conta com pavões, patos e galinhas criados ao ar livre, aquários e tanques para peixes e também cede espaço para aulas de equitação adaptada para pessoas com deficiência na arena de eventos. Assim, essas atividades estão



Figura 73: Vista do Parque de Exposição Água Branca (SP)  
Fonte: Turismo de Natureza, 2019.

distribuídas nos seguintes setores:

1. Área de exposição e espaço multiuso: o local sedia feiras de artesanato, gastronomia, produtos orgânicos e também feiras de exposição de animais de pequeno e médio porte (Espaço Zootécnico). Essa área também conta com arena e pavilhões usados cotidianamente para prática de equitação inclusiva.
2. Área de valorização ambiental, educação e cultura: inclui trilhas; aquário; museu de geologia; Gatil; Centro de referência em educação ambiental; Teatro e espaço para cursos oferecidos pelo FUSP e acesse São Paulo.
3. Área para público infantil: Parque de diversão permanente; playground; brinquedoteca e espaço de leitura infantil.
4. Área de bem estar e exercício físico: academia ao ar livre; praça do idoso e espaços para atividades dirigidas ao ar livre como Yoga.
5. Espaço gastronômico: Restaurante do parque com culinária rústica.
6. Espaço para funcionários e estacionamento.

A partir da exposição desses dois exemplos de parques criados com funções similares porém submetidos a condicionantes diferentes pôde-se perceber que para possibilitar a existência de um espaço totalmente dedicado às necessidades cada vez mais internacionais do setor agropecuário é necessária uma área e muito mais extensa do que o parque objeto de estudo deste trabalho dispõe, como visto com o Parque de Exposições Assis Brasil.

Por outro lado, com o caso do Parque da Água Branca foi possível perceber a importância de reconhecer esses espaços como patrimônio e entender como foi possível preservar as características de um local que estabeleceu relações importantes com a população do entorno ao longo de seus anos de funcionamento até que, ao ver-se impossibilitado de dar continuidade às atividades que motivaram sua existência apostou no redimensionamento e ressignificação delas, atrelando-as a uma agenda de eventos que passou a atrair visitantes ao longo de todo o ano.

Por fim, destaca-se que intervenções que atuam sobre espaços livres existentes visando sua requalificação e articulação, como a exercitada no presente trabalho, devem estar atentas ao papel que eles desempenham dentro do sistema em que estão inseridos - a partir dele, interligando e complementando as diversas funções dos espaços vizinhos, sejam elas de

equilíbrio ambiental ou de recreação -, assim como as dinâmicas presentes na paisagem para, dessa maneira, planejá-los de forma que realizem a estruturação do seu contexto urbano.

### **3.3. ENTENDENDO A “EXPOSIÇÃO DO CORDEIRO”: PARQUE E PAISAGEM?**

Desde a sua gênese o objeto de estudo assumiu diversas denominações, tais quais "parque da produção animal", "parque de exposições da secretaria de agricultura de Pernambuco", "parque de exposições do Cordeiro", "parque Professor Antônio Coelho" e "parque do Cordeiro", neles a única constante é a denominação de parque que, apesar disso, não é unanimidade dentro dos estudos tipológicos de espaços livres da cidade, como já mencionado. A título de definição, esse local é um espaço livre público que possui uma superfície maior do que a maioria dos parques públicos da cidade - área muito superior a uma quadra típica urbana - e também conta com componentes marcantes da paisagem natural como áreas de vegetação mais densa e de gramado, além de monumentos e elementos aquáticos.

Embora no cotidiano o espaço seja essencialmente contemplativo e utilitário pela presença da natureza em associação aos edifícios antigos e equipamentos institucionais, é durante a temporada de eventos agropecuários que realiza-se na função de recreação, pois, ainda que as feiras sejam motivadas por negócios, há décadas elas atraem principalmente o público não especializado, o qual marca presença pela curiosidade sobre os animais, mas também para desfrutar do comércio de plantas ornamentais e produtos derivados da produção animal, consumir a culinária típica, visitar o parque de diversões e prestigiar as apresentações e manifestações culturais.

Ao confrontar essa descrição com os conceitos anteriores, percebe-se que a área possui muitas características que poderiam enquadrá-lo na categoria de parque, com ênfase na função contemplativa e de eventos. Isso leva-nos a questionar que intervenções seriam necessárias para torná-lo pleno dentro dessa classificação tanto na percepção do público como nos conceitos da academia.

As similaridades do local com os demais espaços livres desse tipo não estão apenas na

conceituação, mas também em muitos dos supracitados desafios e problemáticas comuns aos parques urbanos enumerados por Sá Carneiro (2010) e Jacobs (2011). Conforme o que já foi apresentado, os outros parques da cidade tem como responsável pelo gerenciamento a Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (Emlurb), o objeto de estudo, no entanto, é cedido pelo Estado para utilização e administração pela Secretaria de Agricultura, o que inclui sua manutenção, fato que torna ainda mais grave a falta de recursos financeiros pontuada nos outros casos, uma vez que não há verba específica destinada à conservação do local por parte deste órgão.

Essa escassez de recursos culmina em outros velhos problemas já explorados no primeiro capítulo, contudo, essa imagem de abandono, desatualização e obsolescência é a narrativa única veiculada na mídia em geral e também identificada de maneira superficial por uma observação casual. Dessa forma, para compreender esse espaço como paisagem e revelar seus atributos foi preciso recuar e visualizá-lo por meio dos conceitos apresentados neste capítulo, não somente como um espaço definido por seus problemas e contradições, mas como um lugar que é constituído por arte, natureza, cultura e pela memória e pelas experiências dos que o vivenciam.

Assim, antes de intervir, buscou-se compreender quais são os elementos que constituem a paisagem do Parque do Cordeiro, acessando-a a partir de quatro das cinco supracitadas portas da paisagem propostas por Jean-Marc Besse, utilizadas aqui como ferramentas de aproximação das diversas camadas que compõem o local. Como visto, **a primeira porta da paisagem** enunciada por Besse é a arte, dos diversos vieses trazidos para o autor com relação a esta primeira entrada destaca-se a noção importada de Roger (2007 *apud* Besse, 2014) de transformação da natureza em arte inscrita no próprio terreno, a artialização in situ, a qual "é sempre expressão humana (...) seja individual ou coletiva, seja ela encarnada numa tela, em um papel ou no solo" (Besse, 2014, p.14), ou seja, a manipulação do lugar pelo homem.

No caso do objeto de estudo, ainda que exista indicação de que houve um projeto inicial implantado em 1941, a passagem do tempo, as adições, subtrações e outras modificações que incidiram sobre o espaço tornaram-no uma obra de muitas mãos. O que era antes uma grande propriedade coberta pelo verde remanescente do Engenho do Cordeiro foi cortada pelo traçado retilíneo que a caracteriza até os presentes dias e, ao longo do tempo, o que era apenas um núcleo construído próximo à Caxangá recebeu cada vez mais edificações, atingindo sua densa característica atual.

Ainda, cada grupo de edificações construído carrega características da época em que foi concebido, sendo possível encontrar exemplares da arquitetura cotidiana da década de 1940 erguida por construtores populares, tradicionais pavilhões e edificações da arquitetura rural utilitária, estruturas que prenunciavam o moderno como a arquibancada em concreto armado, além de exemplares contemporâneos provenientes de intervenções mais recentes. Ademais, murais e esculturas (Figuras 74, 75, 76, 77, 78, 79 e 80) com temática da agropecuária também compõem essa paisagem, somando ao todo seis monumentos concentrados na porção inicial do parque, os quais se unem à própria arquitetura e ao traçado para compor os elementos da arte presentes no local.



Figuras 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80: Esculturas e monumentos do parque.  
Fonte: De autoria própria, 2022.

O espaço livre resultante dessa ocupação é recoberto principalmente em grama ou terra batida e conta com maior arborização no trecho próximo à Avenida Caxangá, na área das cavaliças, por trás da pista de desfile e na área próxima à sementeira do parque. As vias possuem um traçado planimétrico geométrico, do qual destaca-se a presença de um agenciamento que ora forma círculos, ora retângulos, os segundos acompanham as formas sugeridas pelos pavilhões longilíneos. A maioria desses caminhos é pavimentado com paralelepípedos, à exceção do eixo principal que é asfaltado e corta o parque longitudinalmente, com uma forte marcação visual por meio de alinhamentos de palmeiras imperiais presentes desde a década de 1940.

Assim, a **segunda porta da paisagem** proposta por Besse já se impõe na narrativa aqui traçada, e os componentes naturais ganham força no espaço "artificializado" pelo homem, visto que é na paisagem "a humanidade se naturaliza e a natureza se humaniza" (Besse, 2014 p.41). Dessa forma, pode-se afirmar que o meio vivo da área de estudo se constitui como um respiro (Figura 81) diante do espaço urbano largamente ocupado do seu entorno e forma um conjunto com os maciços verdes que caminham ao lado das águas do Rio Capibaribe e interligam-se com outros parques e com a vegetação ao longo dos canais que serpenteiam pelo bairro.



Figura 81: Tanques de peixes próximos a entrada principal do parque.  
Fonte: De autoria própria, 2023

Aproximando a vista para o Parque do Cordeiro, percebe-se que as áreas de maior concentração de massas vegetadas localizam-se principalmente em suas bordas (Figura 82), contornando todo o parque com exceção de sua área final a qual - apesar do desgaste do calçamento onde a vegetação rasteira insiste em se propagar - é pavimentada e destinada ao estacionamento de veículos e a montagem do parque de diversões na temporada de eventos, sendo, portanto, mantida desocupada. Assim, a fim de melhor compreender esse componente natural e para dar início a uma base de dados que dê subsídio a posterior criação de uma paleta vegetal durante a elaboração da proposta de intervenção, buscou-se reconhecer e avaliar a população vegetal e composição florística de porte arbóreo, herbáceo e arbustivo da área de estudo (ver Figura 83). Para isso, foi realizado um levantamento preliminar no mês de março de 2023 que teve como foco reconhecer as espécies dos indivíduos que se destacavam na paisagem, a quantidade de indivíduos de cada tipo não foi contabilizada em razão da grande dimensão da área.



Figura 82: Transeuntes aproveitam vista do lago do parque.

Fonte: De autoria própria, 2023

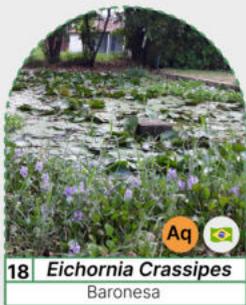
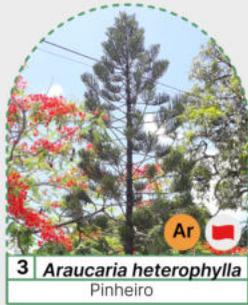
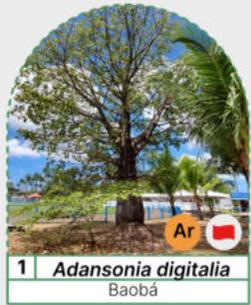
Como resultado foram catalogadas 45 espécies diferentes - 18 de porte arbóreo, 17 arbustivo, 8 herbáceas e 2 aquáticas -, das quais apenas 15 eram espécies nativas, do restante 6 são consideradas naturalizadas e 24 são exóticas. Destes, os indivíduos de maior destaque em termos quantitativos são as palmeiras imperiais que marcam eixos importantes do local, as mangueiras que ocupam principalmente a área frontal do parque, próximo a Avenida Caxangá e recebem maior atenção dos visitantes tanto pelo recanto ameno que criam junto aos tanques d'água como pela fartura de frutos.

## Figura 83: Levantamento Florístico Básico das Espécies Existentes

Local de coleta: Parque Professor Antônio Coelho, Cordeiro Recife-PE

Fotos: De autoria própria, 2022.

Ar Arbórea    Aq Aquática    Arb Arbustiva    H Herbácea  
 🇧🇷 Nativa    🇺🇸 Exótica    ☐ Naturalizada    ⚠️ Tóxica

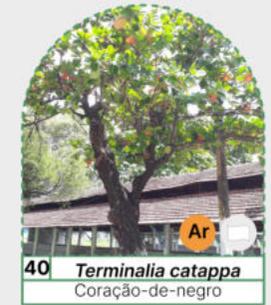
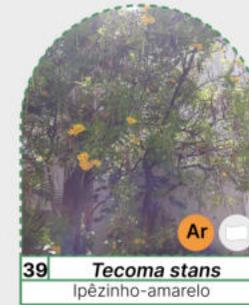
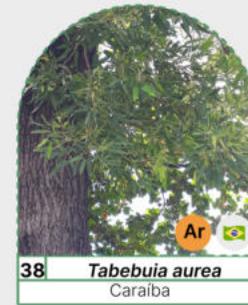


## Figura 83: Levantamento Florístico Básico das Espécies Existentes

Local de coleta: Parque Professor Antônio Coelho, Cordeiro Recife-PE

Fotos: De autoria própria, 2022.

Ar Arbórea    Aq Aquática    Arb Arbustiva    H Herbácea  
 🇧🇷 Nativa    🇺🇸 Exótica    ☐ Naturalizada    ⚠️ Tóxica



Também as antigas caraibeiras estão locadas em parte do eixo, recuadas para dar protagonismo às palmeiras, mas presentes em praticamente todo contorno do parque, além disso é notável a presença de grandes figueiras sem poda na porção final do parque - também nas laterais e próximo à sementeira -, de cássias-amarelas (*Senna siamea*) plantadas principalmente no interior das cavaliças e de exemplares de oiti, coração-de-negro e sombreiro principalmente na porção direita do parque, entre os pavilhões. Ocasionalmente também são encontrados flamboyants vermelhos, os quais evidenciam-se na entrada em meio às mangueiras e, ainda, destaca-se a presença de um único indivíduo da espécie baobá, uma cássia grande e um pinheiro de natal que diferenciam-se pela imponência, beleza e caráter não convencional, respectivamente.

Assim, a área possui uma variedade considerável de espécies, levando em consideração suas grandes dimensões, no entanto, infere-se que a presença de espécies exóticas ornamentais deve-se a falta de critérios para plantio por parte da administração, permitindo a inserção de indivíduos que destoam dos conjuntos mais maduros, os quais, ainda que contenham exemplares exóticos, estão mais próximos das tendências de arborização urbana da cidade na época em que foram plantados. Ainda ressalta-se que a maior parte das espécies ornamentais identificadas, principalmente as de porte herbáceo, faziam parte do ajardinamento próximo das edificações institucionais dentro do parque, indicando iniciativa dos dirigentes ou dos próprios trabalhadores em manter a área cultivada.

Além do elemento verde, o azul também marca presença no parque através de um pequeno lago no qual brotam as flores roxas das baronesas e uma grande quantidade de ninféias, únicos indivíduos aquáticos identificados. Esse mesmo elemento também está presente em espelhos d'água em que peixes chamam a atenção dos visitantes e são moradia de garças. No entanto, os antigos tanques criadouros de carpas agora passam o ano vazios, empossando água nas estações chuvosas.

Enfim, dando prosseguimento à análise, aproximamo-nos da **terceira porta da paisagem**: a experiência fenomenológica, para adentrar na paisagem, Besse recomenda a caminhada desacelerada como método de apreensão ideal, por tornar-nos porosos - quando funcionam todos os sentidos -, ou seja, abertos a linguagem de um lugar (Bouvier, 2001 *apud* Besse, 2014). Sendo assim, esse foi o método adotado para sentir o espaço a fim de identificar suas dinâmicas em diferentes ocasiões, dessa maneira, foram documentadas a primeira visita de

de estudos à área durante o cotidiano e a primeira visita durante a feira de exposição, construindo dois relatos síntese das anotações no caderno de bordo narrados em 1º pessoa, demonstrando uma experiência pessoal de leitura do espaço através do corpo.



Figura 84: Animais soltos pastam no parque.  
Fonte: De autoria própria, 2023

### Experiência fenomenológica - o dia a dia

Parto do pórtico principal de entrada, que sempre me chamou atenção por sua forma que remete à outros tempos, mas hoje guarda uma aparência de descuido. Ao entrar as palmeiras me recebem e indicam o caminho pelo eixo, no entanto a massa verde a direita (Figuras 85 e 86) me leva a seguir pelo caminho de pedra em meio a vegetação, ali vejo dois jovens debruçados sobre o espelho d'água brincando com os peixes e alguns trabalhadores sentados no chão e nas muretas fazendo uma refeição. A locomoção fica difícil nas lajotas íngremes, então sigo pelas linhas do desejo marcadas na terra batida até a antiga administração do parque. Noto um movimento de pessoas em direção ao banco, mas algo no outro extremo desperta a curiosidade: um grande mural que conta a história da produção do homem do Nordeste e a arte me devolve para o eixo.



Figuras 85 e 86: Percurso da caminhada exploratória.  
Fonte: De autoria própria, 2023.

O caminho pelo centro é lógico e simples, contudo a alternância entre cheios e vazios durante o percurso, as reentrâncias e saliências das edificações tradicionais de alvenaria caiada e telha canal (Figuras 87 e 88) criam uma sensação de tranquilidade e curiosidade com o eventual desponte de esculturas temáticas. Um pequeno grupo de cavalos pasta tranquilo no cercado junto da arquibancada, aparentemente sem supervisão. A ausência de tráfego de veículos permite uma caminhada calma pela rua asfaltada, na qual alguns poucos visitantes fazem exercícios e passeiam com seus cachorros. Mais adiante, próximo ao fim do caminho, a ausência de movimento passa a causar desconforto.



Figuras 87 e 88: Pavilhões de exposição.  
Fonte: Maria Carolina Albuquerque, 2022.

Nesse momento o eixo de palmeiras se abre para a direita, não há mais desejo de continuar em frente então sigo em direção ao edifício da Sociedade Nordestina que marca uma escala diferente do que vinha sendo descoberto. Me deparo com o pequeno comércio da associação de apicultores onde a vendedora descansa, aguardando clientes, logo mais adiante um grande portão azul marca a entrada da sementeira que está fechada, então retorno.

Caminho de volta em um passo mais acelerado os pavilhões de concreto e sou conduzida até mais duas edificações de aspecto antigo, em frente a uma delas um caminhão repleto de frutas é descarregado por trabalhadores. Seguindo adiante, o caminho é salpicado por edificações dispostas de uma forma pouco legível e, no final, atrás do Expresso Cidadão me deparo com um pequeno lago, escondido em meio às construções e tomado por vegetação. Por fim, o caminho termina onde começa, no pórtico, principal entrada e saída à vista.

A partir das observações realizadas nessa visita foram identificadas valiosas informações para o projeto, como os principais fluxos de pessoas no parque durante o cotidiano, além dos espaços mais ocupados e mais ermos. Foram percebidas pessoas usufruindo do espaço na tarde da visita, ainda que em número reduzido, dessa forma, foi possível apreender a atmosfera tranquila e a existência de animais soltos (Figura 84) contribuiu para a caracterização de um ambiente bucólico. Além disso notou-se quais as atividades corriqueiras têm lugar no parque e foi possível assinalar as estruturas do local que têm funcionamento diário – informação complementada durante a visita ao evento de exposição de animais, em que foram identificados os edifícios utilizados pelo certame e os que jamais têm funcionamento – conforme o mapa esquemático (Figura 89).

#### Experiência fenomenológica - as manifestações

Às duas da tarde chego no Parque do Cordeiro para a feira de exposição agropecuária do ano de 2022 e a fila para compra dos ingressos é o que me recebe na entrada. A frente do antigo Expresso Cidadão transformou-se em bilheteria e o eixo das palmeiras, agora com pessoas até onde a vista alcança, está repleto de toldos e barracas que vendem desde culinária regional até móveis tradicionais de madeira - passando também por carros e tratores -, mas o stand da UFRPE é o que primeiro nos recebe, seguido da Secretaria de Agricultura.

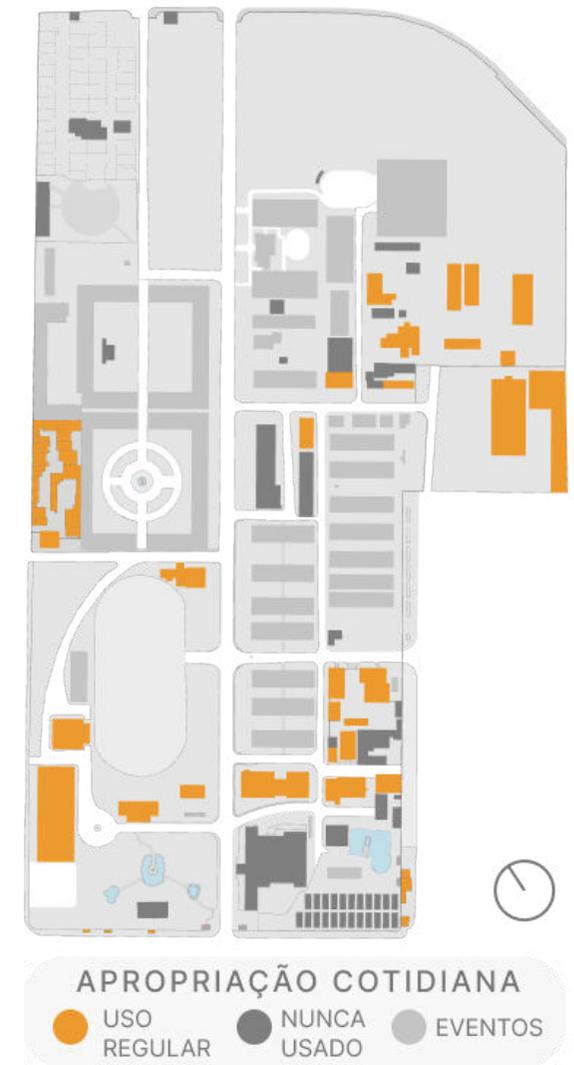


Figura 89: Mapa Esquemático de Apropriação Cotidiana.

Fonte: Elaboração Própria, 2022.



Figuras 90 e 91: Tratadores oferecem água aos cavalos e movimentação no entorno da pista de desfiles.

Fonte: De autoria própria, 2022.

O movimento animado indica a direção e, sigilo observando o tradicional conjunto de pavilhões, metade deles abrigando uma feira de artesanato (Figuras 92 e 93) e a outra metade com o imponente gado branco da raça nelore; do outro lado crianças se apresentam à cavalo na pista de desfile, acompanhadas pela plateia de pais orgulhosos e curiosos assistem da arquibancada e pendurados na cerca (Figura 91). Sempre em frente surgem os expositores de flores e plantas ornamentais, o festival de orquídeas é anunciado em banners, pessoas carregam suas mudas recém adquiridas, crianças passeiam em pôneis guiados por trabalhadores que alternam o trajeto do eixo central às cavalariaças (Figura 90), jovens posam para artistas que desenham caricaturas e, periodicamente, os alto falantes anunciam ao público especializado julgamentos de ovinos, caprinos, bovinos, equinos, entre outros. Até mesmo hamsters e filhotes de cães são vistos na feira e muitas famílias saem do recinto com um novo animal de estimação.



Figuras 92 e 93: Feira de artesanato durante exposição de animais e produtos derivados.

Fonte: De autoria própria, 2022.

No fim do caminho o eixo se abre para a dinamicidade de um conjunto formado pelo parque de diversões infanto-juvenil, uma tenda para música ao vivo e a praça de alimentação, mas o destaque era a preparação do churrasco em frente ao telão que exibia ao vivo a copa do mundo, aglomerando os interessados em cadeiras de plástico logo a frente. Movida pela curiosidade do que teria no fim, sigo ao lado dos tapumes que delimitam o estacionamento até a grande cobertura que está pouco movimentada, então o retorno dá-se por entre os pavilhões, parando em cada um e, junto aos visitantes, encontrando cabras e coelhos, sucesso entre as crianças que divertem os pais com sua perplexidade diante dos animais (Figura 97).



Figuras 94 e 95: Apresentações culturais e parque de diversões durante exposição de animais.  
Fonte: De autoria própria, 2022.

Ao cruzar o eixo que leva a Sociedade Nordestina de Criadores o movimento cai, a área destina-se a implementos agrícolas e rações, cativando a atenção apenas da parcela especializada do público recepcionada pelos vendedores. Ao chegar aos pavilhões de concreto o movimento cresce novamente, chega a hora da ordenha e as pessoas fazem filas segurando sacolas de garrafas PET vazias para comprar leite fresco (Figura 96). Das edificações tradicionais os veterinários observam o movimento tratando de identificar os animais e, seguindo em frente o odor característico do esterco é substituído novamente pelo aroma da comida preparada por barraquinhas que ladeiam todo o caminho até o lago que, limpo e com a vegetação controlada, torna-se ponto de fotografias dos visitantes e cenário para a exposição dos piscicultores.



Figuras 96 e 97: Visitantes no ponto de venda de leite fresco e nos pavilhões com bovinos.  
Fonte: De autoria própria, 2022.

Ao chegar no ponto de partida já eram seis da noite e uma nova leva de visitantes fazia filas maiores na bilheteria do portão principal (Figura 98). A aglomeração ocupava toda a calçada da Caxangá até dobrar a esquina (Figura 99) e avançar na pista. Os tradicionais vendedores que têm suas barracas fixas nos muros do parque aproveitavam o movimento de espera para oferecer seus produtos e a eles juntavam-se novos ambulantes.



Figuras 98 e 99: Aglomeração na entrada principal do parque e final da fila da bilheteria respectivamente.  
Fonte: De autoria própria, 2022.

De acordo com a Sociedade Nordestina de Criadores, em 2022 os eventos de exposição atraíram um público de cerca de 100 mil pessoas, movimentaram em torno de 20 milhões de reais em negócios e geraram cerca de 3 mil empregos diretos e indiretos, a 79ª Exposição de Animais e Produtos Derivados (Figura 100) contou com cerca de 200 expositores e a 2ª ExpoAgro Nordeste

com 500 expositores, esses certames ocorrem com apoio da Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Governo de Pernambuco e normalmente também contam com patrocínio de empresas privadas como a Shineray, Becker, Nagem e Folha de Pernambuco. Assim, o espaço que no dia a dia atrai poucos visitantes das áreas próximas e é principalmente ocupado pelos trabalhadores e moradores, na época de eventos passa a concentrar pessoas de outros bairros além dos localizados no entorno do parque e também de locais de fora da Região Metropolitana do Recife, mesmo com a cobrança de uma taxa de ingresso.

Com a observação realizada durante a visita percebeu-se que essa grande circulação de pessoas altera profundamente a atmosfera do local que, apesar de manter o caráter rural pela presença dos animais, ganha contornos de festa popular a medida que inclui programação cultural com apresentações de grupos de forró e sertanejo (Figura 94), feira de artesanato - que conta com produtos em couro, barro, palha, bordados, móveis tradicionais entre outros -, feira de flores e plantas ornamentais, comércio de culinária típica com a venda de produtos derivados - como coalhada, queijos, leite de cabra, iogurtes, além de doces -, apresentações de grupos de animadores infantis, parque de diversões e praça de alimentação. Além disso, para o público especializado como os criadores e estudantes também ocorreram diversas palestras e apresentações de pesquisas científicas voltadas para temas da agropecuária e a venda de implementos agrícolas, rações, suplementos e grandes maquinários.

Ademais, faz-se importante ressaltar o caráter educacional percebido no espaço, com uma área de expositores oriundos da UFRPE (Figuras 101 e 102) em que estudantes de medicina veterinária, agronomia e outros cursos afins demonstravam para o público suas pesquisas e trabalhos de extensão. Com relação ao tratamento dos animais, alunos de outras instituições - inclusive do interior do Estado - também participavam da organização e cuidados por meio de estágios solicitados às universidades durante o período da feira. Por fim, também foi percebida a presença de diversas turmas de estudantes técnicos em agronomia do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) que passavam o dia inteiro no local realizando visitas coordenadas por seus professores.



Figura 100: Banner da 79 Exposição de Animais e Produtos Derivados sobre o pórtico do parque.  
Fonte: De autoria própria, 2022.



Figuras 101 e 102: Stands da UFRPE na Exposição de Animais e Produtos Derivados.  
Fonte: De autoria própria, 2022.

Apesar da Exposição do Cordeiro ser considerada a maior feira agropecuária do Norte-Nordeste e a 3ª mais relevante do Brasil, com a visita observaram-se problemas no funcionamento do local, que dizem respeito a infraestrutura das edificações, a mistura de áreas de alimentação e artesanato com as áreas dos animais (falta de zoneamento das atividades), a locação de uma imensa área para estacionamento que não era completamente ocupada, além da falta de sinalização dos acessos existentes que ocasionava tumulto na bilheteria principal chegando a formar trânsito de veículos pela aglomeração de pessoas na Avenida Caxangá.



Figuras 103 e 104: Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos.  
Fonte: De autoria própria, 2022



Figuras 105, 106, 107, 108, 109 e 110: Comparativo do parque durante o cotidiano e durante os eventos.  
Fonte: De autoria própria, 2022

Também foram percebidos conflitos com relação a distribuição das atividades na área construída do parque, visto que nem todas as estruturas disponíveis são utilizadas durante os eventos e várias delas, ainda que parcialmente ocupadas, encontravam-se muito abaixo de sua capacidade. A partir disso foi desenvolvido o mapa esquemático (Figura 111) que demonstra a apropriação dos espaços de feira, o qual aponta, inclusive, as áreas ocupadas por estruturas efêmeras como barracas e tendas.

Por fim, a **quarta porta da paisagem** apresentada por Besse diz respeito a cultura e parte do entendimento da paisagem como produto e prática das sociedades humanas, nesse âmbito, o autor provoca o leitor ao indicar que os atributos da paisagem estão justamente em seu cotidiano e nos costumes de quem a vivencia. Sendo assim, para além dos ensejos já apresentados anteriormente sobre a experiência com o cotidiano do local (ver imagens 103 a 110 expondo registro comparativo), parte-se para uma análise do funcionamento diário daquele espaço com maior enfoque em seus atributos paisagísticos e nos depoimentos daqueles que mais importam no projeto de paisagem, a população.

Como visto, diversas instituições têm lugar no parque, sejam do Governo do Estado, seja de espaços de natureza social como as diversas associações de criadores e de produtores. Há também imóveis de natureza residencial fruto de ocupações recentes e alguns outros pertencentes aos descendentes de antigos funcionários que moravam no parque para trabalhar em sua manutenção e estão aposentados há muitos anos, essas dinâmicas geram uma circulação de, em média, 210 pessoas diariamente de acordo com o “Relatório de Ocupação do Parque do Cordeiro” realizado pela Gerência Administrativa de Patrimônio da Secretaria de Agricultura no ano de 2022.

Esses usos cotidianos e as experimentações que derivam deles, juntamente com o componente estético e natural expresso nas análises das portas da paisagem anteriores, compõem o conjunto de atributos paisagísticos da área em estudo, os quais foram listados e especializados a fim de dar suporte a elaboração de diretrizes para intervenção no local (Figura 112).

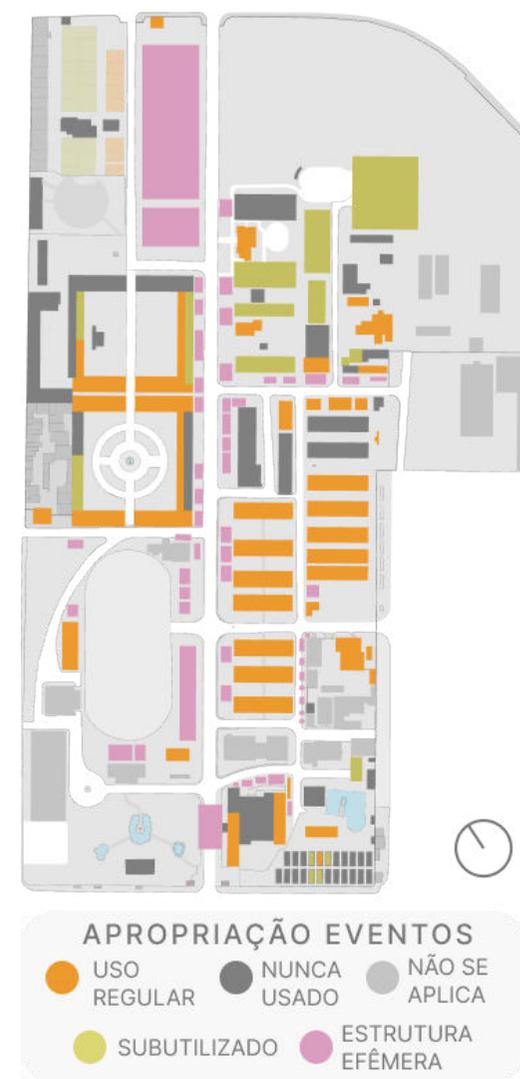


Figura 111: Mapa Esquemático de Apropriação nos Eventos.  
Fonte: Elaboração Própria, 2022.



Com relação a percepção dos moradores da área e dos usuários do parque, foi realizada a escuta à população do entorno mediante aplicação de formulários em um raio de cerca de 1km do Parque Professor Antônio Coelho (Figura 113) a fim de compreender a relação dos moradores com essa paisagem, além de suas críticas e anseios, fornecendo informações que tornassem a leitura paisagística e urbana da área possível. Ao todo, foram fornecidos 64 depoimentos coletados de forma presencial e aleatória no bairro do Cordeiro e arredores, durante os dias 15 e 28 de setembro de 2022 que tiveram como objetivos:

1. Compreender como se dá a relação da população com os espaços públicos da área e quais os elementos considerados marcos do local.
2. Verificar a frequência e tipo de uso do parque, compreender a percepção das pessoas em relação a ele, quais tipos de problemas podem ser identificados pelos usuários (se houverem) e quais as principais necessidades e potencialidades apontadas.

Inicialmente procurou-se traçar o perfil dos consultados (Gráficos 1 a 5):

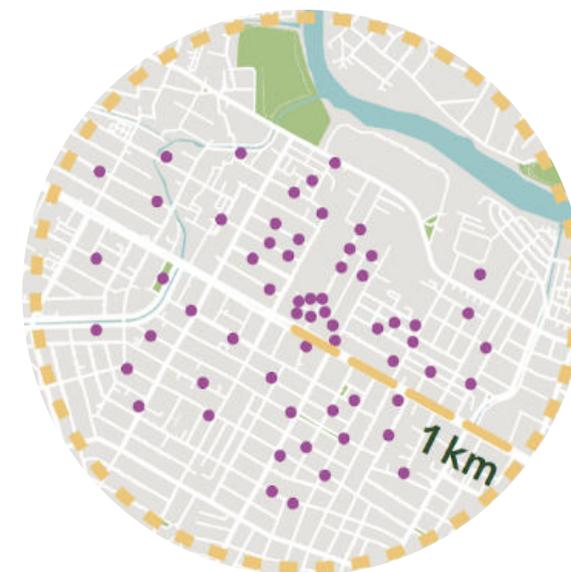
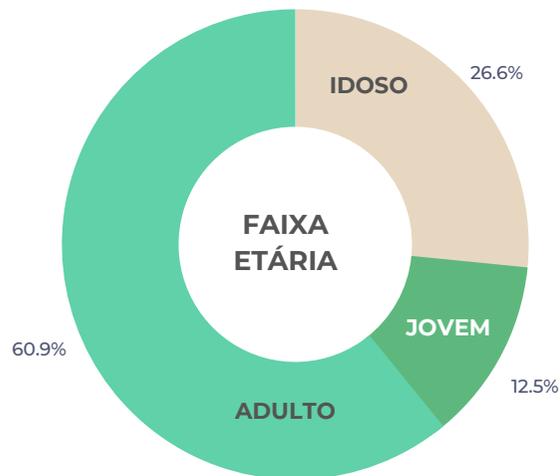
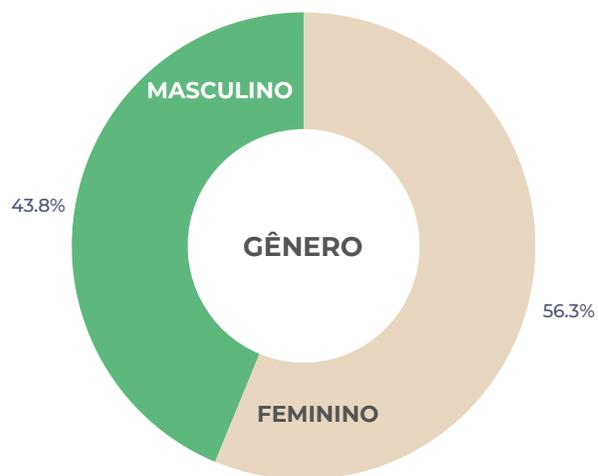


Figura 113: Registro dos locais de coleta de dados.  
 Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Google Maps, 2022.



Gráficos 1 e 2: Leitura das respostas referentes à gênero e faixa etária dos respondentes.  
 Fonte: Elaboração Própria, 2022.



Gráficos 3, 4 e 5: Leitura das respostas referentes à consulta realizada sobre bairro de residência.

Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Os resultados obtidos em cada pergunta foram sistematizados em categorias semelhantes para facilitar a leitura das informações. Com relação às informações coletadas, quanto ao primeiro objetivo, percebeu-se que, para a maioria dos consultados, o parque é considerado um marco (Gráfico 6), frequentemente utilizado para dar direções e localizar-se na área, é válido ressaltar que o pórtico de entrada foi considerado como principal elemento responsável por essa singularidade, seguido pelo porte do equipamento.

**para você, qual o maior ponto de referência dessa área?**

dos 47 moradores do bairro consultados 25 pessoas afirmaram que consideram o parque do cordeiro como o maior ponto de referência

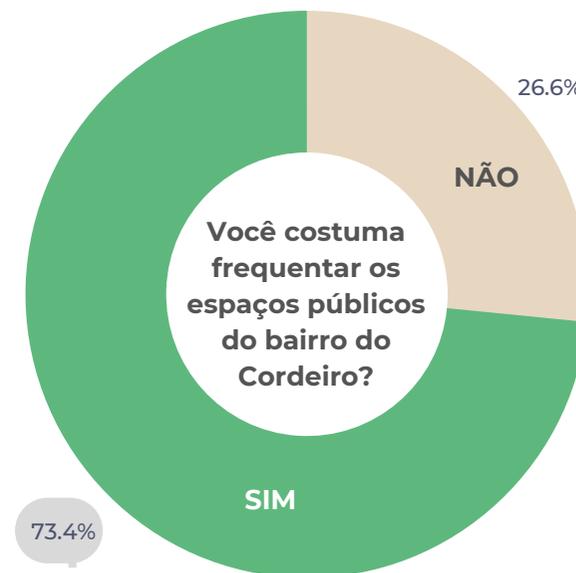


Gráfico 6: Consulta à população quanto ao ponto de referência da área estudada.

Fonte: Elaboração Própria, 2022

Quando questionados sobre os espaços públicos que frequentam no bairro, a maioria dos respondentes afirmou que fazia uso de parques e praças (Gráficos 7 e 8), sendo a praça Professor Coelho de Almeida (Praça do Cavouco) apontada como uma das mais utilizadas por contar com academia da cidade, playground, quadra esportiva e ciclofaixa utilizada de forma improvisada como pista de cooper, contudo, mesmo seus frequentadores apontaram problemas como a insegurança e a falta de manutenção das superfícies e dos equipamentos da mesma. Esses problemas foram reprisados como motivos que desencorajam visitas dentre aqueles que disseram não frequentar nenhum espaço público da área.

#### Por que você não frequenta nenhum espaço público?



87,2% destes afirmaram que frequentam parques ou praças. O restante faz uso de centros comunitários, feiras ou outros.

Gráficos 7 e 8: Consulta à população quanto a frequência de utilização dos espaços públicos do bairro do Cordeiro.

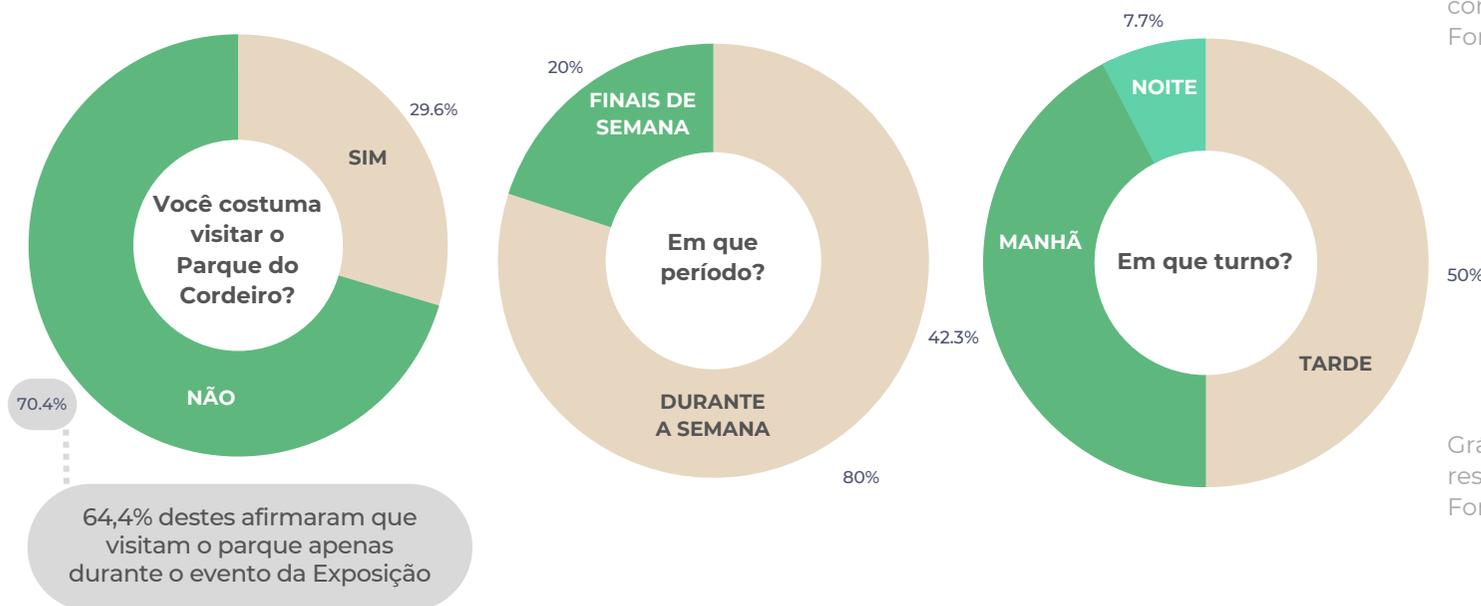
Fonte: Elaboração Própria, 2022

Já com relação ao segundo objetivo para realização dessa sondagem a população tem-se as questões específicas sobre o Parque do Cordeiro. Como esperado todos os consultados conheciam o parque (Gráfico 9), mas quando perguntados sobre a frequência que o visitavam a maioria das pessoas expressou não ser assíduo, pelo contrário, grande parte dos respondentes afirmou que ia até o local somente durante a temporada de eventos, demonstrando assim a situação de subutilização do local (Gráficos 10 a 12).

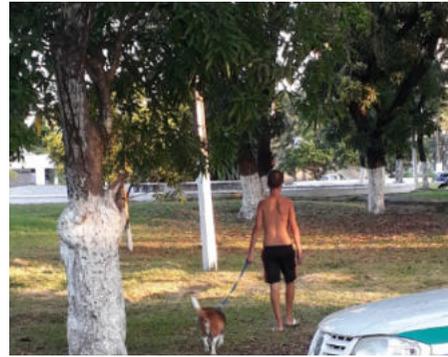
Os poucos frequentadores do espaço costumam visitá-lo durante a semana e no turno da tarde quando a temperatura está mais amena, sobre o seu uso (Gráfico 13) foi apontada como uma das principais atividades a caminhada ao longo do eixo central, local em que se sentiam seguros por conta da fácil visibilidade de toda essa área pelos funcionários da guarda municipal que supervisionam o parque. Além disso, o espaço foi apontado como local de trabalho e de compras nos poucos comércios que se sustentam nele, também é uma área vista como adequada para o passeio com animais domésticos. O uso contemplativo também foi identificado em depoimentos que apontavam o parque como bom para passeios e ponto de encontro (Figuras 114 a 117).



Gráfico 9: Consulta a população a respeito do conhecimento sobre o Parque do Cordeiro.  
Fonte: Elaboração Própria, 2022



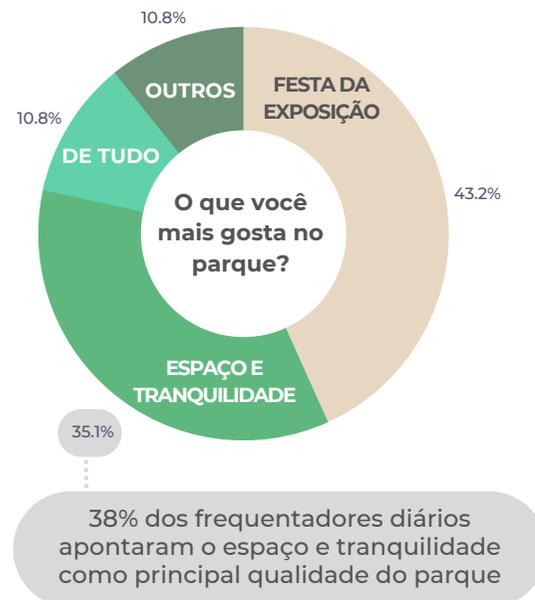
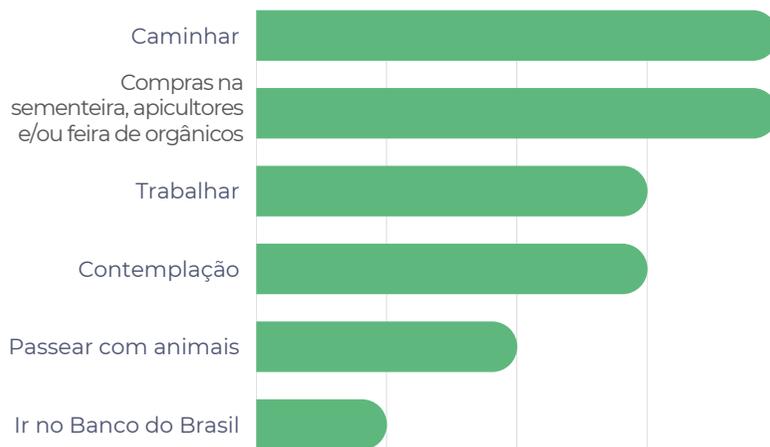
Gráficos 10, 11 e 12: Consulta a população a respeito da visita ao Parque do Cordeiro.  
Fonte: Elaboração Própria, 2022



Quando questionados sobre o que mais gostavam no parque (Gráfico 14), o evento de exposição foi a principal resposta, contudo foi recorrente entre os frequentadores menções ao próprio “espaço” como qualidade, assim como a natureza e a tranquilidade transmitida pelo local caracterizado por eles como “um pedaço do interior na cidade”. Paradoxalmente a segurança também foi apontada como ponto forte e diversas pessoas declararam apenas gostarem de tudo. Assim, os gráficos aqui expostos traduzem a variedade desses depoimentos, sobre eles também é válido mencionar que expressam respostas múltiplas, ou seja, um indivíduo poderia apontar mais de um aspecto para responder as perguntas realizadas.

Figuras 114, 115, 116 e 117: Usos cotidianos do parque.  
Fonte: De autoria própria, 2023.

### O que costuma fazer quando vai ao parque?



Gráficos 13 e 14: Consulta a população a respeito da utilização do Parque do Cordeiro.  
Fonte: Elaboração Própria, 2022

Além disso, a fim de perceber o quão relevante o espaço é para a população em termos de memória e afetividade, todos os respondentes também tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões sobre a importância que o local e o evento teve em suas vidas, surpreendentemente boa parte dos respondentes demonstraram afeto pelo parque (Gráfico 15), mesmo dentre o grupo que disse não frequentá-lo. A parcela das pessoas de idade mais avançada pontuou sentir saudades dos tempos em que a área era maior e mais movimentada e relatou ter levado não só os filhos, mas também os netos para frequentar os eventos. Assim, tanto a infância como a tradição foram temas fortes durante essa etapa com a presença de discursos (Figura 118) como “o parque de exposições faz parte da minha história”, “criei meus filhos indo com eles pequenininhos e até a adolescência esse era o lugar deles”, “foi ali que conheci o meu marido” e “meu falecido pai era vaqueiro e sempre que tenho oportunidade de ir nesse lugar me lembro dele”.



Figura 118: Nuvem de palavras sobre as lembranças dos usuários em relação a área.  
Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Dando seguimento às análises, tanto os respondentes que disseram não frequentar o espaço como os frequentadores apontaram os problemas que enxergam nesse local (Gráfico 16), novamente os velhos inconvenientes de manutenção e segurança repetiram-se, porém como especificidades desse espaço foi verificada a questão da falta de atratividade e conseqüente escasso movimento e impressão de abandono endossada pela deficiência na manutenção. Além disso ressalta-se a falta de infraestrutura e, especificamente, ausência de mobiliário e equipamentos de lazer

### você lembra de algo importante relacionado ao parque ou à festa de exposição?

dos 64 consultados 37 pessoas afirmaram que tinham lembranças afetivas relacionadas ao parque, principalmente sobre a infância



Gráfico 15: Consulta ao público a respeito da memória afetiva da população em relação ao parque do Cordeiro.  
Fonte: Elaboração Própria, 2022

como críticas ao local passíveis de serem solucionadas na formulação de diretrizes de intervenção.

### O que você não gosta no parque? Quais problemas vê nele?



### De que tipo de serviço ou espaço você sente falta neste parque?

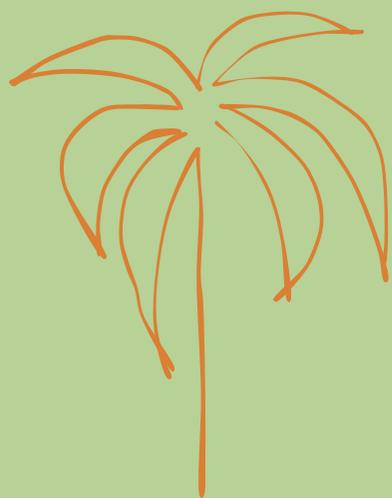


Gráficos 16 e 17: Consulta a população a respeito de problemas e o que sentem falta no Parque do Cordeiro.  
Fonte: Elaboração Própria, 2022

Sobre as expectativas para o local (Gráfico 17) em caso de intervenção foi pontuada principalmente a necessidade de comércios e serviços que dinamizem a área, notavelmente o retorno do Expresso Cidadão foi uma das pautas mais recorrentes. Também foi apontada a necessidade de espaços adequados para a prática de atividades físicas, visto que alguns usuários já as praticam de forma improvisada no local, além de espaços específicos para o público infantil, espaço para alimentação, equipamentos de educação e lazer e uma maior quantidade e diversidade de eventos, feiras e exposições. Por fim, itens básicos como limpeza, manutenção, mobiliário e infraestrutura também foram levantados.

Dessa forma, as respostas obtidas assim como as demais análises tratadas neste item, apontam para a necessidade de uma proposta de intervenção na área objeto de estudo, oferecendo embasamento para a formulação de diretrizes e do programa de necessidades do estudo. Com isso, chega-se a **quinta porta da paisagem**, a porta do projeto, visto que:

Da relação entre três aspectos, o paisagista sente o local como uma experiência e inventa a partir do existente, ou seja, imagina para experimentar em um primeiro momento. Para imaginar, ele constata e descreve então o projeto de paisagem, que seria, na verdade, criar algo que já estava ali, ou reinventar, ou representar o que vai se revelar o que já havia. E, pode-se dizer, elaborar o que já estava presente e não se via. Isso significa que o tornar visível supõe um pensamento latente que vai dar um sentido a algo que já estava ali (Sá Carneiro, 2017 p. 81)



**EXERCÍCIO DE PAISAGEM:  
A PORTA DO PROJETO E AS DIRETRIZES  
DE INTERVENÇÃO PAISAGÍSTICA**

capítulo

**4**



1. Compreensão do local, suas relações históricas, efêmeras e cotidianas registrada nos capítulos anteriores
2. Tomada das primeiras decisões projetuais e planejamento demolições
3. Pesquisa por projetos de referência para dar subsídio à proposta
4. Formulação de diretrizes projetuais gerais e específicas que norteiam as ações
5. Definição do zoneamento e programa de necessidades com a especificação de usos âncora e de pontos de interesse
6. Proposição de novos acessos, janelas, travessias e praças de entrada
7. Valorização do caminho principal e desenho de percursos contemplativos secundários que interligam pontos de entrada, usos existentes e propostos, fazendo a costura dos espaços e ativando áreas ociosas;
8. Definição de principais materiais e esquema de orientação do parque
9. Indicação de composição vegetal sugerida

Assim, através das análises dos capítulos anteriores também percebeu-se que, apesar do Parque do Cordeiro contar com considerável área verde (9,5ha), 41% do seu território corresponde a área pavimentada ou construída. Dessa forma, a partir das visitas e da avaliação dos elementos construídos por meio dos mapas históricos teve-se como produto um esquema aproximado das épocas de construção apresentado anteriormente e também de seu estado de conservação (Figura 120), ambos utilizados para embasar o processo de decisão com relação às demolições e construções na proposta de intervenção.

A maioria das edificações existentes possui algum tipo de dano, visto que sofrem com a falta de manutenção, uma vez que o tratamento dado a elas concentra-se principalmente nos momentos de preparativos para os eventos anuais. As edificações mais recentes e que são usadas cotidianamente, com poucas exceções, em geral possuem um bom estado de conservação, no entanto, as edificações nunca usadas são as mais afetadas pela degradação e, portanto, são maioria dentre as indicadas em vermelho no mapa esquemático do estado de conservação (Figura 120).

Conforme já mencionado, os principais danos identificados nas edificações decorrem da falta de uso e manutenção, sendo os mais leves relacionados à camada superficial da construção como descamação e descoloração da pintura e crosta negra, tornando-se progressivamente mais graves como umidade descendente e infiltração - com destaque para as graves



Figura 120: Mapa esquemático de estado de conservação das construções.

Fonte: Elaboração Própria, 2022.

infiltrações e problemas na cobertura que foram o estopim para o fechamento do Expresso Cidadão do parque para reformas desde 2019 -, fissuras e descolamento de reboco, perda de alvenaria, corrosão de elementos metálicos, a presença de vegetação invasora e, especificamente nos pavilhões e cavalariças foi identificado certo grau de comprometimento em componentes de madeira devido a problemas na cobertura de telhas cerâmicas.

Assim, a partir da compreensão do valor arquitetônico, histórico e do estado de conservação supracitados, foram definidas as edificações que seriam recuperadas ou removidas na proposta, com o cuidado de manter exemplares remanescentes da época de implantação do parque, os quais estabelecem relação de conjunto com as edificações dos primeiros loteamentos do entorno que ainda resistem aos processos de transformação da cidade. Além disso, também foram mantidos os monumentos e parte significativa dos pavilhões e das construções especializadas exemplares da arquitetura utilitária rural que carregam fortemente a identidade do lugar (Figuras 121 a 124), relacionando-se com as memórias da população do entorno, dessa forma, resultando em uma maior uniformidade estilística dentro do parque a ser enfatizada na proposta.

Com relação às remoções (Figura 125), essa foi uma ação necessária para eliminar espaços não utilizados e também liberar solo para proposição de novos percursos e ampliação da taxa de área verde do local a fim de promover a amenização climática e reforçar a ambiência de parque. Para além de exemplares degradados também houve remoções como o caso do edifício hoje sedia o EPTI (empresa pernambucana de transportes intermunicipais) uma edificação em bom estado de conservação que, contudo, possui menor relevância histórica e arquitetônica, além de ter um uso incompatível com a dinâmica do local e das vias adjacentes pelo fluxo de ônibus para inspeção dentro do parque.

Figuras 121, 122, 123 e 124: Exemplos de edificações mantidas na proposta.

Fonte: De autoria própria, 2022.



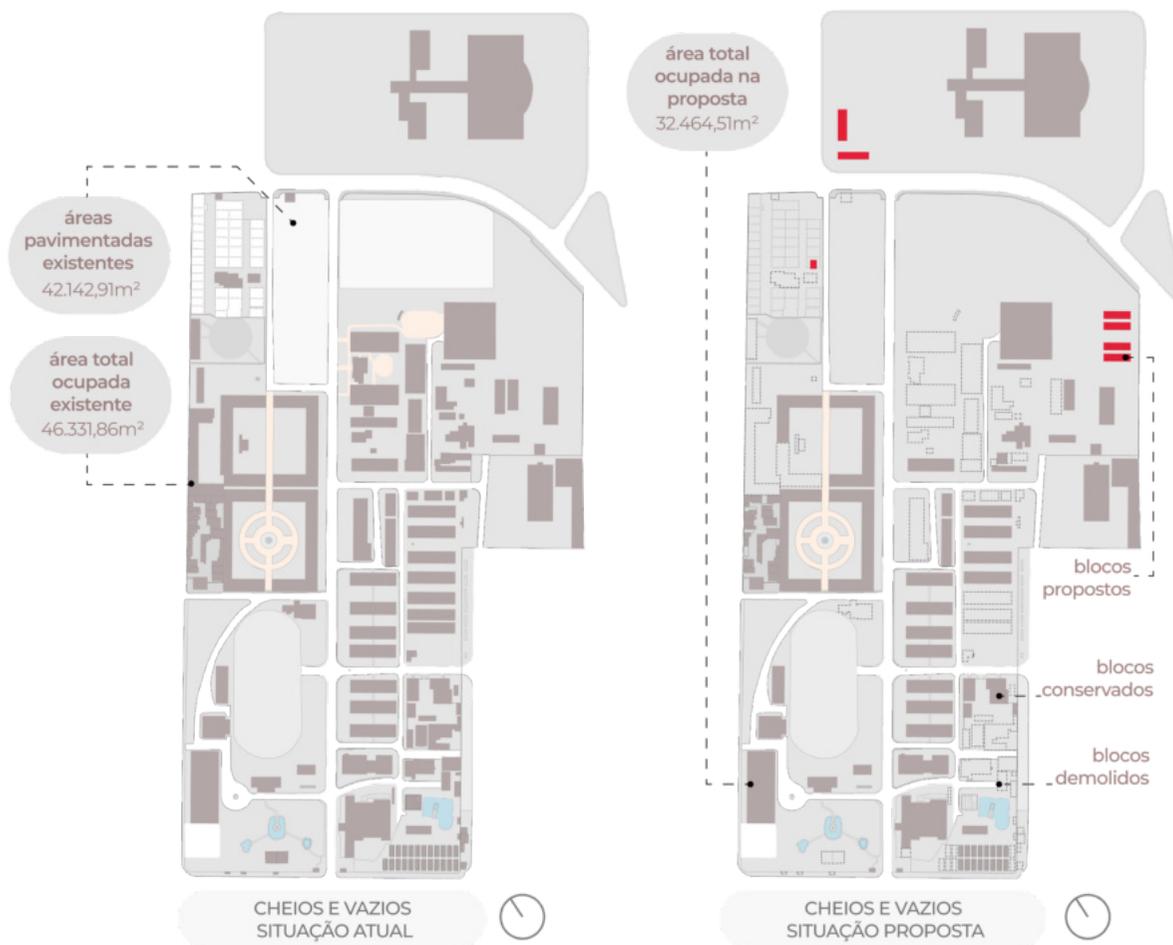


Figura 125: Mapa esquemático de cheios e vazios na situação atual e proposta.

Fonte: Elaboração Própria, 2023.

A partir dessas primeiras e mais fundamentais decisões projetuais quanto ao eixo de força e as demolições propostas foi importante procurar por casos de referência que ajudassem a definir o programa de necessidades e a elaborar as diretrizes de intervenção. Sendo assim, buscou-se sobretudo projetos que se relacionam com a temática do local e também trabalhassem questões caras ao projeto, como o relacionamento com os corpos d'água e a presença da estrutura conectora e trabalho de circulação para ordenamento dos fluxos e orientação dos usuários.

## 4.1. ESTUDOS DE CASO PARA PROJETO

A fim de dar suporte ao processo de concepção enunciado nesse capítulo, buscou-se levantar três projetos de referência, executados ou não, que relacionam-se com a temática e os desafios encontrados no objeto de estudo, o Parque Professor Antônio Coelho. Dessa maneira, serão apresentados dois planos no contexto nacional, o Parque da Cidade de Pindamonhangaba e o Parque da Juventude, ambos localizados no estado de São Paulo e também um projeto no contexto internacional, o Parc des Dondaines, localizado em Lille na França.

### Parque da Cidade de Pindamonhangaba (2022), São Paulo (SP) | EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS

O Parque da Cidade de Pindamonhangaba tem mais de 470.000m<sup>2</sup>, localiza-se no estado de São Paulo, na região leiteira do Vale do Paraíba e é a principal área de lazer da cidade. É também local do antigo haras de São Paulo, hoje sedia anualmente a ExpoPinda - Exposição de Animais que inclui a feira do produtor rural, mini fazenda, exposição de máquinas e implementos agrícolas, torneios leiteiros, entre outras programações - e também outros eventos de grande porte como shows - apresentações de artistas locais no “Domingo no Parque” e o tradicional festival tropeiro. Apesar disso, possui uma grande área obsoleta e que tem seu potencial desperdiçado, além de contar com poucas opções de equipamentos de lazer, problemáticas que motivaram a elaboração do projeto pela equipe do escritório COTA760 – Luis Rossi, Nicolas Le Roux, Paula Lemos Daniel Carvalho e Pedro Valenzuela –, entregue a Prefeitura de Pindamonhangaba sem custos ao poder público, viabilizado por meio de parcerias com empresas privadas.

O projeto partiu da ideia de criar três polos (Figura 126) com programas distintos – esportes e eventos, artes e bem estar e ecologia e ofícios – que atraíssem usuários de faixas etárias e interesses variados e ajudassem a ocupar toda a extensão do parque, evitando a atual situação de grandes zonas ociosas. Para facilitar o trânsito de pessoas por essas áreas foi determinada uma estrutura de circulação (Figura 127) que prioriza os meios de transporte ativos e também conta com pontos de estacionamento de veículos próximos às ruas lindeiras para suprir a demanda criada pelos eventos ali sediados. Por fim, foi proposta uma arborização que recompõe os vazios criados pelas ocupações anteriores e valoriza as espécies nativas do local.

Assim, a proposta de requalificação para a área alia os usos voltados para eventos já existentes no local com um programa que dá mais enfoque às funções de lazer e ecológicas, contudo sem perder de vista sua origem

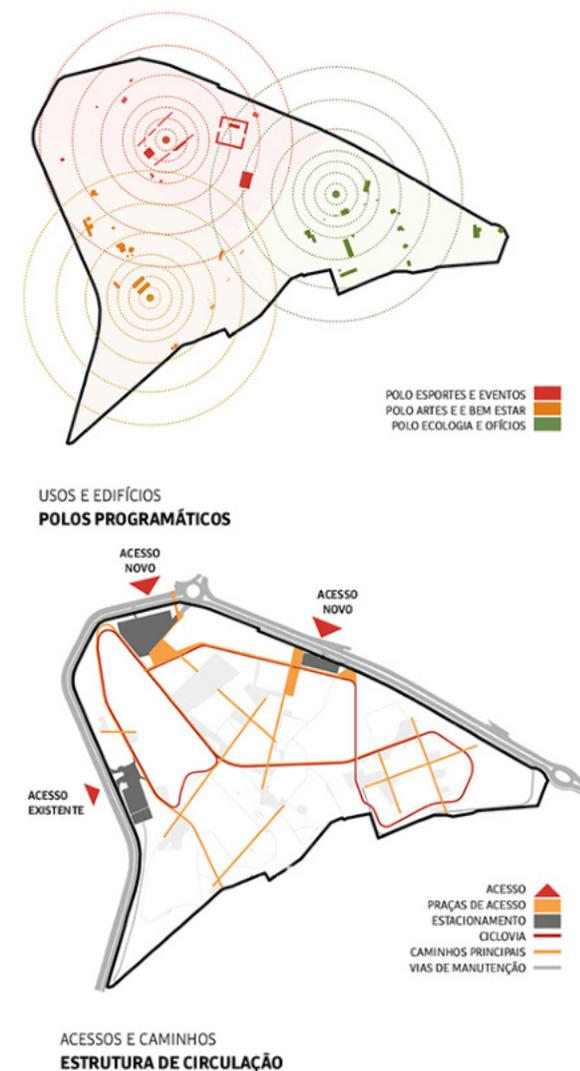


Figura 126 e 127: Mapas esquemáticos de concepção do parque da Cidade de Pindamonhangaba.

Fonte: COTA760, 2022.

agropecuária, incorporando zonas de esportes, parque infantil, espaço para animais domésticos, espaço gastronômico, além de reformar a área de eventos existente e potencializar a função pedagógica através da proposta de um centro de educação ambiental atrelado a um espaço de capacitação e ministração de oficinas temáticas. Além disso, também foram alvo da intervenção as edificações já existentes no parque, tendo em vista a necessidade de uniformizar as construções para fortalecer a identidade visual do local e criar uma noção de conjunto, também foram propostas melhorias em seu desempenho energético, tornando-as mais sustentáveis e de menor impacto no ambiente em que estão inseridas.

Esse projeto é importante para a formulação de diretrizes almejadas por este trabalho por demonstrar maneiras de projetar um parque capaz de conciliar sua vocação de eventos agropecuários com outras atividades que permitam melhor aproveitamento cotidiano, além de suscitar o resgate da função pedagógica do presente objeto de estudo que foi deixada de lado ao longo dos anos.

#### Parc des Dondaines (2012), Lille (FR) | A IDEIA DE PARQUES AGROURBANOS

Partindo para compreender como essa temática é tratada no exterior encontrou-se a ideia dos parques agroubanos, espaços de caráter similar e que trazem importantes lições, uma vez que, implantados em zonas de desenvolvimento sustentável, promovem uma mescla entre a cidade e o campo, partindo da ideia de que não há mais como expandir as plantações e criações sem ampliar o desmatamento e também da necessidade de educar os moradores da cidade, desde crianças, sobre o consumo, permitindo sua participação no processo produtivo, assim criando "fazendas pedagógicas educacionais" de vitrine que servem para ser um espaço de experimentação e laboratório agroubano com objetivo de propor soluções que aliem produção e sustentabilidade no século XXI. Assim, como exemplo dessa tendência apresenta-se o projeto do Parc des Dondaines (3.360m<sup>2</sup>) na cidade de Lille (França) concebido pelo escritório SOA Architects que coordena o Laboratório de Planejamento Urbano Agrícola, o qual trata de questões relativas à agricultura urbana e produção no desenvolvimento metropolitano a fim de superar a dicotomia entre cidade e campo.

O projeto em questão contém um edifício central em formato retangular (Figura 128), o qual articula as duas áreas do parque que são cortadas por vias de alto fluxo, uma delas dedicada aos animais e outra dedicada às plantações, assim criando um conjunto de estufas de agricultura urbana e uma fazenda pedagógica abertos aos moradores da cidade. Dessa forma, o programa inclui área de produção (Figura 129), cozinha e, por fim, restaurante e mercado (Figura 130), como forma de representar todo o ciclo alimentar, além



Figura 128, 129 e 130: Masterplan, áreas produtivas e áreas de comércio do Parc des Dondaines.

Fonte: SOA Architects, s.d.

de contar com espaço pedagógico e de exposição para informar sobre esse processo com mais profundidade. O setor da fazenda inclui também instalações como estábulos, celeiro, chiqueiro, curral, galinheiro, alojamentos para os tratadores e um mirante, o qual permite visualizar o parque como um todo integrado à cidade.

Com isso, apresenta-se esse projeto como referência temática, pois ele demonstra alternativas de atualização do programa do objeto de estudo para as demandas da sociedade atual, sem no entanto perder de vista seu uso historicamente consolidado, uma vez que ambos tratam de uma conexão entre a cidade e o campo via atividade agropecuária.

### Parque da Juventude (2002), São Paulo (SP) | A ESTRUTURA CONECTORA

O Parque da Juventude ou Parque Dom Paulo Evaristo Arns projetado pela paisagista Rosa Kliass em parceria com o escritório Aflalo & Gasperini Arquitetos têm 240.000 m<sup>2</sup> de área e localiza-se em São Paulo, no espaço anteriormente ocupado pelo Complexo Penitenciário de Carandiru. Elaborado em três etapas, vizinho de uma área residencial com diferentes recortes de renda - incluindo um conjunto de habitação social - , o projeto tem um programa voltado para eventos culturais, contemplação (Figura 132), prática de esportes (Figura 131), recreação infantil e também possui uma área institucional com biblioteca e escola profissionalizante (ETEC). Atualmente o Parque da Juventude pode ser dividido nos seguintes setores (Figura 133):

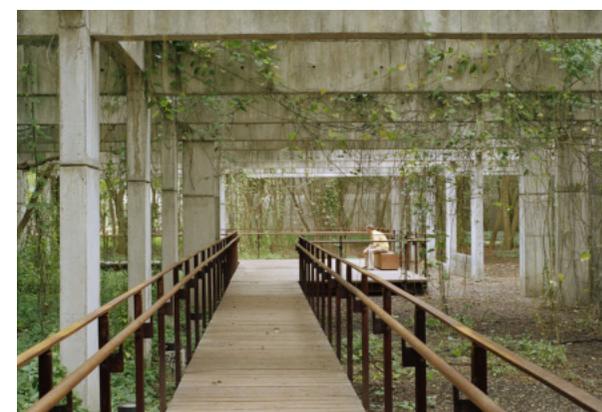


Figura 131 e 132: Trecho esportivo e trecho de lazer contemplativo do Parque da Juventude. Fonte: Nelson Kon, 2018.

Figura 133: Mapa de setorização do Parque da Juventude. Fonte: Aflalo/Gasperini Arquitetos disponível em Archdaily, Adaptado por Rafaela Lins

- 1. Parque Institucional:** conta com a praça de entrada voltada para a Av. Cruzeiro do Sul e os edifícios da biblioteca e da escola profissionalizante, além de possuir um palco ao ar livre para realização de eventos abertos. Nesse espaço também ficam dois pavilhões do complexo que foram aproveitados e convertidos em centro cultural e centro de inclusão digital.
- 2. Parque Central:** área rica em vegetação e voltada para contemplação, nela localizam-se as ruínas e muralhas do complexo Penitenciário e uma área de preservação ambiental permanente.
- 3. Parque e Esportivo:** espaço projetado com dez quadras poliesportivas, pista de skate, equipamentos de recreação infantil, circuito de arvorismo e diversos equipamentos de apoio como vestiários e lanchonetes. Esse último setor era o local mais degradado no início da intervenção e se interliga com a Av. Zacchi Narchi, uma importante via de acesso e circulação de pessoas e veículos na área.

Essas três zonas são associadas por um caminho sinuoso que corta todo o parque, a alameda principal, essa estrutura conectora arborizada conduz os usuários em um passeio de variadas experiências espaciais e articula todo o parque interligando as avenidas nas duas extremidades da gleba. Vale ressaltar no projeto a manutenção, ainda que de maneira simbólica, do significado do lugar através não só da conservação e conversão para novos usos dos antigos edifícios, mas também do aproveitamento até mesmo das ruínas mantidas como testemunho da antiga ocupação.

Além das supracitadas questões de desenho urbano e trabalho paisagístico, esse parque foi selecionado como referência por ser um exemplo de uso da arquitetura da paisagem para ressignificação da função de um espaço em estado de degradação e a integração deste com a comunidade do entorno. A organização e a gestão do local demonstram como a presença de uma programação cultural robusta incentiva a apropriação do local para diversos usos e como fazer um bom casamento entre edifícios institucionais e equipamentos de lazer.

## 4.2. DIRETRIZES PROJETUAIS

Diante do que foi exposto, através dos projetos referenciais selecionados, da compreensão histórica e do diagnóstico do entorno - condensados no mapa síntese (Figura 134) percebeu-se a necessidade de primeiro abordar, ainda que de forma ampla, o entorno que envolve o objeto de estudo. Assim foram elaboradas diretrizes gerais que dizem respeito à relação entre o objeto de estudo e o recorte

de análise, enfatizando o impacto da proposta dentro do sistema em que o espaço se insere.

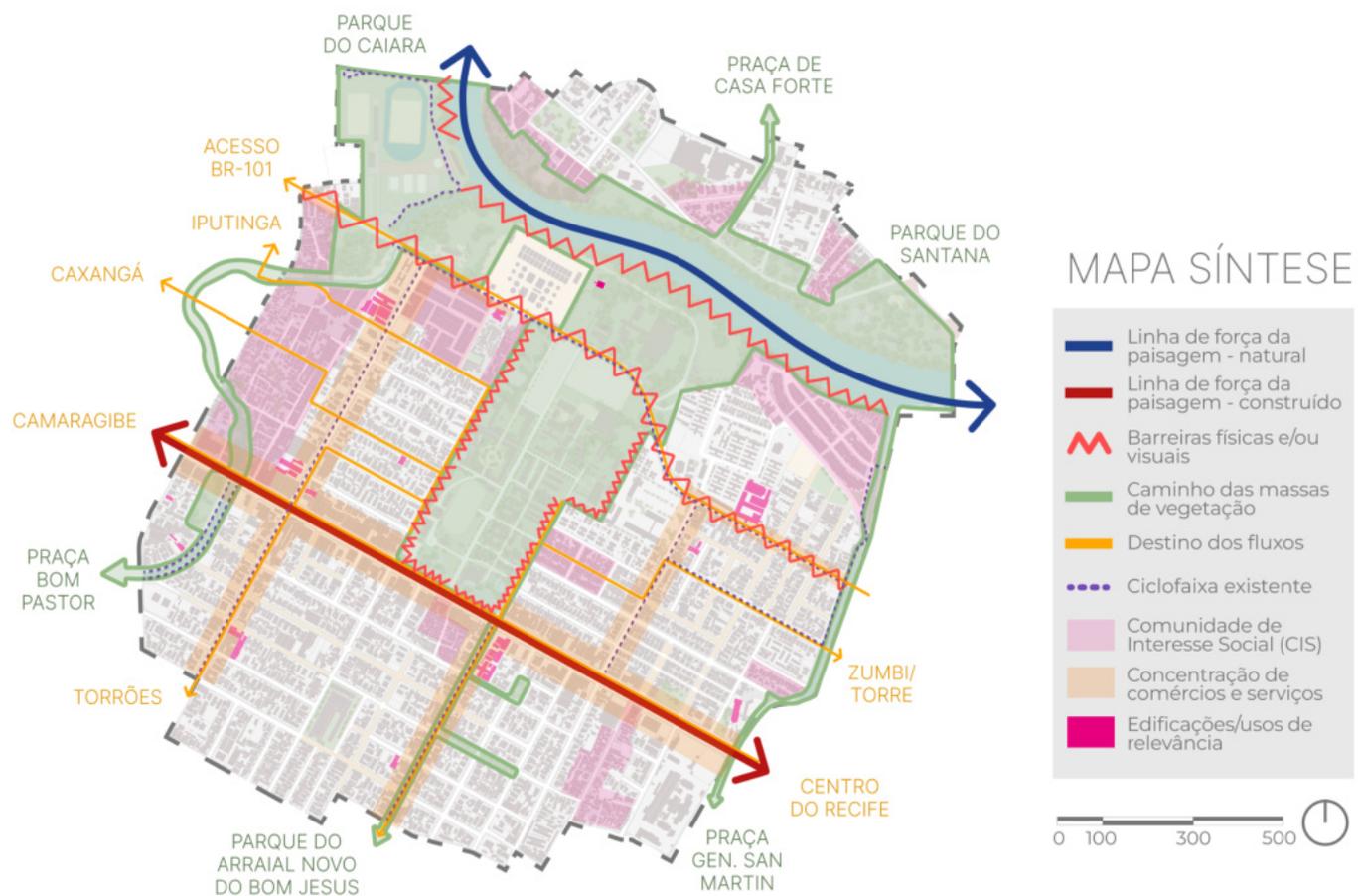


Figura 134: Mapa síntese das análises urbanas.  
Fonte: Elaboração Própria, 2023.

- A.** Integração dos parques do Caiara, do Cordeiro e do Santana através do tratamento de requalificação das margens do Rio Capibaribe, tratando-os como programas complementares de uma grande área verde.

- B.** A estruturação das comunidades de interesse social situadas no entorno do Parque do Cordeiro a fim de promover esgotamento sanitário, abastecimento de água e drenagem estruturada, além de reparos e arborização das suas vias em estado precário de conservação.
- C.** A valorização do componente natural da paisagem e fortalecimento do sistema de espaços livres públicos através da requalificação das praças e outras massas vegetais urbanas identificadas, a exemplo de áreas de bosques e riachos a serem conectados entre si e com os parques por meio da introdução de corredores verdes ao longo das vias.
- D.** A valorização e reconhecimento do patrimônio - a exemplo das ruínas do Casarão do Cordeiro e do próprio Parque do Cordeiro - através da requalificação, restauro e de ações de valorização, a fim de melhor integrar esses bens às dinâmicas urbanas.
- E.** Fortalecer e dar suporte às funções de lazer, convivência social, educação e recreação no parque objeto de intervenção, promovendo-o como elemento estruturador da paisagem do entorno.

Finalmente, aproximando-se do objeto de estudo deste trabalho foram elaboradas diretrizes específicas e um programa de necessidades a partir do entendimento do entorno, dos já citados atributos paisagísticos da área e das demandas identificadas na escuta da população do entorno. Com isso, chegou-se à conclusão de que a feira de exposição de animais e produtos derivados deve ser mantida no local, ainda que sob novas condições – redimensionada e com estruturas flexíveis, de forma que o evento atue como uma ponte entre o campo e a cidade e seja uma oportunidade para discutir sustentabilidade e agropecuária na atualidade. A decisão por sua permanência deu-se por que o espaço possui valor afetivo relacionado a este certame e está presente na memória coletiva da população, a qual citou principalmente termos como “família”, “infância” e “animais” para designá-lo.

Além disso, diante da extensão e variedade de usos do local, tomou-se como referência o levantamento dos usos ao longo do tempo (Quadro 1 e 2) realizado nos capítulos anteriores para mediar o processo de decisão sobre quais funções seriam mantidas, descartadas ou introduzidas para atender às novas demandas identificadas. Dessa forma, o principal desafio da proposta torna-se aliar o valor da tradição e da memória com o valor de uso cotidiano, conservando os atributos paisagísticos identificados e potencializando-os através de um desenho (ver Apêndice C) que permita que mais pessoas os descubram e desfrutem dele, com isso proporcionando um incremento da vitalidade local fora da temporada de eventos. A partir dessas ideias, surgiram as seguintes diretrizes específicas:

- A.** Como principal diretriz tem-se a reestruturação do traçado do parque de forma que haja maior legibilidade dos caminhos e conexão entre elementos importantes identificados, além da inserção de comunicação visual que oriente os transeuntes sobre os serviços disponíveis no local.
- B.** Promover atividades no parque ao longo de todo o ano através de uma melhor gestão de eventos e da ampliação dos serviços já prestados, no entanto com maior ênfase ao lazer e ao contato com a natureza na proposta, assim provendo um programa diversificado segundo as necessidades da população e o espírito do lugar.
- C.** Propor um zoneamento que minimize os conflitos de uso identificados durante a análise, possibilitando também a remoção de construções em estado precário ou subutilizadas e a abertura de acessos estratégicos a fim de construir um melhor relacionamento com o entorno.

Apesar de não ser objetivo deste trabalho, vale salientar que para o funcionamento ideal da proposta também é necessário que haja a requalificação das construções e melhoria da infraestrutura do local, tratando das patologias identificadas e fornecendo uma rede de iluminação e sanitários adequados, além de mobiliário urbano em abundância, a exemplo de bancos, lixeiras, bebedouros e quiosques distribuídos conforme o desenho urbano sugerido.

Tomando como base as diretrizes criadas a partir do referencial teórico e projetual supracitado, apresenta-se uma proposta de zoneamento funcional (Figura 137) e, a partir dela foram locados os usos propostos, os quais partem da consciência de que há espaços livres de mesma natureza – parques – no entorno próximo, portanto, buscou-se assumir um papel diverso destes no sistema em que eles estão inseridos, de modo que eles se completem e não concorram (Figura 135). Em cada setor do parque foi proposto ou identificado (no caso dos existentes) um equipamento capaz de atuar como atrativo (Figura 136) para a presença de pessoas em diferentes dias e horários.

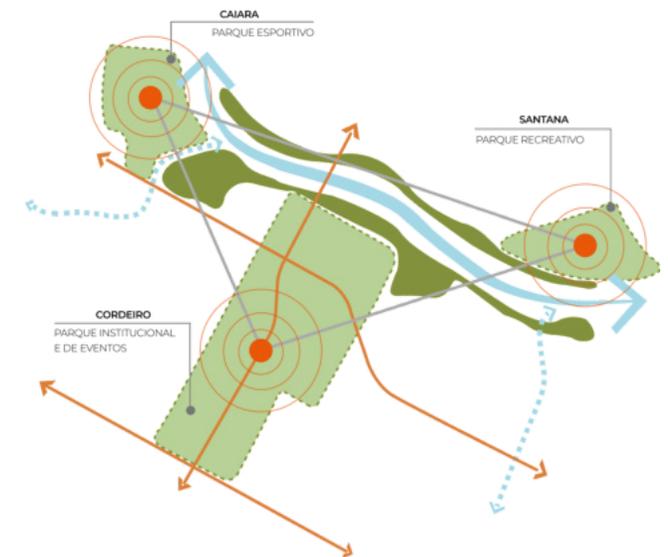


Figura 135: Mapa esquemático dos espaços livres e suas vocações.

Fonte: Elaboração Própria, 2023.

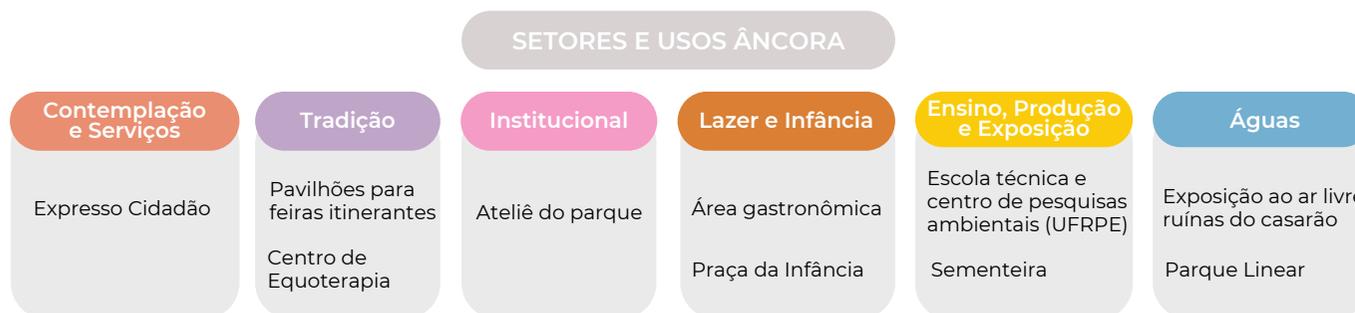
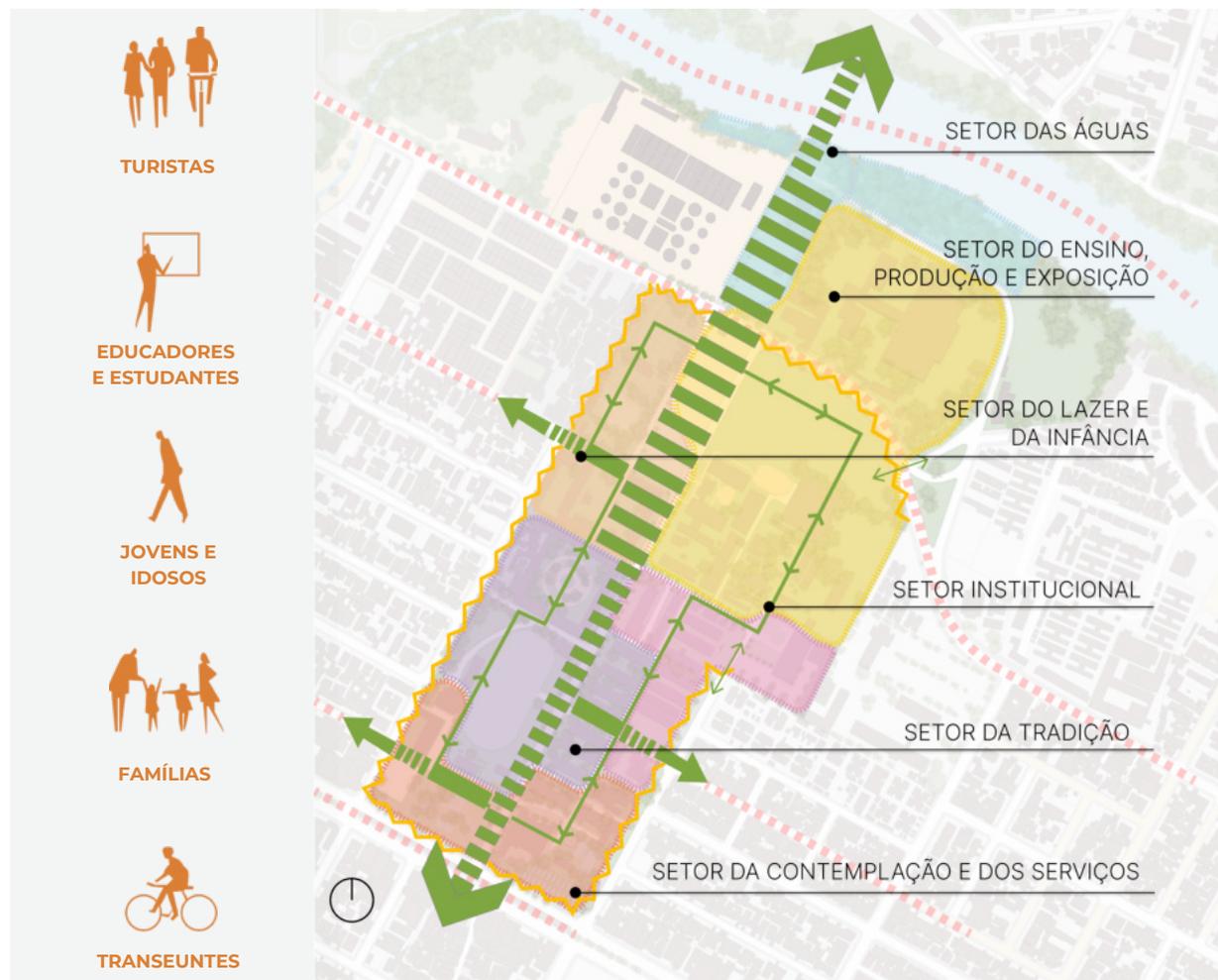


Figura 136: Esquema dos setores do parque e usos âncora a eles relacionados.

Fonte: Elaboração Própria, 2023.



### 4.3. ESTRUTURA CONECTORA - ABRINDO AS PORTAS DA CAXANGÁ E DO CAPIBARIBE

Após a leitura sensível do local, planejamento das demolições e zoneamento funcional com a distribuição de usos âncora responsáveis pela dinamização e criação de pontos de interesse em cada



Figura 137: Diagrama de zoneamento funcional, atividades propostas e ampliação de público-alvo. Fonte: Elaboração Própria, 2023.

da porção do parque, partiu-se para os estudos de traçado (Figuras 138 a 144) com a definição de novos acessos - sociais e de serviço -, de forma a facilitar a entrada no parque à partir de diferentes pontos no seu entorno, contemplando não só avenidas, mas também vias locais.



Figura 138, 139 e 140: Processo de trabalho mostrando produtos de assessoramentos e dos estudos dos eixos de força e recantos propostos. Fonte: De autoria própria, 2023.

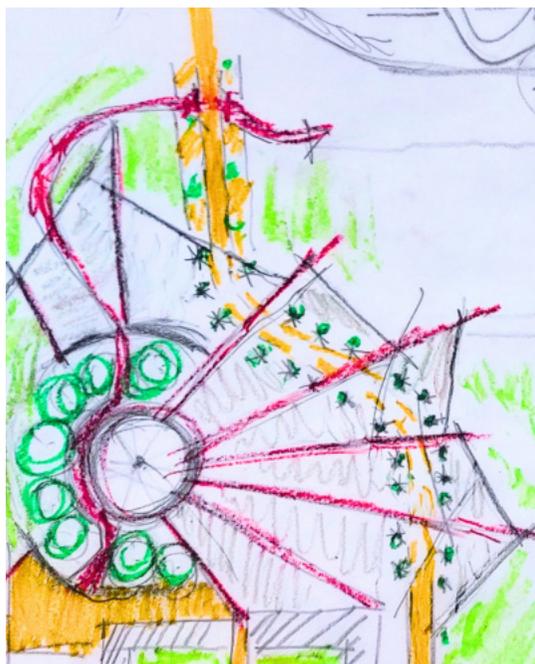
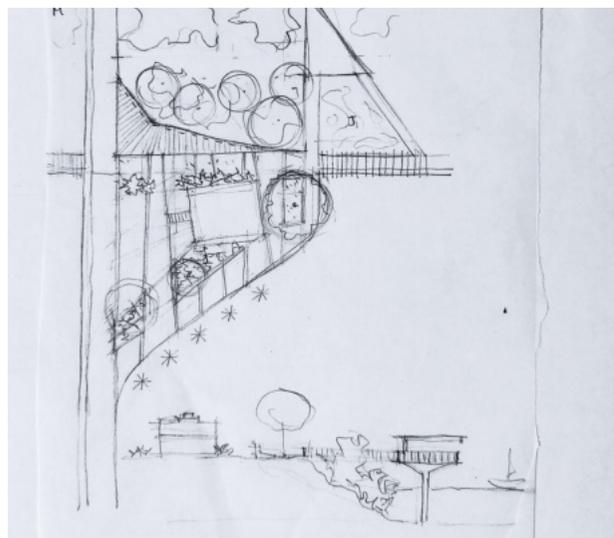
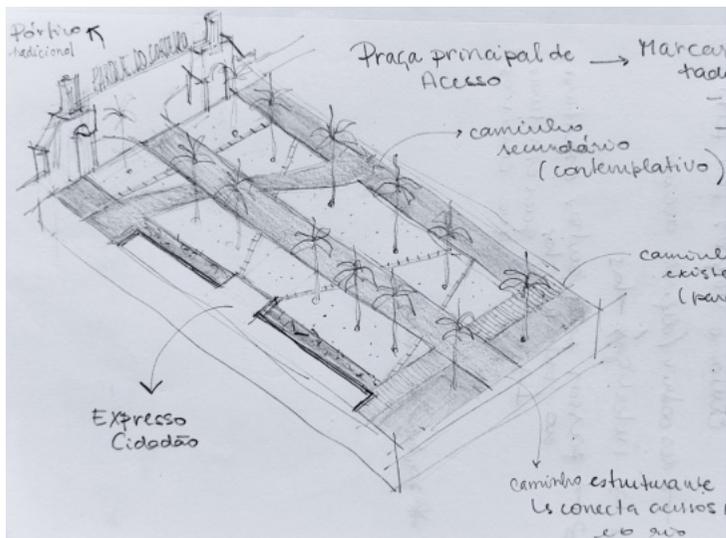


Figura 141, 142, 143 e 144: Ampliação dos estudos para setores específicos  
Fonte: De autoria própria, 2023.

## TRAÇADO, COMUNICAÇÃO E MATERIAIS DE TRATAMENTO DOS PASSEIOS PROPOSTOS

Nos acessos sociais existentes e propostos (Figura 145, setas na cor vermelha) foram planejadas praças de entrada (Figura 145, em amarelo) em fulget drenante – material sem juntas feito com resinas misturadas com pedriscos – com canteiros para a vegetação existente, essas praças seriam interligadas entre si e aos usos existentes e propostos por caminhos secundários ondulantes de caráter contemplativo. Conforme já enunciado, também buscou-se valorizar o caminho central já marcado pelas palmeiras ao torná-lo a centralidade linear responsável por fornecer um percurso objetivo que une as linhas de força da paisagem e amarra todos os atributos paisagísticos, juntamente com caminhos secundários, estimulando a fruição pública e facilitando a orientação no local.

Para além destes também foram propostas novas vias de distribuição (Figura 145, em bege) responsáveis por conectar edifícios e fazer conexão direta entre o eixo e as fronteiras, para as vias existentes desta natureza foi proposta a requalificação. Além disso, quanto ao serviço, foi criada uma nova via em paralelepípedo que contempla dois acessos de serviço (Figura 145, setas na cor magenta), um deles voltado para a área de descarga da feira e para o galpão de exposição mantido e o outro destinado a Sociedade Nordestina de Criadores (SNC).

Também, devido a característica do espaço ser voltada para eventos viu-se a necessidade de distribuir mais zonas de estacionamento dentro do perímetro de intervenção (Figura 145, em tracejado) – para além das existentes também marcadas –, assim foram escolhidos pontos de fácil acesso e que não prejudicassem as visadas do local, como ocorre atualmente com o estacionamento do Banco do Brasil locado na principal testada do terreno.

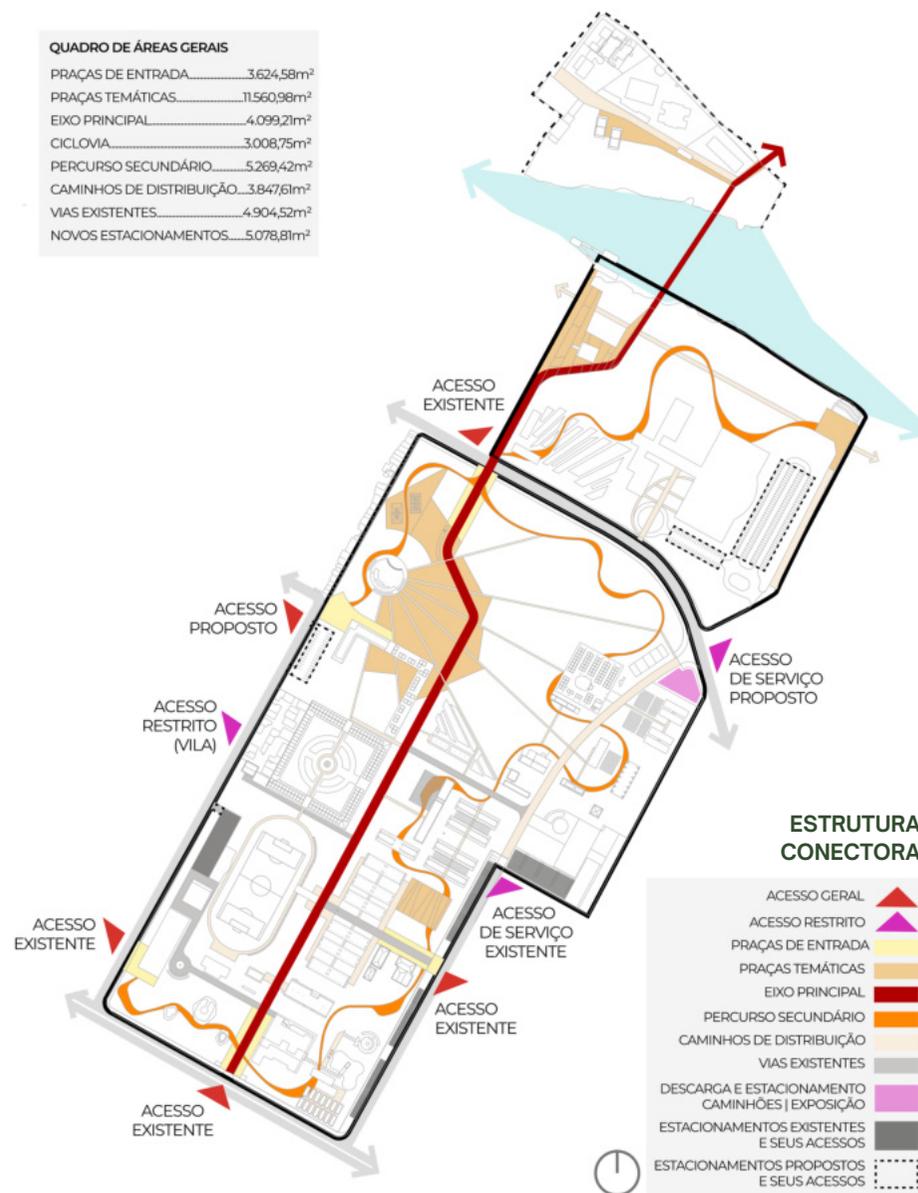


Figura 145: Diagrama da estrutura conectora. Fonte: Elaboração Própria, 2023.

Dito isso, para melhor entendimento, as características de cada um dos caminhos supracitados ficam descritas e listadas a seguir (Figuras 146 e 147).



Figura 146 e 147: Perspectivas esquemáticas demonstrando interação entre os caminhos.

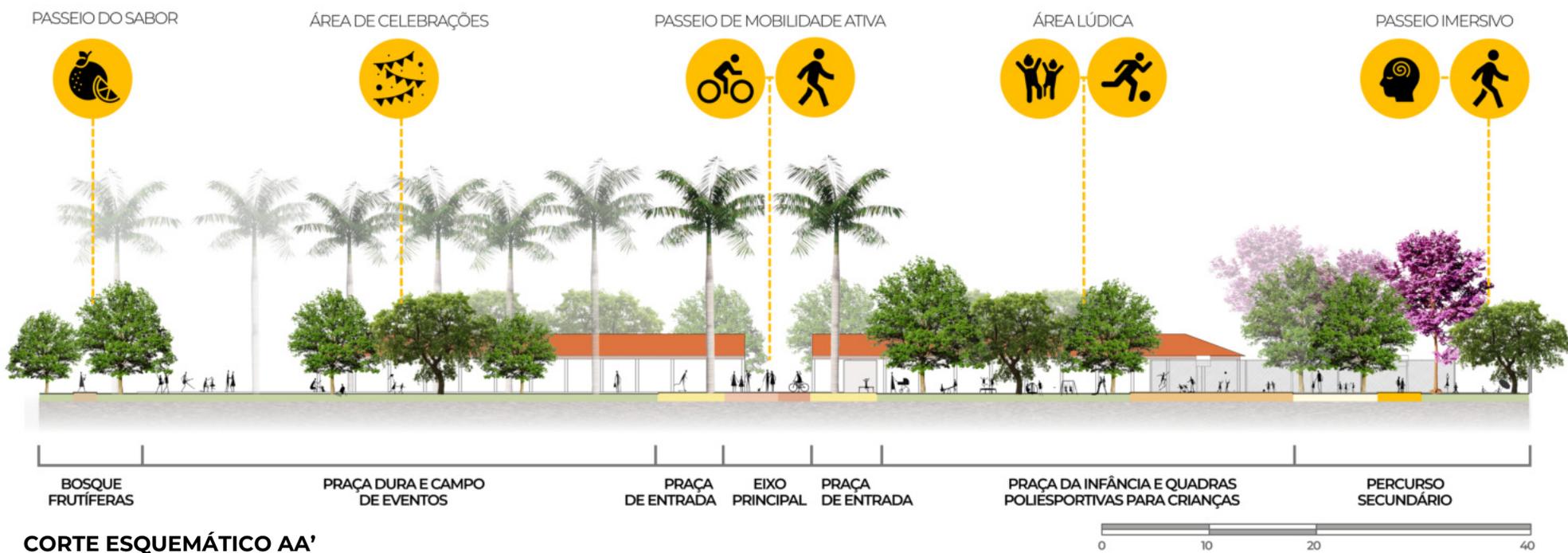
Fonte: De autoria própria, 2023.

**Eixo Principal (8m):** O principal e histórico caminho definido por palmeiras imperiais corta o parque de forma longitudinal, uniforme e objetiva. O passeio para pedestres (4,5m) deve ser pavimentado em blocos grandes de intertravado na cor terracota, ao seu lado também há uma ciclovia bidirecional (3,5m) em concreto pigmentado vermelho moldado in loco, a qual interliga-se com a ciclovia da Av. Maurício de Nassau e segue até o bairro do Poço da Panela através da ponte de mobilidade ativa, a rota é permitida pela flexão do caminho que recupera a antiga relação do parque

com o Casarão do Engenho do Cordeiro. Junto aos acessos do parque cortados por essa via, nas praças de entrada, também é proposta a locação de mobiliário - bancos, bicicletários, iluminação cênica e lixeiras - de forma a criar um agradável espaço de convite.

**Percurso Secundário (2m):** A serpentina sinuosa de caráter contemplativo tem a função de quebrar com a ortogonalidade do traçado do parque e interligar todas as praças de acesso e os usos afastados do eixo principal. Esse percurso ora mantém o tamanho base enunciado, ora se abre em recantos de 5m a 10m de largura para constituir espaços intermediários de acolhida, essas pausas possuem diferentes características ao longo do parque, podendo estar relacionadas a edifícios ou constituir espaços de contemplação com mobiliário urbano de estar - bancos, mesas, espreguiçadeiras ou redários.

Figura 148: Corte esquemático AA'.  
Fonte: De autoria própria, 2023.

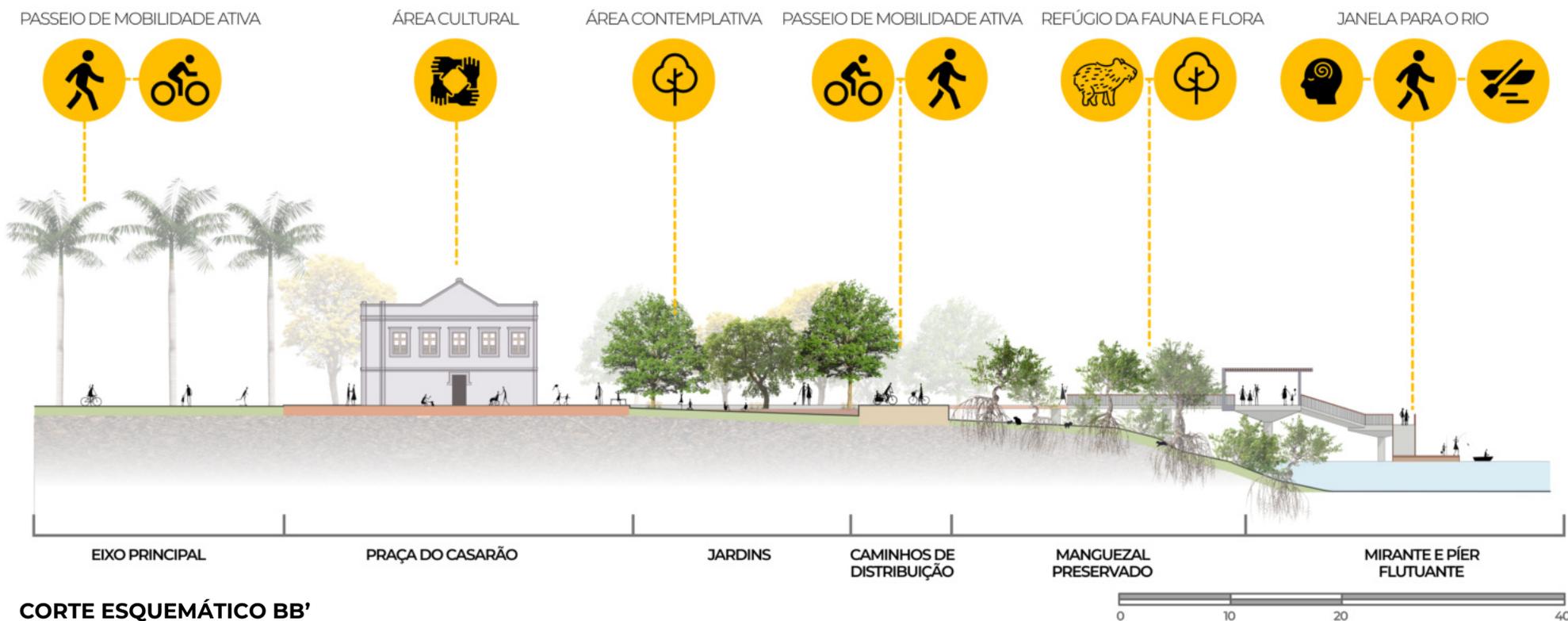


CORTE ESQUEMÁTICO AA'

**Caminhos de distribuição e vias existentes (variável):** Em sua maioria vias existentes preservadas – com 7m de largura e pavimentação original em paralelepípedo, propõe-se também uma cobertura central em concreto liso para acessibilidade conforme foi feito no Sesc Pompeia (Figura 150) – que conectam o caminho secundário ao eixo principal ou dão acesso à edificações. Dentre as vias propostas que se encaixam nessa classificação pode-se destacar duas naturezas diversas, em saibro os caminhos imersos na área de campo próxima ao pomar e em fulget drenante natural os novos trajetos de acesso às construções e os caminhos retilíneos do setor das águas. Neste último setor também estão dispostas janelas para o rio com pisos em deck de madeira tratada resistente à água e acabamento fosco.

Figura 149: Corte esquemático BB'.

Fonte: De autoria própria, 2023.



## Figura 150: PAINEL RESUMO DOS MATERIAIS PROPOSTOS DIRETRIZES GERAIS

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados abaixo, 2023.

### INTERTRAVADO TERRACOTA

dim (0.40 × 0.20m)



FONTE: BloCasa, 2018.

Eixo principal e vias  
próximas ao rio

### CONCRETO PIGMENTADO

tom vermelho



FONTE: Archdaily, 2020.

Ciclovia e praça do  
casarão

### CONCRETO PIGMENTADO

tom laranja



FONTE: Freepik, s.d.

Percurso secundário  
e praças internas

### CONCRETO PIGMENTADO

tom ocre



FONTE: Freepik, s.d.

Arremates da  
praça de eventos  
e caminhos de  
distribuição

### PEDRA MINEIRA

tom bege



FONTE: DecorPedras, 2016.

Praça de eventos

### CONCRETO LISO

tom natural



FONTE: Arthé criações, 2015.

Trechos de vias  
existentes em  
paralelepípedo

### FULGET DRENANTE

tom amarelo



FONTE: Viva Decora, 2021.

Praças de entrada

### FULGET DRENANTE

tom canela



FONTE: SODIMAC, s.d.

Acessos aos  
edifícios

### SAIBRO ESTABILIZADO

tom terroso



FONTE: GlobalPav, s.d.

Caminhos de  
distribuição no  
campo de eventos

### RÉGUAS DE MADEIRA

sobre estrutura de  
concreto pré-moldado



FONTE: Archdaily, 2020.

Pier flutuante e  
mirante

Assim, percebe-se que a proposta priorizou a escolha de materiais permeáveis como o intertravado e o fulget drenante, além de manter bastante da pavimentação original em paralelepípedo. A proposição de uma rede de caminhos e zoneamento corrobora para a requalificação e incremento da estrutura conectora do parque e a integração e valorização desse espaço mas, para orientação, ainda é necessário que haja a implementação de comunicação visual para guiar os transeuntes nesse grande espaço. Para isso é sugerida a presença não só do mapa do parque junto à tradicional entrada principal e administração deste, mas também a instalação de placas de sinalização, chamativos totens de orientação e pequenos mapas de setor próximo dos acessos propostos em cada uma das zonas, a exemplo das referências a seguir.



Figura 151 e 152: Referência do mapa do Cais da Vila Vintém (Recife) em aço corten e placas de sinalização da marca mmcité.  
Fontes: Wagner Ramos/Prefeitura do Recife e MMCité.

A distribuição das placas de sinalização (Figura 152) se dará de maneira uniforme ao longo do eixo principal e percurso secundário, os totens devem ser instalados principalmente em cruzamentos e nas chegadas previstas, por fim, os mapas geral e de setores estarão localizados sempre próximo às entradas, de forma a instruir o transeunte assim que adentrar o espaço.

## 4.4. PLANO GERAL E USOS PROPOSTOS

Assim, da busca pelo equilíbrio entre a tradição, dos anseios da contemporaneidade e com atenção ao papel do local no sistema reinterpreta-se o espaço em estudo como um parque de temática agrourbana, compreendendo-o como uma área de ensino e lazer que, com o calendário de eventos adequado e a ampliação programática explicada a seguir (Figura 153), eduque os habitantes da cidade sobre produção e sustentabilidade servindo tanto como laboratório, como exposição da forma como se dá a produção.



Figura 153: Vista voo de pássaro da proposta inserida no entorno.

Fonte: Elaboração própria a partir de imagem de Satélite do Google Earth, 2023.

## Setor da Contemplação e dos Serviços



Figura 154: Ampliação setor da contemplação e dos serviços proposto.

Fonte: De autoria própria, 2023.

É necessário ordenar os fluxos e valorizar a zona que hoje é a mais movimentada do parque, devido à sua proximidade com a Avenida Caxangá - via onde deve ser incentivada a arborização no canteiro central - e à presença de serviços como o Posto de Atendimento VEM e o Banco do Brasil. Assim, completando esses usos propõe-se reativar o Expresso Cidadão, um edifício âncora que atrai pessoas de diversas localidades e que é desejado pela comunidade. Essa área abrigará também a administração principal do parque, a ser instalada em uma edificação que existe desde a década de 1940. Por fim, para destacar os aspectos paisagísticos deste espaço, planeja-se criar um percurso contemplativo que percorre o jardim das mangueiras até o recanto das águas, com mobiliário urbano para áreas de descanso e contemplação próximas aos espelhos d'água, ao lago e à futura fonte com espécies aquáticas ornamentais, substituindo os tanques vazios. É importante que nessa zona também localize-se o mapa do parque próximo a entrada principal, que também terá seu pórtico tradicional requalificado.



Figura 155 e 156: Modelagem do jardim das mangueiras e do lago no setor da contemplação e dos serviços.

Fonte: De autoria própria, 2023.

### Setor da Tradição

Neste setor se encontram a maioria das estruturas antigas do parque, as quais pretende-se restaurar e conservar. A proposta visa a adaptar esses espaços para uma utilização multifuncional ao longo do ano, convertendo a pista de desfile e julgamento em uma arena polivalente, adequada para eventos diversos e para uso diário como campo de futebol society, mantendo sua função original durante exposições agropecuárias. Os pavilhões que atualmente funcionam apenas durante a feira serão permanentemente alterados para a realização de feiras itinerantes, expandindo o espaço para a feira agroecológica existente no parque e permitindo sua locação para eventos com feiras temáticas.



Figura 157 e 158: Modelagem das cavalariças, pavilhões e seus monumentos no setor da tradição.

Fonte: De autoria própria, 2023.



Figura 159: Ampliação setor da tradição proposto.  
Fonte: De autoria própria, 2023.

Já durante a exposição agropecuária, esses pavilhões irão abrigar uma feira de exposição de agricultura familiar em vez de animais, visto que na atualidade entram em conflito com a feira de artesanato. Na área das antigas cavalariças, por sua vez, propõe-se a reinstalação do centro de equoterapia (via convênio com a Secretária Estadual de Saúde), bem como um centro administrativo para esse serviço em uma edificação próxima. Por fim, essa zona ainda abriga as moradias dos antigos funcionários, mantida sem comunicação direta com o parque, diante disso, planeja-se remover da Vila do Parque 8 habitações insalubres (com menos de 40m<sup>2</sup>) e realocar os moradores para terrenos dentro do recorte. Outras melhorias incluem saneamento ambiental, arborização dos espaços livres e aprimoramento dos acessos à área.

## Setor Institucional



Figura 160: Ampliação setor institucional proposto.

Fonte: De autoria própria, 2023.

Nessa zona localiza-se o edifício da Sociedade Nordestina de Criadores, o qual conta com auditório e salas de escritórios, propõe-se nesse setor a reforma das edificações ociosas existentes para comportar as associações de criadores anteriormente dispersas no parque, dessa forma conformando a 'Casa do Produtor' a qual irá dispor de salas para cada uma das organizações em funcionamento e uma área externa destinada a comportar seus eventos. No parque institucional também localiza-se a Associação dos Portadores de Parkinson de Pernambuco, mantida no mesmo espaço, e sugere-se, em edifício anteriormente subutilizado, o remanejamento da ASSEPRA, a qual provém atendimento médico diário aos servidores.



Figura 161 e 162: Modelagem demonstrando ateliê do parque, casa do produtor e redários no setor institucional.

Fonte: De autoria própria, 2023.

Nos pavilhões dessa área, por serem mais recentes é proposta sua conversão no espaço do 'Ateliê do Parque' em formato similar a iniciativa dos Ateliês COMPAZ, os quais dispõe aulas de capacitação para geração de renda vinculados ao programa Qualifica Recife, no parque propõe-se oficinas de marcenaria/carpintaria (bloco I) e cerâmica (bloco II). Por fim, nessa zona também localiza-se o redário, espaço de estar que dá continuidade ao primeiro setor, permeando todo o parque com áreas de convivência e contemplação.

### Setor do Ensino Produção e Exposição



Figura 163 e 164: Modelagem demonstrando sementeira, área de eventos, pavilhão do meliponário e campos de flores no setor do ensino, produção e exposição.

Fonte: De autoria própria, 2023.

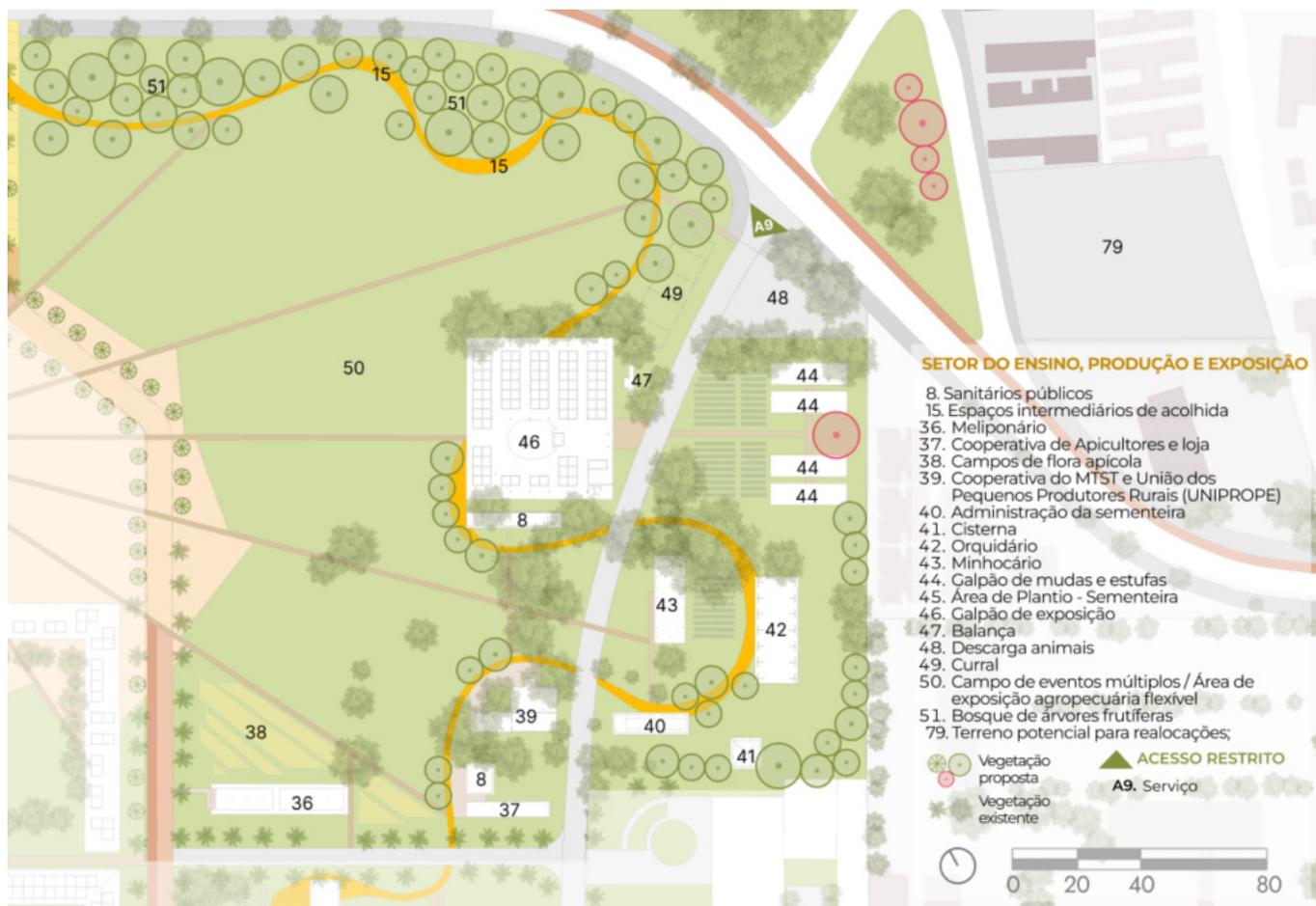


Figura 165: Ampliação de trecho do setor do ensino, produção e exposição proposto.

Fonte: De autoria própria, 2023.

Essa é a maior área e dá conta de resgatar as premissas de pesquisa e divulgação do conhecimento na produção presentes na gênese do parque. Assim, reincorpora-se ao parque o trecho do terreno cedido para o Hospital do Fígado, convertendo sua estrutura inacabada em uma Escola Técnica e Centro de Pesquisa Ambiental vinculados à Universidade Federal Rural de Pernambuco, instituição ligada à história deste espaço pela figura do ex-reitor que o fundou.

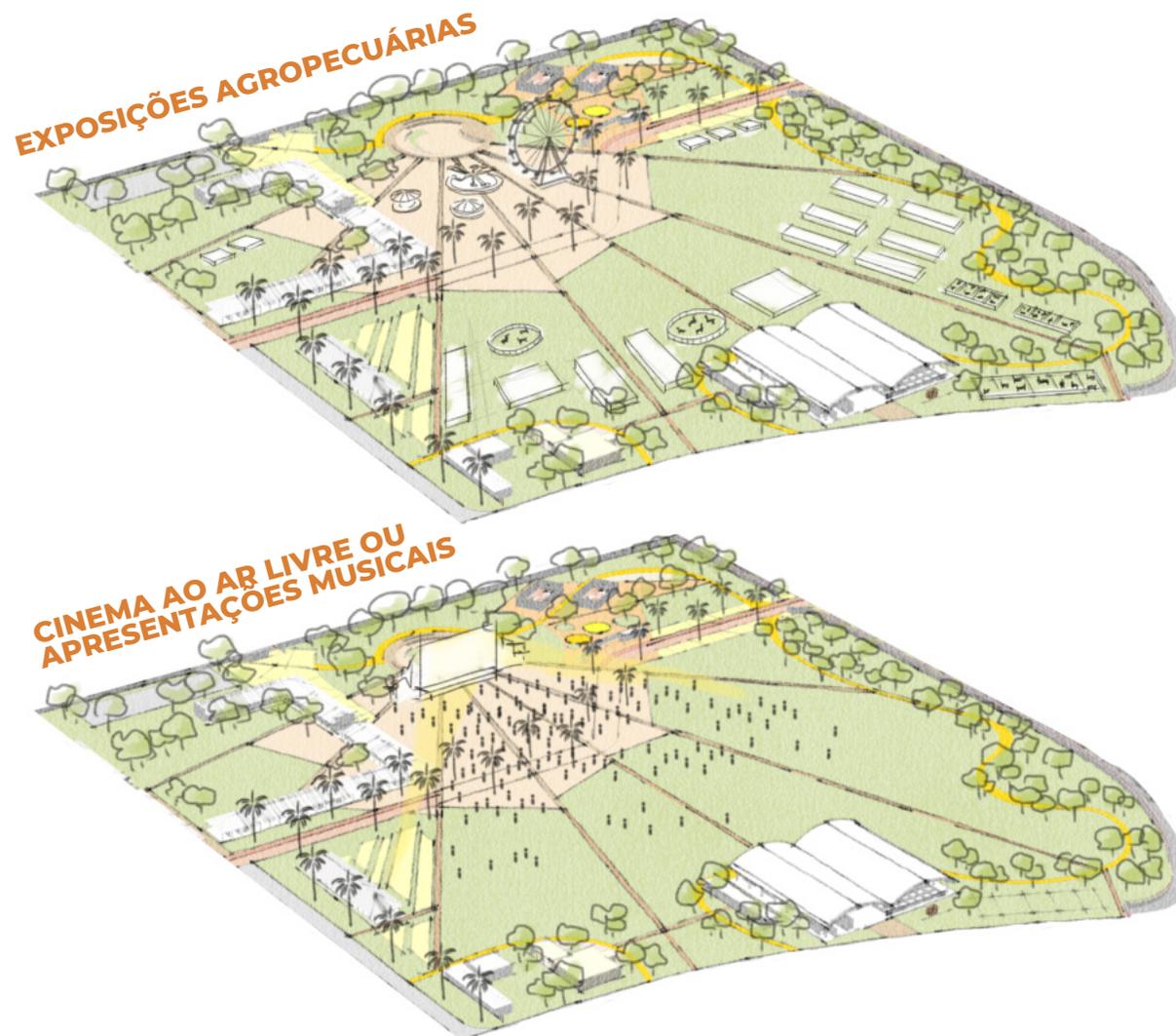


Figura 166: Croqui exemplificando uso flexível do campo de eventos proposto.

Fonte: De autoria própria, 2023.

Como parte dessa unidade indica-se a manutenção de uma extensa área livre a qual pode receber o público durante eventos culturais e também deve suprir a demanda por espaços para exposição de animais, os quais devem ser instalados de modo flexível, ocupando o parque apenas em seu período de duração e evitando o adensamento produzido por construções fixas

subutilizadas. Ademais, usos existentes serão mantidos, como a sementeira, a qual será ampliada, abrindo mais espaço para preparação de mudas e instalação de um minhocário e um orquidário propostos. No pavilhão próximo a cooperativa de apicultores e a loja apícola a ela associada é sugerida a instalação de meliponários para a criação e exposição perene de abelhas nativas sem ferrão, além da indicação de flora apícola em todo o parque.



Figura 167: Ampliação de trecho do setor do ensino, produção e exposição proposto.

Fonte: De autoria própria, 2023.

Ainda nessa zona foi indicada a instalação de uma horta comunitária experimental próximo a estrutura da Escola Técnica e Centro de Pesquisas, com a construção de um pavilhão para armazenamento de ferramentas e edifício de administração. Por fim, destaca-se a proposição

de um pomar com espécies frutíferas, que podem ser visitadas pelos transeuntes, além de sanitários, ponto de embarque e desembarque e estacionamentos voltados para a via Maurício de Nassau.

## Setor do Lazer, cultura e infância



Figura 168: Ampliação do setor do lazer, cultura e infância proposto.

Fonte: De autoria própria, 2023.

Devido a identificação do espaço estudado como parte da infância da população ouvida, destinou-se uma área voltada especificamente para a primeira infância e que deve dispor de artigos chave - conforme visto em Jacobs (2011) quadras esportivas e brinquedos - voltados para essa faixa etária que carece de espaços específicos na região estudada. Além da praça da infância, visto que durante a feira ocorrem apresentações culturais e é montado um pequeno parque de diversões, nessa zona também se localiza uma área livre com piso duro destinada ao uso efêmero, a qual pode ser apropriada por outros eventos ao longo do ano e contará com fonte interativa próximo à zona infantil.



Figura 169 e 170: Modelagem demonstrando vista voo de pássaro da praça de eventos, anfiteatro, quadras infantis e espaço gastronômico e vista do observador mostrando proposta para o acesso ao eixo principal no setor da cultura, lazer e infância. Fonte: De autoria própria, 2023.

As cavaliças da década de 1980 que ladeiam esse espaço, devido a sua subutilização mesmo durante a feira, serão convertidas em boxes comerciais para a criação de um abrigo e um espaço gastronômico do local. O restaurante do parque também foi realocado para essa área e receberá uma nova edificação sede, estrategicamente próxima ao novo acesso proposto para facilitar o reconhecimento desse local. Por fim, na área circular do antigo mostrador de julgamento em estado ocioso, sua geometria foi aproveitada para proposição de um anfiteatro a fim de receber atividades culturais.

## Setor das Águas

Visto que essa é uma área com pouca visibilidade do rio Capibaribe, faz-se necessária a criação de aberturas na densa vegetação que permitam acesso ao rio e às ruínas do Casarão do Engenho do Cordeiro, também viabilizando o trajeto nas margens. Além de fins educacionais, a

proposta inclui a construção de varandas à beira do rio, um píer flutuante para passeios de barco e a integração com bairros por meio de uma ponte para pedestres - essa última já sugerida nas diretrizes do Projeto Parque Capibaribe. Por fim, propõe-se a recuperação das ruínas do Casarão e atribuição do uso de museológico ao ar livre, como um memorial do parque, necessidade essa apontada pelos organizadores do local, que tem o interesse de mostrar a história do lugar e seu valor para a promoção agropecuária. Assim, consolida-se um espaço de estar contemplativo e aproximação da natureza, com uma zona de mangue para preservação da fauna e caminhos em meio a jardins.



Figura 171: Ampliação do setor das águas proposto.

Fonte: De autoria própria, 2023.



Figura 172 e 173: Modelagem demonstrando ruínas do casarão com exposição ao ar livre e o mirante e píer flutuante no setor das águas.  
Fonte: De autoria própria, 2023.

As funções indicadas nos setores supracitados, além de seguirem critérios técnicos, também consideram a preferência dos moradores e transeuntes consultados com a presença de espaços para o público infantil, para prática de esportes e exercícios, de educação, locais propícios para realização de eventos e feiras variados, disponibilidade de zonas de lazer contemplativo e para alimentação, além da melhoria na infraestrutura e provisão de mobiliário disperso ao longo de todo o parque.

Apesar da multiplicidade de atividades descritas, entende-se que o espaço não se sustentará sem uma gestão adequada, portanto, diante do quadro atual de falta de recursos e verba específica para manutenção do local recomenda-se uma parceria do Estado com a Prefeitura do Recife a fim de que esses serviços fiquem a cargo da Empresa de Limpeza e Manutenção Urbana (EMLURB), a qual já tem essa atribuição para os demais parques da cidade. Além disso, recomenda-se a conversão da verba arrecadada com cobrança de estacionamento para as necessidades administrativas e de segurança do espaço.

Ainda sobre o gerenciamento do local, é necessário que os administradores atuem na elaboração de um calendário anual de eventos, com atrações mensais que mantenham o parque vivo com a promoção de festas populares como São João e outras comemorações voltadas ao universo rural através da realização de festivais que reúnam produtores e consumidores, mas também com celebrações fora da temática, conforme já ocorria anteriormente, como shows musicais, dia das crianças, natal no parque e outros eventos que reúnam apresentações, brinquedos e oficinas.

Além da organização de outros eventos de exposição no formato de feiras periódicas como a feira da agricultura familiar e o feirão da “sulanca”. Todas essas ações devem ser respaldadas por campanhas de engajamento da população a fim de movimentar o local e ampliar sua influência, atraindo pessoas de toda região metropolitana, assim como ocorre durante a Exposição de Animais e Produtos Derivados.

## COMPOSIÇÃO VEGETAL

Partindo para o planejamento da vegetação, através da observação e do levantamento florístico preliminar do local percebeu-se que atualmente há uma grande quantidade de espécies exóticas no local, assim, a principal diretriz para formulação da paleta vegetal do parque é a introdução de espécies nativas no local, tomando como base as diretrizes do PURA (INCITI/UFPE, 2020). Além disso, propõe-se o manejo e transplante das espécies venenosas existentes, as quais são inadequadas para este ambiente devido a presença de animais e crianças. Também, em resposta para a atual situação de conflitos entre fiação e arbóreas, propõe-se o embutimento das redes aéreas de energia elétrica e iluminação existentes e propostas em todo o perímetro de intervenção, proporcionando também uma melhoria estética do local que sofre com a poluição visual da fiação.

Ainda, propõe-se a incorporação tanto de mais espécies arbóreas de copa densa para prover um passeio ameno e sombreado ao longo dos novos percursos propostos como também espécies arbóreas com potencial floral - como Ipê rosa (*Tabebuia rosa*), Mungulu (*Erythrina velutina*) e Cássia rosa (*Cassia grandis*) - próximo aos novos acessos e em espaços de destaque, a fim de chamar atenção dos visitantes e atribuir um caráter especial à essas áreas. Além da proposição de diversas espécies arbóreas frutíferas para o bosque ao longo do percurso secundário no setor do ensino, produção e exposição.

Outras espécies ornamentais arbustivas e de forração também foram selecionadas para os jardins e também para compor espaços distribuídos ao longo de todo o parque, a fim de criar um ambiente contemplativo. Nesse meio ainda foram incluídas plantas aquáticas para o lago e espelhos d' água, trepadeiras para as pérgolas e também espécies caracterizadas como flora apícola, visando de ampliar o espaço dos polinizadores para além dos temáticos campos de girassol próximos ao meliponário proposto.

Por fim, propõe-se o replantio de palmeiras imperiais nas áreas em que as palmeiras originais pereceram ou foram substituídas por coqueiros, com o intuito de manter a monumentalidade do eixo principal e sua característica histórica.



Figura 174: Diagrama de vegetação proposta. Fonte: De autoria própria, 2023.

## Figura 175: PAINEL RESUMO DA VEGETAÇÃO PROPOSTA DIRETRIZES GERAIS

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados abaixo, 2023.

### MASSA ARBÓREA



FONTE: Sítio da Mata s.d.



FONTE: GreenNation s.d.



FONTE: HortoExpress s.d.



FONTE: Sítio da Mata s.d.



FONTE: Ceplag s.d.



FONTE: Eliário Santos, 2011.



FONTE: Doce Obra s.d.

### PALMEIRA

**AROEIRA**  
*Myracrodruon urundeuva*  
ALTURA: 8-20m

**JATOBÁ-PRETO**  
*Hymenaea courbaril L.*  
ALTURA: 15-20m

**MANJOLO**  
*Albizia polycephala (Benth.) Killip ex*  
ALTURA: 10-14m

**OITI**  
*Licania tomentosa*  
ALTURA: 8-15m

**PAU BRASIL**  
*Paubrasilia echinata*  
ALTURA: 12m

**CARAÍBA**  
*Tabebuia aurea*  
ALTURA: 12-20m

**PALMEIRA IMPERIAL**  
*Roystonea oleracea*  
ALTURA: 18-45m

### ARBÓREAS DE POTENCIAL FLORAL



FONTE: Semente Rara s.d.



FONTE: Mais Floresta Eco s.d.



FONTE: Jardinagem e Paisagismo s.d.



FONTE: Viveiro Cultura Ecológica s.d.



FONTE: João Medeiros/ Commons Wikipédia s.d.



FONTE: Agro em Dia, 2018.



FONTE: Royal Botanic Gardens Kew s.d.



FONTE: UNIRIO Herbario, s.d.



FONTE: TH Jardins s.d.

### CAMPOS E FLORA APÍCOLA

**UNHA DE VACA**  
*Bauhinia forficata*  
ALTURA: 4-10m

**IPÊ ROSA**  
*Handroanthus impetiginosus*  
ALTURA: 8-12m

**CASSIA ROSA**  
*Cassia grandis L.f.*  
ALTURA: 15-20m

**MULUNGU**  
*Erythrina velutina Willd.*  
ALTURA: 10-14m

**IPÊ AMARELO**  
*Handroanthus serratifolius*  
ALTURA: 20-25m

**GIRASSOL**  
*Helianthus annuus*  
ALTURA: 3m

**PERPÉTUA**  
*Centratherum punctatum*  
ALTURA: 0,3-0,9m

**FLOR DO GUARUJÁ**  
*Turnera subulata Sm.*  
ALTURA: 0,4m

**CORDAS DE VIOLA**  
*Ipomoea purpurea (L.) Roth*  
ALTURA: 2-3m

### ARBUSTIVAS, HERBÁCEAS E FORRAÇÕES



FONTE: A planta da Vez, 2020.



FONTE: Plante Pássaros s.d.



FONTE: Francisco Alba, 2018.



FONTE: Norma Arbelo/ Commons Wikipédia, 2010.



FONTE: Dounelka/ JardineiroNet s.d.



FONTE: Planta Sonya s.d.



FONTE: Sítio da Mata s.d.



FONTE: Áreas verdes das cidades, 2023.

**GRAMA AMENDOIM**  
*Arachis repens*  
ALTURA: 0,1-0,2m

**CASSIA DE PASTO**  
*Senna alata (L.) Roxb.*  
ALTURA: 1-3m

**TILÉSIA**  
*Tilisia baccata (L.) Pruski*  
ALTURA: 1-4m

**PAQUEVIRA**  
*Heliconia psittacorum L.*  
ALTURA: 1m

**BROMÉLIA CORAL**  
*Aechmea fulgens*  
ALTURA: 0,4-0,6m

**BROMÉLIA PORTO SEGURO**  
*Aechmea uglinosa*  
ALTURA: 0,4-0,6m

**FILODENDRO ONDULADO**  
*Philodendron undulatum*  
ALTURA: até 3m

**ORQUÍDEAS NATIVAS**  
*Orchis sp.*  
ALTURA: 0,3-0,5m

### POMAR



FONTE: Colecionando Frutas s.d.



FONTE: Minhas Frutas, 2017.



FONTE: Programa Arboretum s.d.



FONTE: Natureza Bela, 2011.



FONTE: Biologia da Paisagem, 2022.



FONTE: Juntos na Casa / UFRJ, 2021.



FONTE: Biologia da Paisagem, 2022.



FONTE: AQUALAG, s.d.

### ESPELHOS D'ÁGUA

**MANGABA**  
*Hancornia speciosa*  
ALTURA: 4-7m

**CAJÁ**  
*Spondias mombin L.*  
ALTURA: 10-20m

**CAJUEIRO**  
*Anacardium occidentale L.*  
ALTURA: 5-8m

**PITOMBA**  
*Talisia esculenta (Cambess.) Radlk.*  
ALTURA: 10m

**GOIABA**  
*Psidium guajava L.*  
ALTURA: 3-10m

**PITANGA**  
*Eugenia uniflora L.*  
ALTURA: 4m

**AGUAPÉ**  
*Pontederia cordata*  
ALTURA: 0,3 - 0,8m

**NINFÉIA NATIVA**  
*Nymphaea spp.*  
ALTURA: 0,4m

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse exercício investigativo e propositivo, apesar de ter sido iniciado como produto de culminância da graduação, nasceu de um interesse antigo no local que faz parte da infância e do cotidiano da presente autora enquanto moradora do entorno. De fato, a proximidade permitiu uma observação descompromissada de muitos anos, registrando na memória as transformações sofridas pelo espaço tema deste trabalho de conclusão de curso, por meio do qual sobrepôs-se um entendimento técnico dos problemas e potencialidades percebidos.

A presente pesquisa partiu da singularidade e pioneirismo deste lugar e, para aproximar-se de um dos primeiros parques do Recife, foi escolhida uma abordagem voltada para a requalificação e conservação dos seus atributos paisagísticos, visto que ele carece de estudos que revelem seu potencial e peculiaridades - conforme ficou claro durante o levantamento inicial pela dificuldade de encontrar informações gerais, dados históricos e registros iconográficos do local, fazendo-se necessário produzir o conteúdo exposto com base em visitas in loco, fotografias, leitura jornais antigos, relatos de fontes primárias e informações dispersas em diversas fontes secundárias. Ademais, a leitura do território em que o objeto se insere mostrou-se imprescindível para trabalhar na prática os conceitos relacionados aos espaços livres estudados durante a abordagem teórica, essa busca também evidenciou a força desse espaço - considerado marco urbano no bairro - e sua presença na memória coletiva das pessoas, assim tornando evidente a necessidade de preservação dele, ainda que não seja considerado patrimônio material.

Nesse sentido, reconhece-se a limitação dos estudos aqui apresentados em caráter acadêmico, contudo considera-se como etapa inicial para intervenção no local a proposição de diretrizes desenvolvidas com o exercício de paisagem, respeitando a história do local e os anseios da população. Dessa forma, espera-se contribuir através da construção de um conhecimento que a sociedade pode utilizar tanto para aprender mais sobre este objeto quanto para vislumbrar um caminho de reversão da situação atual de subutilização, o que traria benefícios educacionais, ambientais, urbanos e até socioeconômicos e de qualidade de vida. A proposta também ressalta a importância da articulação com o restante da cidade e com o meio natural identificado no entorno, inserindo o Parque do Cordeiro no sistema de espaços livres públicos com um papel singular, afinal, trata-se de um exemplar único que, com sua presença, conta uma parte da história de nossa cidade.

## REFERÊNCIAS

ALEPE - ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Daniel Coelho questiona construção de shopping no Parque de Exposições do Cordeiro**. Jusbrasil, Recife, 2011. Disponível em: <<https://al-pe.jusbrasil.com.br/noticias/2814132/daniel-coelho-questiona-construcao-de-shopping-no-parque-de-exposicoes-do-cordeiro>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

ANDREGHETTO, Leticia Buchanelli; ECKERT, Natalia Hauenstein. **Parque de Exposições para o município de Ajuricaba/RS**. Anais do XXII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão - Redes e Territórios, Cruz Alta/RS, 2017. Disponível em <[https://www.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2017/XXII%20SEMIN%20C%81RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202017%20-%20ANAIS/GRADUA%20C%87%20C%83O%20-%20TRABALHOS%20COMPLETOS\\_Ci%20C%AAncias%20Sociais%20e%20Humanidades/PARQUE%20DE%20EXPOSI%20C%87%20C%95ES%20PARA%20O%20MUNIC%20C%8DPIO%20DE%20AJURICABA.pdf](https://www.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2017/XXII%20SEMIN%20C%81RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202017%20-%20ANAIS/GRADUA%20C%87%20C%83O%20-%20TRABALHOS%20COMPLETOS_Ci%20C%AAncias%20Sociais%20e%20Humanidades/PARQUE%20DE%20EXPOSI%20C%87%20C%95ES%20PARA%20O%20MUNIC%20C%8DPIO%20DE%20AJURICABA.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2022.

BELLO, Rita de Cássia Guaraná. **Revisitando o Estado Novo, através das imagens da Grande Exposição Nacional de Pernambuco 1939-1940**. 2006. 121 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2006.

BESSE, J. M. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

BEZERRA, Afonso. **A história do Parque da Jaqueira: de sítio ao principal parque do Recife**. Curiosamente: Diário de Pernambuco, s.d. Disponível em: <<http://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/a-historia-do-parque-da-jaqueira-de-sitio-ao-principal-parque-do-recife/>>. Acesso em 18, janeiro de 2023.

DIARIO DE PERNAMBUCO. BNDIGITAL (Brasil): "**AS HOMENAGENS PRESTADAS ANTE-HONTEM AO MINISTRO DA AGRICULTURA**". Recife, jan. 1940. Diário de Pernambuco. p.11. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_12/272](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/272)>. Acesso em: 18 jan. 2023.

LAVOURA E CRIAÇÃO - PE. BNDIGITAL (Brasil): "**As novas instalações do Parque de Exposições da Secretaria da Agricultura de Pernambuco**". Recife, jan. 1949. Lavoura e Criação (PE). p.23. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/114200/1567>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

DIARIO DE PERNAMBUCO. BNDIGITAL (Brasil): "**EM DEZEMBRO A 1ª EXPOSIÇÃO NORDESTINA DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS**". Recife, set. 1941. Diário de Pernambuco. p. 5. Disponível em:<[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_12/6433](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/6433)>. Acesso em: 18 jan. 2023.

DIARIO DE PERNAMBUCO. BNDIGITAL (Brasil): "**FEIRA DE ANIMAES ANEXA Á GRANDE EXPOSIÇÃO**". Recife, set. 1939. Diário de Pernambuco. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_11/34860](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/34860)>. Acesso em: 18 jan. 2023.

O CAMPO - RJ. BNDIGITAL (Brasil): "**Realizada, com invulgar brilhantismo, a VI Exposição Nordestina de Animais**". Recife, jan. 1947. O Campo (RJ). p.17. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/083291/15611>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

DIARIO DE PERNAMBUCO. BNDIGITAL (Brasil): "**Comarca do Recife. Edital de Citação com prazo de quarenta dias**". Recife, fev. 1953. Diário de Pernambuco. p.8. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_13/14692](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/14692)>. Acesso em: 26 jan. 2023.

DIARIO DE PERNAMBUCO. BNDIGITAL (Brasil): "**Comarca do Recife. Edital de Loteamento de Terreno**". Recife, dez. 1949. Diário de Pernambuco. p.10. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_12/36716](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/36716)>. Acesso em: 26 jan. 2023.

DIARIO DE PERNAMBUCO. BNDIGITAL (Brasil): "**Sociedade de Imóveis e Representações LTDA apresenta Parque Brotherhood**". Recife, jan. 1948. Diário de Pernambuco. p.9. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_12/28736](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/28736)>. Acesso em: 26 jan. 2023.

CALLIARI, Mauro. **O Parque da Juventude: O poder da resignificação**. Projetos, São Paulo, n. 162.03, Vitruvius, jul. 2014 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/14.162/5213>>. Acesso em: 08, abr. de 2023.

CAVALCANTE, Carlos Bezerra. **O Recife e seus Bairros**. Recife: Camarim Minicipam Recife, 1998.

**Carta da Paisagem das Américas**. Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas Região Américas (IFLA-AR), Universidad Autónoma Metropolitana unidad Azcapotzalco (UAM-A). Cidade do México, 28 set. 2018. Disponível em: <<http://www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2021/09/CARTA-DA-PAISAGEM-DAS-AMERICAS.pdf>>. Acesso: 28 dez. 2022.

Conselho da Europa; **Convenção Europeia da Paisagem**, Conselho da Europa, 2000. Disponível em: <<https://www.coe.int/web/landscape>>. Acesso: 28 dez. 2022.

COSTA, F. A. Pereira da. **Arredores do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

COTA760. COTA SETE MEIA ZERO, 2022. **Parque da Cidade de Pindamonhangaba**. Disponível em: <<https://cota760.com.br/pcp-parque-de-pinda>>. Acesso em: 08, abr. de 2023.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014.

INCITI. **PURA - Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Parque Capibaribe, Tomo 4 - Parque**. Recife: INCITI/UFPE, 2020.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LEAL, Natacha Simeí. "**É de Agronegócio**": **Circuitos, relações e trocas entre peões demanejo, peões de rodeio e tratadores de gado em feiras de pecuária**. 2008. 174f. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-07042009-162728/publico/NATACHA\\_SIMEI\\_LEAL.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-07042009-162728/publico/NATACHA_SIMEI_LEAL.pdf)>. Acesso em: 16 jan. 2023.

LEÃO, Carolina. **Cidade: Fronteiras Urbanas**. Revista Continente, abr. 2012. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/136/cidade--fronteiras-urbanas>> Acesso em: 20 nov. 2022.

LYNCH, Kevin. **City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch** (Tridib Banerjee e Michael Southworth, editores), MIT Press, Cambridge, MA and London, 1990.

MATIAS, Marlene. **Os Legados das Exposições Universais e o Turismo**. 2015. 274 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3626>>. Acesso em 11, janeiro de 2023.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O bagaço da cana: Os engenhos de açúcar do Brasil holandês**. 1.ed. São Paulo: Penguin. Classics Companhia das Letras, 2012.

MOTTA, Marly. **Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil**. Atlas Histórico do Brasil FGV, [s.d.]. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/exposicao-internacional-do-centenario-da-independencia-do-brasil>>. Acesso em: 11, janeiro e 2023.

NASCIMENTO, Ana Carolina. **Revitalização do Parque de Exposições Getúlio Ferrari de Campo Mourão**. Orientador: Paulo Lima. 2015. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Arquitetura e Urbanismo. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba. 2015. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/7574>. Acesso em: 31, julho de 2022.

NETA, Maria Amélia Vilanova. Geografia e Literatura: **Decifrando a Paisagem dos Mocambos do Recife**. Orientador: Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: UFRJ/IGEO/PPGG, 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia). Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/16/teses/649864.pdf>>. Acesso em: 31, jul. de 2022.

**NÓS SOMOS A PAISAGEM: como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem**. Florence: Giunti Progetti Educativi, 2012. 37p.

**NOVO parque ainda é sonho**. Jornal do Commercio Online, Recife, 16 fev. 2013. Urbanismo. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/02/16/novo-parque-ainda-e-sonho-73518.php>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

RAMOS, Cecília. **O misterioso caso do shopping na Caxangá**. Jornal do Commercio Online, Recife, 25 out. 2011. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2011/08/25/o-misterioso-caso-do-shopping-na-caxanga--14018.php>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

**PARQUE de Exposição será a "nova Jaqueira"**. Jornal do Commercio Online, Recife, 10 nov. 2011. Urbanismo. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2011/11/10/parque-de-exposicao-sera-a-nova-jaqueira-21775.php>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PROVENZANO, Thaís. **Parque de exposições: reestruturação, parque urbano e parque modelo**. Orientador: Nelson Vaz. 2003. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Arquitetura. Centro Tecnológico. Universidade Federal de Santa Catarina, Concórdia. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217161>. Acesso em: 31, julho de 2022.

REYNALDO, A.; REYNALDO, M. A. P. **Origem da expansão do Recife: divisão do solo e configuração da trama urbana**. A: Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo. "V Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Buenos Aires, junio 2013". Barcelona: DUOT, 2013, p. 877-890. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2099/14495>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SÁ CARNEIRO, A. R. **Parque e Paisagem: um olhar sobre o Recife**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SÁ CARNEIRO, A. R. **Quinta Porta: o projeto do jardim como paisagem**. In: VERAS, L. et al. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo: Cidade Paisagem. Recife/João Pessoa: CAU PE/ Patmos, 2017.

SÁ CARNEIRO, A. R. e MESQUITA, L. B. **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SAMPAIO, Gustavo. (2022). **Espaços de consenso – propaganda, política e arquitetura nas exposições nacionais getulistas**. PosFAUUSP. 29. e161012. 10.11606/issn.2317-2762.posfauusp.2022.161012.

SANTOS, Leticia. **Proposta de reestruturação do parque Paulo Nicolau Almeida em um parque urbano em Lagarto – SE**. Orientador: Márcio Pereira. 2018. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras. 2018. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/10200>. Acesso em: 31, jul. de 2022.

SCALISE, W. **Parques Urbanos: evolução, projeto, funções e uso**. Assentamentos Humanos, Marília-SP, v. 4, n. 1, p. 17-24, 2002. Disponível em: [https://e2c2a1d0-2fed-4935-ab59-219d2784141d.filesusr.com/ugd/f492c5\\_3567cba986d94b9c9c608b75d041e8a4.pdf](https://e2c2a1d0-2fed-4935-ab59-219d2784141d.filesusr.com/ugd/f492c5_3567cba986d94b9c9c608b75d041e8a4.pdf). Acesso em: 03 jan. 2023.

SILVA, Carlos Gomes da. **A Festa na Exposição Agropecuária de Araçatuba/Sp**. In: VII Semana de Geografia e II Encontro de Estudantes de Licenciatura em Geografia, 2006, Araçatuba. Anais [...] Araçatuba: Universitário Toledo de Araçatuba, 2006. p. 14 – 29. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/50/o/cesar\\_pdf.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/50/o/cesar_pdf.pdf). Acesso em: 10, jan. de 2023.

SILVA, Jamile. **Proposta de implantação de um parque urbano no atual Parque de Exposições Ministro Neysson Paulinelli em Bambuí-MG**. Orientador: Clésio Lemos. 2016. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Arquitetura, Universidade Federal de Fortaleza, Fortaleza. 2016. Disponível em: <https://repositorioinstitucional.unifort.edu.br:21074/xmlui/handle/123456789/407>. Acesso em: Acesso em: 12, jul. 2022.

SOA ARCHITECTES. SOA Archi, 2012. **Parc des Dondaines**. Disponível em: <https://soa.archi/fr/urbanisme-agricole/article/parc-des-dondaines>. Acesso em: 08, abr. 2023.

SOBRAL, João. **Histórias do Recife: o sucesso da Fecin em dois locais**. Diário de Pernambuco, 2021. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/opiniao/2021/06/historias-do-recife-o-sucesso-da-fecin-em-dois-locais.html>. Acesso em 18, janeiro de 2023.

TARDIN, Raquel. **Espaços livres: sistema e projeto territorial** / Raquel Tardin. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

TARDIN, Raquel. **Ordenação sistêmica da paisagem: uma aproximação metodológica**. Em R. Tardin (Coord.), Análise, ordenação e projeto da paisagem: uma abordagem sistêmica (pp. 163-238). Rio Books/PROURB, 2018.

**ZONA Oeste à espera de parque**. Jornal do Commercio Online, Recife, 16 fev. 2014. Lazer. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/01/16/zona-oeste-a-espera-de-parque-113482.php>. Acesso em: 17 ago. 2022.

\_\_\_\_. **Plano Diretor do Recife**, lei n 17.511/2022. Recife, 2022.

# APÊNDICES

---

## APÊNDICE A – FONTES DAS ICONOGRAFIAS APRESENTADAS NA LINHA DO TEMPO

**Figura 21:** Pórtico da VI Exposição Nordestina de Animais em Recife. BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Hemeroteca Digital Brasileira. "Realizada, com invulgar brilhantismo, a VI Exposição Nordestina de Animais". Rio de Janeiro, jan. 1947. O Campo (RJ). p. 18. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/083291/15611>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

**Figura 22:** Dr Renato Farias e membros da comissão julgadora sob guarda-sol no parque. BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Hemeroteca Digital Brasileira. "Índice valioso da evolução da pecuária em Pernambuco". Rio de Janeiro, jan. 1946. O Campo (RJ). p. 34. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/083291/14983>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

**Figura 23:** Um setor da pista de desfile. BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Hemeroteca Digital Brasileira. "IV Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados: Pernambuco reafirma a grandeza da sua pecuária". Rio de Janeiro, jan. 1945. O Campo (RJ). p. 42. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/083291/14159>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

**Figura 24:** O ministro Apolônio Sales apreciando a novilha premiada. BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Hemeroteca Digital Brasileira. "IV Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados: Pernambuco reafirma a grandeza da sua pecuária". Rio de Janeiro, jan. 1945. O Campo (RJ). p. 42. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/083291/14159>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

**Figura 25:** Planta da Cidade do Recife e Arredores por Luiz Gonzaga de Oliveira. Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife. Recife: I.G.B. S/A.7 (1952).

**Figura 26:** Planta do Parque de Exposição da S.A.I.C. Departamento de Fomento Agro-pecuário, Cordeiro - Recife - PE. 1963. Acervo do Patrimônio Cultural (Unidade de Licenciamento em Zonas Especiais).

**Figura 27:** Cobertura aerofotogramétrica da área do Parque Professor Antônio Coelho. 1975. Acervo cartográfico da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco (CONDEPE/FIDEM).

**Figura 28:** Feira dos Municípios, Recife 28/10/1977 - Parque do Cordeiro. Recife e Olinda: registros do passado. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Recifeeolindaregistrosdopassado/photos/a.1620129631559095/1741598209412236>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

**Figura 29:** Levantamento aerofotogramétrico executado em 1980 por PROJETEC-Projetos Técnicos LTDA para Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Planejamento e Urbanismo - Empresa de Urbanização do Recife. 1980. Acervo do Patrimônio Cultural (Unidade de Licenciamento em Zonas Especiais).

**Figura 30:** Cobertura aerofotogramétrica da área do Parque Professor Antônio Coelho. 1996. Acervo cartográfico da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco (CONDEPE/FIDEM).

**Figura 31:** Sulanca - Recife, Cordeiro (1993) - Parque do Cordeiro. Recife e Olinda: registros do passado. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Recifeeolindaregistrosdopassado/photos/a.1620129631559095/2242329679339084/>>.

**Figura 32:** Mapa Base Imagem Satélite QB. 2002. ESIG Informações Geográficas do Recife. Disponível em: <<https://esigportal2.recife.pe.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=7f6ee791d4d94be4bcfd0bb93a162a9>>.

**Figura 33:** Mapa Base Ortofoto. 2013. ESIG Informações Geográficas do Recife. Disponível em: <<https://esigportal2.recife.pe.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=7f6ee791d4d94be4bcfd0bb93a162a9>>.

**Figura 34:** Imagem de satélite da área do Parque Professor Antônio Coelho. Google Earth Pro, 2020.

## APÊNDICE B – ESTUDOS

Figura 1: Primeiros estudos para área dos espelhos d'água. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 2: Croqui do pórtico tradicional com letreiro. Fonte: Rafaela Lins, 2023.

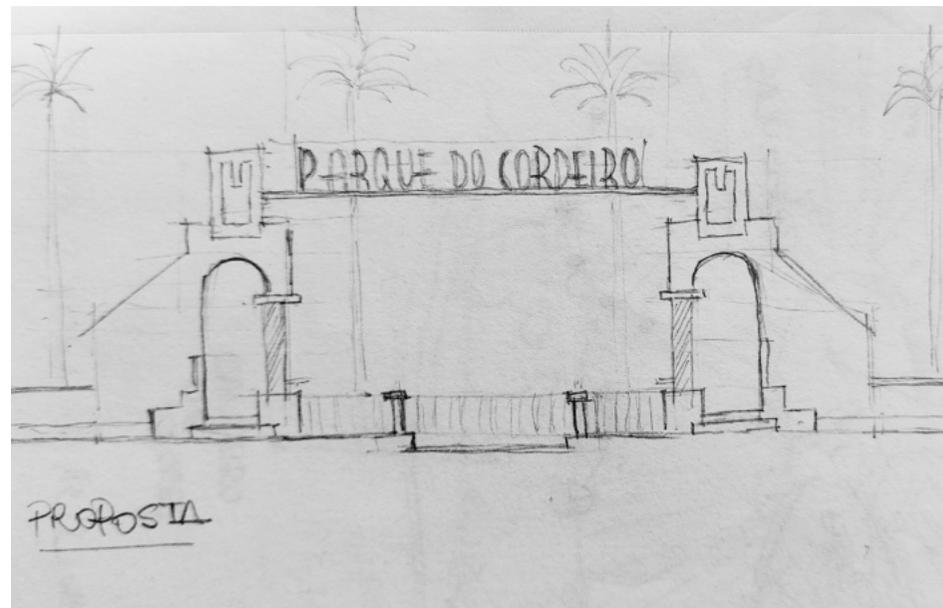


Figura 3: Croqui de estudo para muros do parque. Fonte: Rafaela Lins, 2023.

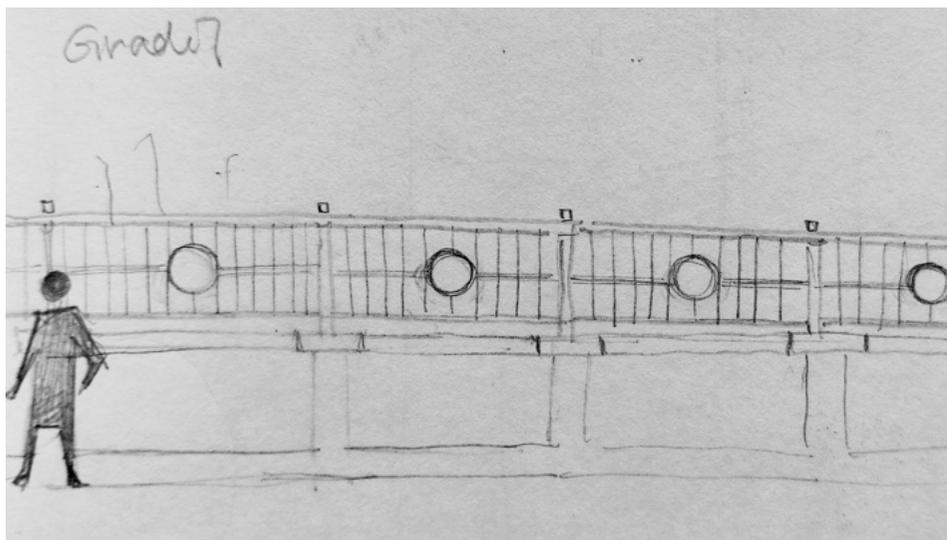
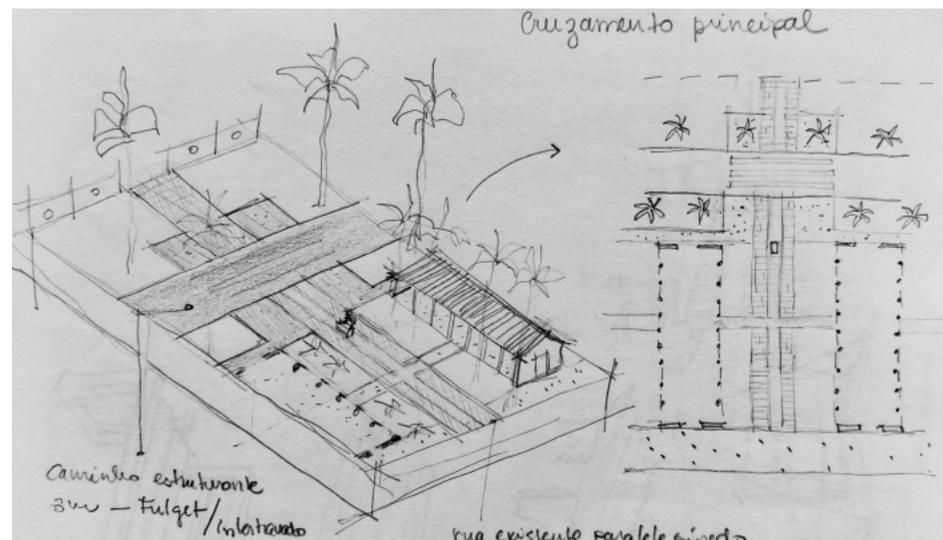


Figura 4: Croqui de estudo do cruzamento principal. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



## APÊNDICE B – ESTUDOS

Figura 5: Planta baixa dos primeiros estudos. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 6: Croqui do anfiteatro proposto na área. Fonte: Rafaela Lins, 2023.

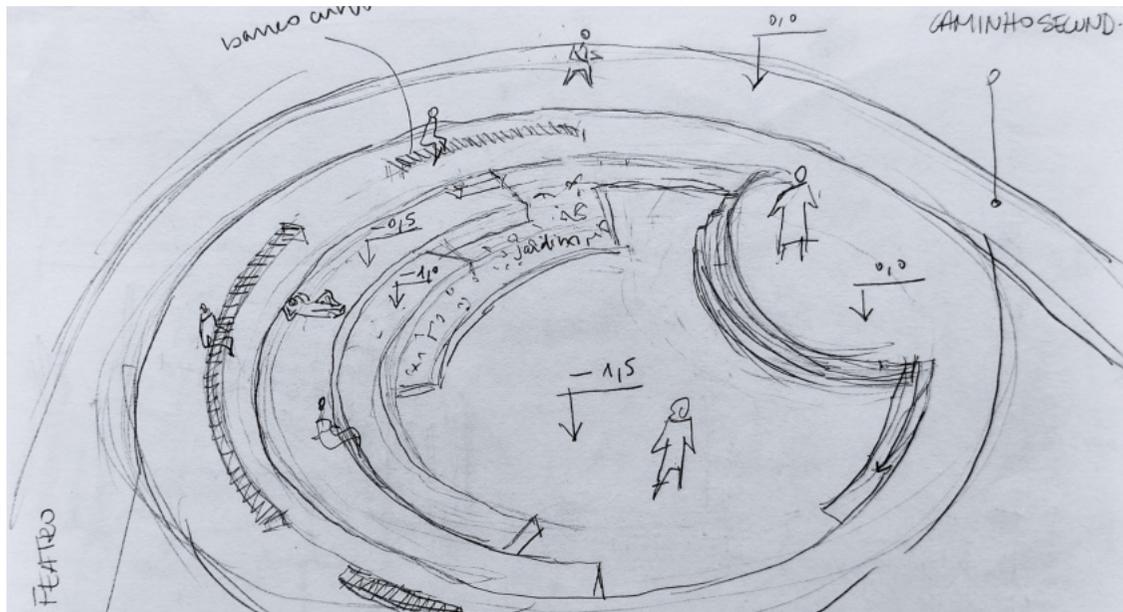
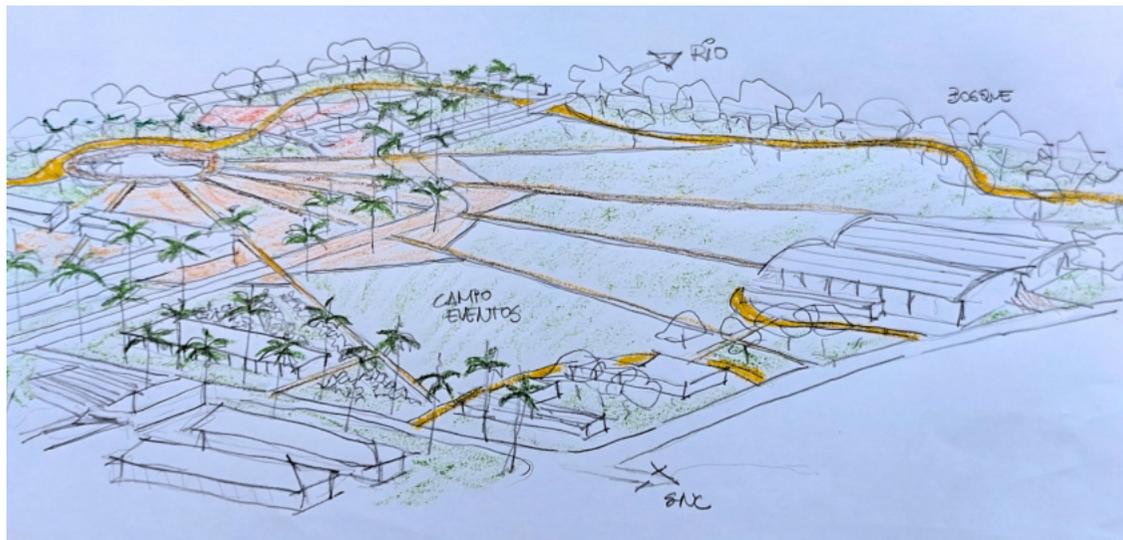


Figura 7: Croqui do campo de eventos proposto. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



## APÊNDICE B – ESTUDOS

Figura 8: Croqui da praça da feira. Fonte: Rafaela Lins, 2023.

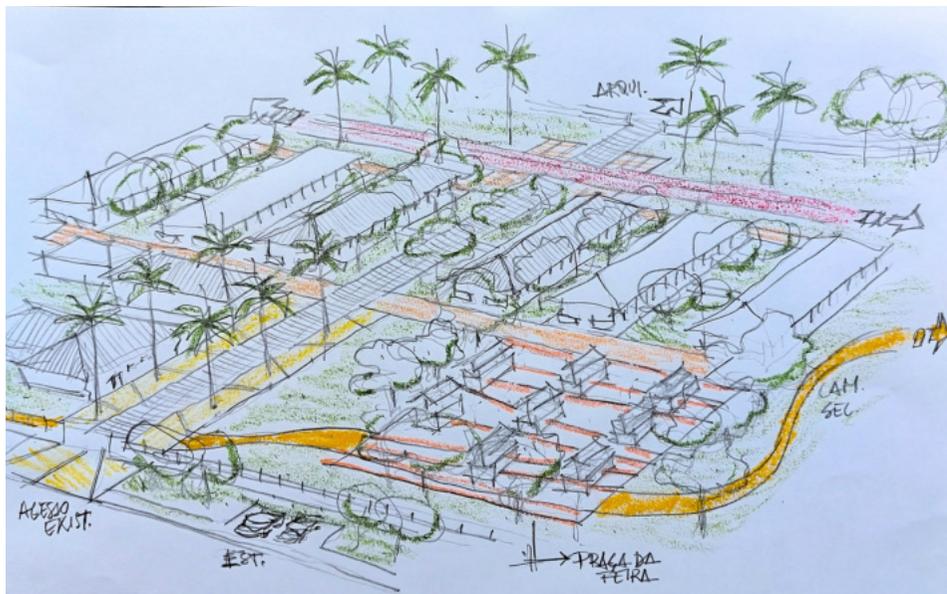


Figura 10: Croqui demonstrando vista do casarão e travessia. Fonte: Rafaela Lins, 2023.

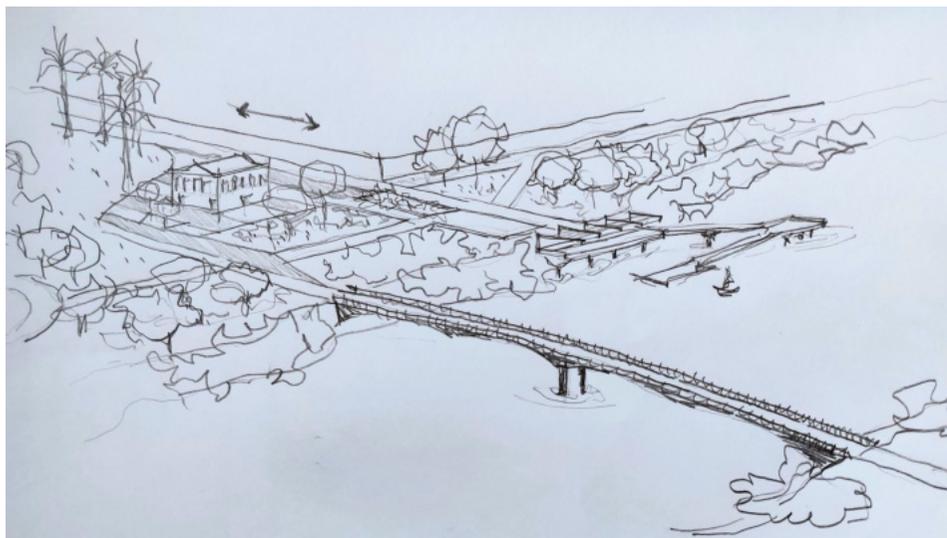


Figura 9: Croqui dos pavilhões do ateliê do parque. Fonte: Rafaela Lins, 2023.

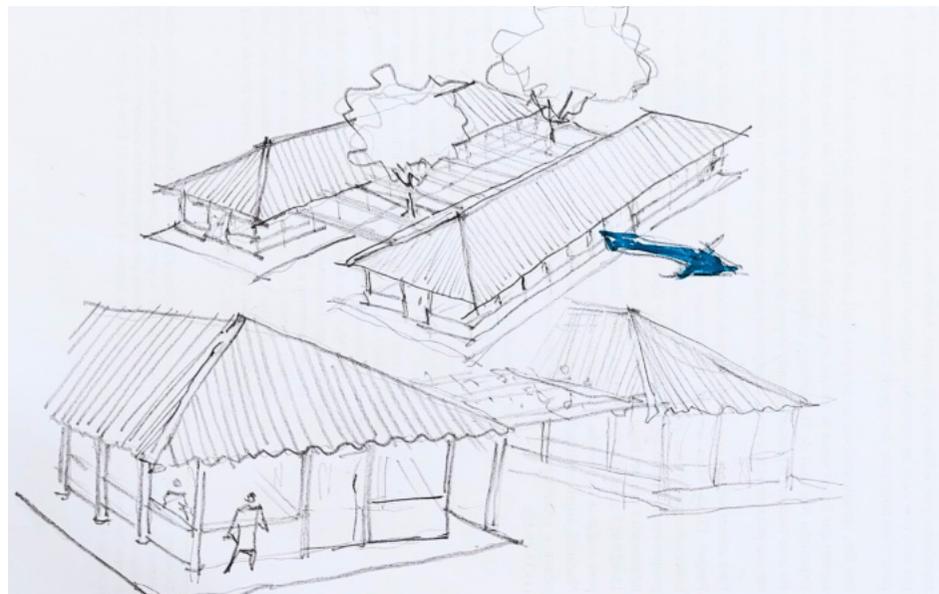
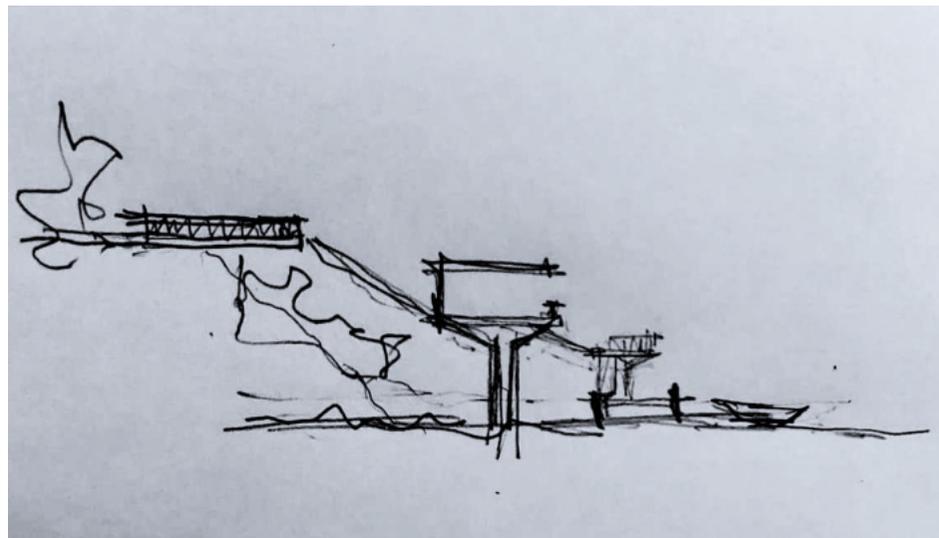


Figura 11: Croqui ideias para o mirante e píer flutuante. Fonte: Rafaela Lins, 2023.





**SETOR DA CONTEMPLAÇÃO E DOS SERVIÇOS**

1. Expresso Cidadão
2. Abrigo
3. Aspersores de água lúdicos e tanques com espécies aquáticas
4. Lago existente
5. Espaço loga e meditação no Parque
6. Redário
7. ADAORO
8. Sanitários públicos
9. Administração do parque
10. Banco do Brasil
11. Jardim das mangueiras e espelhos d'água existentes
12. Praças de entrada
13. Posto VEM Estudantil
14. Monumentos e esculturas
15. Espaços intermediários de acolhida
16. Pórtico
17. Estacionamento aberto

**SETOR DO ENSINO, PRODUÇÃO E EXPOSIÇÃO**

36. Meliponário
37. Cooperativa de Apicultores e loja
38. Campos de flora apícola
39. Cooperativa do MTSI e União dos Pequenos Produtores Rurais (UNIPROPE)
40. Administração da sementeira
41. Cisterna
42. Orquidário
43. Minhocário
44. Galpão de mudas e estufas
45. Área de Plantio - Sementeira
46. Galpão de exposição
47. Balança
48. Área caminhões - descarga de animais
49. Curral
50. Campo de eventos múltiplos / Área de exposição agropecuária flexível
51. Bosque de árvores frutíferas
52. Administração - Horta
53. Galpão - Horta
54. Área de cultivo da horta comunitária
55. Praça do ensino
56. Escola Técnica e Centro de Pesquisa Ambiental
57. Acesso cobertura - Mirante da Escola
58. Estacionamento fechado - Eventos

**ACESSOS**

- |                                       |                               |
|---------------------------------------|-------------------------------|
| <b>ACESSO PÚBLICO</b>                 | <b>ACESSO RESTRITO</b>        |
| A1. Geral tradicional                 | A4. Vila do Parque            |
| A2. Geral existente (Banco do Brasil) | A9. Serviço SNC               |
| A6. Geral proposto                    | A11. Serviço SNC              |
| A8. Geral proposto                    | <b>ACESSO ESTACIONAMENTOS</b> |
| A12. Geral tradicional                | A4. Banco do Brasil           |
|                                       | A9. Restaurante               |
|                                       | A10. Geral - parque           |

**SETOR DA TRADIÇÃO**

18. Pavilhões para feiras itinerantes (exposição) e campo de futebol (cotidiano)
19. Arena polivalente - pista de desfile e julgamento (exposição) e campo de julgamento
20. Área para tendas de julgamento
21. Arquibancada existente
22. Estacionamento Banco do Brasil (realocação)
23. Centro de Equoterapia
24. Cavalariças
25. Praça do Cavalo Branco
26. Vila do Parque

**SETOR INSTITUCIONAL**

27. ASSEPPRA
28. Associação dos Portadores de Parkinson de Pernambuco
29. Praça da feira
30. Ateliê do Parque
31. Casa do Produtor
32. Espaço de eventos das associações
33. Posto Policial
34. Sociedade Nordestina de Criadores
35. Estacionamento SNC

**PARQUE DO LAZER, CULTURA E INFÂNCIA**

59. Estacionamento - Restaurante
60. Restaurante Recanto dos Pássaros
61. Praça espaço gastronômico
62. Quiosques
63. Praça de eventos
64. Anfiteatro
65. Quadras infantis
66. Praça da infância
67. Pérgolas
68. Traversia elevada

**PARQUE DAS ÁGUAS**

69. Ruínas do Casarão do Engenho do Cordeiro e memorial do parque
70. Praça do Casarão
71. Jardins drenantes
72. Varanda para o rio
73. Traversia de mobilidade ativa para o Poço da Panela
74. Arquibancada para o rio
75. Pier flutuante
76. Parcão
77. Quadras de vôlei de praia
78. Playground

**OUTROS**

79. Terreno potencial para realocação de moradias;

**VEGETAÇÃO**

- Vegetação complementar proposta
- Vegetação de potencial floral proposta
- Vegetação existente

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO (CAC)**

APÊNDICE C - PARQUE DO CORDEIRO: UM ESPAÇO PARA SER VIVIDO

ENDERECO: Parque Professor Antônio Coelho, Cordeiro Recife-PE  
 ETAPA: Diretrizes de intervenção - Plano Geral

DISCIPLINA: Trabalho de Conclusão de Curso II  
 CURSO: Graduação em Arquitetura e Urbanismo

ESTUDANTE: Rafaela Silva Lins  
 DATA: Setembro/2023  
 PRANCHA: 1/1



## APÊNDICE D – PERSPECTIVAS

Figura 1: Vista voo de pássaro do parque. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 2: Vista do acesso da Av. Caxangá. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 3: Vista voo de pássaro dos espelhos d'água. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 4: Vista dos tanques e aspersores d'água. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



## APÊNDICE D – PERSPECTIVAS

Figura 5: Vista voo de pássaro do lago. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 6: Vista do espaço de yoga e meditação. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 7: Vista do caminho secundário sob abrigo. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 8: Vista das cavalariças e arena polivalente. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



## APÊNDICE D – PERSPECTIVAS

Figura 9: Vista do passeio junto à arena. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 10: Vista voo de pássaro de trecho do parque. Fonte: Rafaela Lins, 2023.

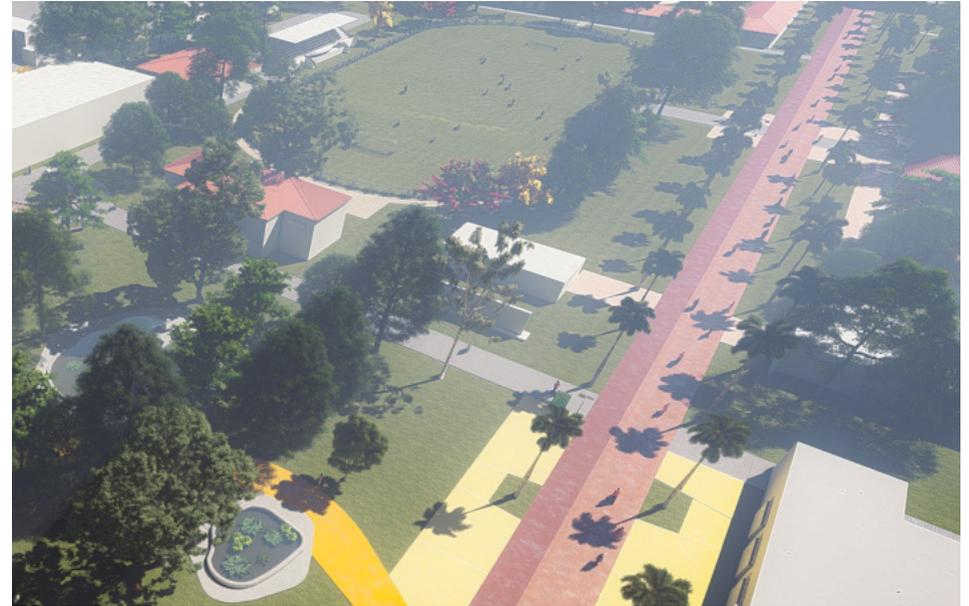


Figura 12: Vista da arquibancada. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 11: Vista de acesso lateral proposto na R. Antero Mota. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



## APÊNDICE D – PERSPECTIVAS

Figura 13: Vista da quadra poliesportiva infantil. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 14: Vista da área infantil proposta. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 15: Vista do bosque de frutíferas e sinalização proposta. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 16: Vista do acesso da Av. Maurício de Nassau. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



## APÊNDICE D – PERSPECTIVAS

Figura 17: Vista da horta comunitária proposta. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 18: Modelagem do casarão do Cordeiro em estado de ruína. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 19: Vista do mirante proposto. Fonte: Rafaela Lins, 2023.

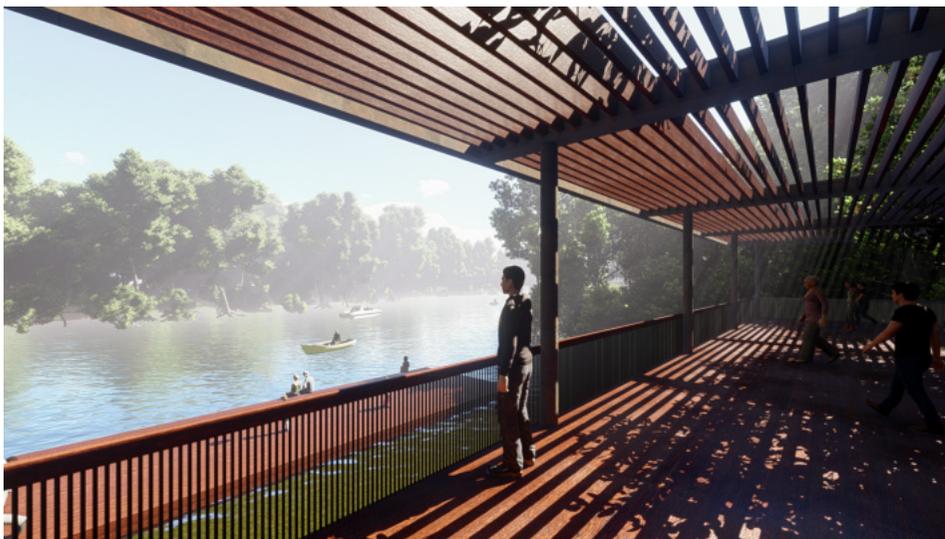


Figura 20: Vista píer flutuante proposto. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



## APÊNDICE D – PERSPECTIVAS

Figura 21: Vista pavilhões para feiras intinerantes.  
Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 22: Vista da horta comunitária, fundo escola técnica e centro de pesquisas.  
Fonte: Rafaela Lins, 2023.



Figura 23: Vista voo de pássaro do lago. Fonte: Rafaela Lins, 2023.

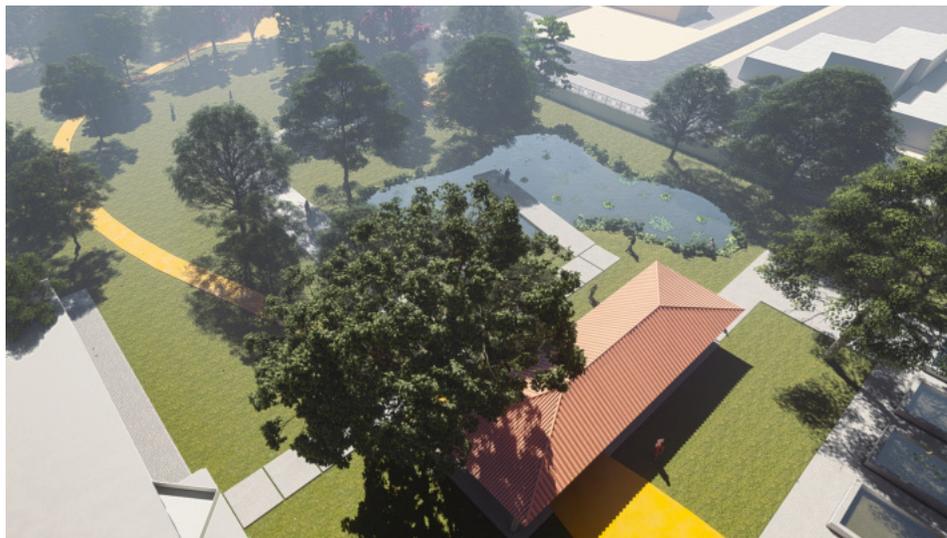


Figura 24: Vista do anfiteatro e área da primeira infância. Fonte: Rafaela Lins, 2023.



# APÊNDICE E – CONSULTA À POPULAÇÃO

## 1. Gênero

- Masculino  
 Feminino

## 2. Faixa etária

- Jovem  
 Adulto  
 Idoso

## 3. Você é morador do Cordeiro?

- Sim  
 ATÉ 5 ANOS  
 DE 5 - 10 ANOS  
 DE 10 - 20 ANOS  
 +30 ANOS

Não

Em qual bairro reside?

\_\_\_\_\_

## 4. Para você, qual o maior ponto de referência do bairro? (Se for morador)

\_\_\_\_\_

## 5. Você costuma frequentar os espaços públicos do bairro do Cordeiro?

Não frequento nenhum lugar. Por que? \_\_\_\_\_

Sim.

Então, quais espaços você frequenta?

Parque ou praça: \_\_\_\_\_  Centro comunitário: \_\_\_\_\_  Feiras/Mercado: \_\_\_\_\_  Outro: \_\_\_\_\_

## 6. Você conhece o Parque do Cordeiro? / Parque Professor Antônio Coelho Sim. Não.

Se sim, costuma visitar ele?

Não. Por que? \_\_\_\_\_ O que falta nesse espaço para você visitá-lo? \_\_\_\_\_

Sim. Em que período e turno?  Durante a semana;  Nos finais de semana;  Manhã;  Tarde;  Noite;

7. O que costuma fazer? \_\_\_\_\_

8. O que você gosta no Parque do Cordeiro? \_\_\_\_\_

9. E o que você não gosta? Quais problemas você vê nele? \_\_\_\_\_

10. Você lembra de algo importante relacionado ao parque ou à festa de exposição? \_\_\_\_\_

11. Que tipo de serviço ou espaço você sente falta neste parque? \_\_\_\_\_